

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

INEZ HELENA GARCIA

**BIBLIOTERAPIA: percepções dos discentes dos cursos de
Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de
Santa Catarina**

**Florianópolis
2014**

INEZ HELENA GARCIA

**BIBLIOTERAPIA: percepções dos discentes dos Cursos de
Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de
Santa Catarina**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, sob orientação da Prof^a. Dra. Clarice Fortkamp Caldin.

**Florianópolis
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Garcia, Inez Helena

Biblioterapia : percepções dos discentes dos cursos de
Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de
Santa Catarina / Inez Helena Garcia ; orientadora, Clarice
Fortkamp Caldin - Florianópolis, SC, 2014.
198 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação.

Inclui referências

1. Ciência da Informação. 2. Biblioterapia. 3.
Representação Social. 4. Formação acadêmica - Bibliotecário.
5. Campo de atuação - Bibliotecário. I. Caldin, Clarice
Fortkamp. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III.
Título.

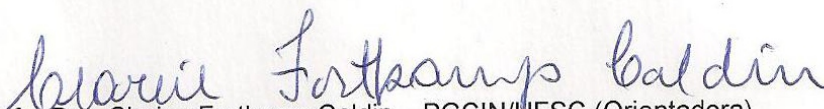
INEZ HELENA GARCIA

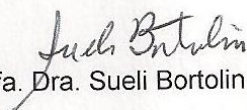
**BIBLIOTERAPIA: percepções dos discentes dos
cursos de Biblioteconomia das Universidades
Federal e Estadual de Santa Catarina**


Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento a requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
EM FLORIANÓPOLIS 16 DE DEZEMBRO DE 2014

Profa. Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues PGCIN/UFSC
Coordenadora do Curso


Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin – PGCIN/UFSC (Orientadora)


Profa. Dra. Sueli Bortolin – PPGCI/UFL


Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza – PGCIN/UFSC


Profa. Dra. Miriam Figueiredo Vieira da Cunha – PGCIN/UFSC

Dedico este trabalho aos entrevistados desta pesquisa, e aos meus sobrinhos **Tatiane, Fabrício, Rogério, Larissa Leandra** para que nunca desistam dos seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela infinita bondade de me conceder a vida e cuidado diante de todas as situações e decisões nesta caminhada.

Aos meus pais Divino e Geralda (*in memorian*), pela oportunidade de me acolherem em suas vidas e me proporcionarem uma base de educação com respeito pelo ser humano e pela vida.

Aos meus irmãos Luiz, Eliane, Leandro e Fabiana, aos meus sobrinhos de sangue e de coração, e aos familiares pelo amor, cuidado, apoio e compreensão.

Em especial ao irmão Wagner, pelo incentivo, custeio dos meus estudos na adolescência e por me aconselhar a não desistir de concluir o ensino profissionalizante (magistério), que me levou a ter uma profissão e por meio dela ter autonomia e chegar até aqui, a você sou toda gratidão!

À minha cunhada Celina, pelo cuidado e convite para almoçar ou tomar um café com bolo, sempre deliciosos!

Aos amigos e em especial:

Liliane (Paquita), pela amizade de longa data e por me ajudar nos meus desatinos pessoais, profissionais e de estudo.

Ana Claudia, pela amizade, por me motivar e apoiar no período das disciplinas e pelo suporte quanto ao Discurso do Sujeito Coletivo.

Natali, pela amizade, disponibilidade em me ouvir e companhia em momentos de descontração.

Jamir, pela amizade, carinho e cuidado.

Alexandre, por compartilhar das angústias da vida de um mestrando, pelas risadas e carinho.

Aos discentes entrevistados, por se disponibilizarem a participar desta pesquisa e contribuírem com seus discursos para que ela se tornasse realidade.

À Mari e Ramyor pelo apoio com a tradução do resumo.

À Prof. Clarice, pela orientação e pontuações necessárias na dissertação.

Aos professores do PGCIN, pelos ensinamentos.

Aos professores Francisco, Miriam e Sueli Bortolin por aceitarem participar da banca e pelas contribuições que só enriqueceram a dissertação.

A todos que de alguma forma e a sua maneira me apoiaram neste processo, minha gratidão!

“Regar uma alma com uma história é
como hidratar uma experiência humana.”
(Regina Machado)

GARCIA, Inez Helena. **Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina.** 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

A biblioterapia vale-se da leitura, narração ou dramatização de histórias como possível instrumento de transformação social, pois intenta que o indivíduo atinja a catarse, desenvolva a imaginação e a reflexão, o que contribui para a convivência (consigo mesmo e com o outro) e também para minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes de problemáticas sociais enfrentadas pelo homem. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar quais são as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da biblioterapia, e, como objetivos específicos, levantar suas opiniões sobre a biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário; levantar suas opiniões a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais nas práticas de biblioterapia. A metodologia utilizada foi a Análise do Discurso, que utiliza a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo cujo fundamento é a Teoria das Representações Sociais. É uma pesquisa exploratório-descritiva e de caráter qualitativo. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados um questionário e um formulário de entrevista. Com esta pesquisa obteve-se análises comparativas dos discursos acerca da representatividade que a biblioterapia tem para os discentes de biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina. Conclui-se que os discentes de Biblioteconomia reconhecem a importância da Biblioterapia para a sociedade, apesar de ser considerada uma área ainda incipiente. O estudo demonstra que, na opinião dos discentes, a biblioterapia é um campo fértil de atuação do

bibliotecário e que é fundamental que ele interaja com outros profissionais.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Formação acadêmica. Representação social. Campo de atuação do bibliotecário.

GARCIA, Inez Helena. **Bibliotherapy**: the student's perceptions of the the librarianship courses of the Federal and State Universities of Santa Catarina. 2014. 195 f. Treatise (Master's degree in Information Science) – Post Graduation Program in Science Information, Federal University of Santa Catarina, 2014.

ABSTRACT

The Bibliotherapy utilizes reading, narrative or dramatization of stories as a possible instrument of social transformation, because it attempts that the individual reaches catharsis, develop imagination and reflection what contributes to coexistence (with self and with others) and also to minimize feelings as anguish, isolation, physical and emotionals fragilities arising from social problematics faced by human beings. This research has as general objective investigate what is the perception that the librarianship students of Federal and State Universities of Santa Catarina have about bibliotherapy and how specific objectives raise their opinions about bibliotherapy as an operation field to librarians; raise their opinions about the professional librarianship interaction with others professionals at the bibliotherapy practices. The methodology used was the speech analysis, who use the technique of Collective Subject Speech whose fundamentals is the Social Representations Theory. It is an exploratory-descriptive research with a qualitative character. As a research tool it was used a questionnaire and an interview formulary. With this research it was obtained a comparative analysis of the speeches about the representativity that the bibliotherapy has to the librarianship students from the Federal and State Universities from Santa Catarina. It's concluded that the librarianship students recognize the bibliotherapy meaning to society, in spite of be considered an area yet incipient. The study demonstrate that in student's opinion the bibliotherapy is an prolific field to the librarian actuation and It's fundamental the interaction with other professionals.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Academic Formation. Social Representation. Librarian's actuations field.

GARCIA, Inez Helena. **Biblioterapia**: percepciones de los estudiantes del cursos de Biblioteconomía de las Universidades Federal y del Estado de Santa Catarina. 2014. 195 f. Disertación (Maestría en Ciencias de la Información) – Programa de Posgrado em Ciencias de la Información, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

RESUMEN

La biblioterapia se vale de la lectura, narración o dramatización de historias como posible instrumento de la transformación social, pues intenta que el individuo alcance la catarsis, desarrolle la imaginación y la reflexión, lo que contribuye para la convivencia (con uno mismo y con el otro) y también para minimizar los sentimientos de angustia, aislamiento, fragilidad física y emocional, decurrentes de problemáticas sociales enfrentadas por el hombre. Esta investigación tiene como objetivo general investigar cuáles son las percepciones que los estudiantes de los cursos de Biblioteconomía de las Universidades Federal y del Estado de Santa Catarina tienen de la biblioterapia y como objetivos específicos levantar sus opiniones sobre la biblioterapia como campo de actuación del bibliotecario; levantar sus opiniones acerca de la interacción profesional del bibliotecario con otros profesionales en las prácticas de biblioterapia. La metodología utilizada fue el Análisis del Discurso, que utiliza la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo cuyo fundamento es la Teoría de las Representaciones Sociales. Es una investigación exploratorio-descriptiva y de carácter cualitativo. Como instrumento de investigación fue utilizado un cuestionario y un formulario de entrevista. Con esta investigación se obtuvo análisis comparativos de los discursos acerca de la representatividad que la biblioterapia tiene para los estudiantes de biblioteconomía de las Universidades Federal y del Estado de Santa Catarina. Se concluye que los estudiantes de biblioteconomía reconocen la importancia de la Biblioterapia para la sociedad, aunque sea considerada un área aún incipiente. El estudio demuestra que, en la opinión de los

estudiantes, la biblioterapia es un campo fértil de actuación del bibliotecario y que es fundamental que él interaccione con otros profesionales.

Palabras clave: La biblioterapia. Lectura. Educación.
Representación social. Campo de actuación del bibliotecario.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos da Biblioterapia	34
Quadro 2 – Características dos três tipos de Biblioterapia ..	39
Quadro 3 – Disciplinas de cunho humanístico – Biblioteconomia UFSC	50
Quadro 4 – Disciplinas de cunho humanístico – Biblioteconomia UDESC	53
Quadro 5 – Trabalhos de Conclusão de Curso de Biblioterapia	57
Quadro 6 – Entrevistados e Universidade por fase e/ou período	76

LISTA DE SIGLAS

ALA - *American Library Association*

BN – Biblioteca Nacional

BRAPCI – Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

CES – Conselho Estadual de Educação

CFE – Conselho Federal de Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

ECH – Expressões-Chave

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

ID – Ideias Centrais

IES – Instituição de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

NUCEPE – Núcleo Cearense de Pesquisa da Criança

PGCIN – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

PGI – Programa de Gerenciamento Integrado

SUS – Sistema Único de Saúde

TCCs – Trabalhos de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	23
2	REVISÃO DE LITERATURA SOBRE BIBLIOTERAPIA.....	27
2.1	ORIGEM	29
2.2	CONCEITOS	33
2.3	TIPOLOGIAS E COMPONENTES	37
3	O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA	43
3.1	FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO	47
3.2	A BIBLIOTERAPIA COMO DISCIPLINA CURRICULAR	55
4	APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO	59
4.1	CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE	59
4.1.1	REALIDADE OBJETIVA.....	61
4.1.2	REALIDADE SUBJETIVA.....	63
4.2	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	64
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	69
5.1	TIPO DE PESQUISA	69
5.2	COLETA DE DISCURSOS	71
5.2.1	Pré-teste	73
5.2.2	Cuidados éticos	73
5.3	AMBIENTE E PARTICIPANTES DA PESQUISA	74
5.4	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	77
5.5	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DISCURSOS	79
6	DSC FINAL	81
7	INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	85
7.1	BIBLIOTERAPIA NA PERCEPÇÃO DO DISCENTE DE BIBLIOTECONOMIA	85
7.2	BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO.....	94
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	117
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO	118
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	119
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	120

APÊNDICE E – TRASNCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	121
APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	171

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Biblioterapia significa terapia por meio dos livros. Muito embora seja uma técnica antiga – pois o ser humano sempre sentiu prazer em compartilhar uma história, seja oralizada, seja impressa – recebeu esse nome no século XX e tem sido entendida como uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor (CALDIN, 2010).

Em algumas regiões do Brasil a Biblioterapia vem sendo realizada por profissionais bibliotecários que lideram projetos e frentes acerca da Biblioterapia, o que demonstra que ela está intimamente relacionada à área da Biblioteconomia, seja pela associação que se faz com livros e leitura, seja com a biblioteca enquanto instituição fomentadora do ato de ler.

De acordo com Pinto (2005) as experiências de Biblioterapia no Brasil se iniciaram em hospitais de São Paulo, João Pessoa e Belém. O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi pioneiro com a implantação de projetos interdisciplinares em hospitais, asilos e centros de crianças carentes que envolveram os cursos de Biblioteconomia, Letras e Psicologia, por intermédio do Núcleo Cearense de Pesquisa da Criança (NUCEPEC).

Porém, não há um curso específico na área da Biblioteconomia para formar ou capacitar profissionais para a sua utilização, muito embora tenha havido uma iniciativa isolada, em 2001 que se estendeu a 2002, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), liderada por uma professora do Curso de graduação em Biblioteconomia. Grosso modo, a Biblioterapia é realizada da maneira que cada profissional a entende. Isto implica dizer que tanto a disponibilização de um livro a uma pessoa, quanto à realização da leitura de determinada obra preestabelecida com fins terapêuticos vem sendo entendido como Biblioterapia.

Na ala pediátrica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina foi desenvolvido um projeto de Biblioterapia com as crianças internadas, coordenado por uma professora do Departamento de Ciência da Informação e executado por acadêmicos de diversas fases do Curso de Biblioteconomia da

Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 2001 e de março a maio de 2002 (CALDIN, 2002).

Esse projeto foi respaldado no Curso de Biblioterapia, ministrado pela coordenadora do projeto, com carga horária de 80 h/a. Em outubro de 2002 foi aprovada, como disciplina optativa da grade curricular do curso de Biblioteconomia da UFSC, a disciplina Biblioterapia, com 36 h/a semestrais (CALDIN, 2005). Ministrada a partir do primeiro semestre de 2003, professora e acadêmicos têm desenvolvido, desde então, atividades biblioterapêuticas em diversas instituições como creches, escolas, orfanatos, asilos, presídio feminino e na ala pediátrica do Hospital Universitário da UFSC.

De acordo com Caldin (2013) nos últimos quatro anos, como trabalho de conclusão de curso de graduação em Biblioteconomia foram realizadas aplicações de biblioterapia nos seguintes espaços: Centro Educacional Padre Jordan; Centro de Educação Infantil Santo Antônio; Creche do Centro Comunitário Monte Verde; Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz.

Atualmente tramita na Câmara dos Deputados o Projeto Lei n. 4.186/2012 que “Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS” (BRASIL, 2012, p. 1). Esta proposta demonstra o reconhecimento e importância da prática para a sociedade brasileira.

Apesar de a biblioterapia ser empregada por vários grupos sociais com fins terapêuticos, no Brasil a produção bibliográfica tem destacado a Biblioteconomia como área atuante na Biblioterapia, seguida da Psicologia (SILVA, 2005).

Pinto (2005) considera a biblioterapia como campo de atuação; afirma que de acordo desde 1904 passou a se constituir em disciplina do campo da Biblioteconomia como prática empírica, sendo utilizada em bibliotecas públicas e em hospitais da época, realizada por profissionais bibliotecários.

As motivações que despertaram o interesse da pesquisadora pela biblioterapia se devem ao fato de como bibliotecária, perceber a importância da leitura, e o papel desta como apoio ao ser humano em seu desenvolvimento emocional, pessoal e profissional; e também por vivência pessoal, uma vez que passou por um processo de terapia no qual a leitura foi fundamental em seu tratamento e transformação.

Diante disso, e com base no pouco entendimento da Biblioterapia como prática profissional por parte dos profissionais bibliotecários é que se decidiu por investigar as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federais e Estaduais de Santa Catarina têm da biblioterapia.

Pensando na Biblioterapia como um novo campo de atuação para o bibliotecário, determinou-se como população de pesquisa os discentes de Biblioteconomia, pois entende-se que é desde a formação acadêmica que uma profissão se fortalece. O ambiente acadêmico suscita a reflexão, o surgimento de novas ideias, bem como há uma maior facilidade para participação em cursos e eventos da área, já que uma vez no mercado de trabalho o profissional se engaja em outras frentes, e infelizmente, acaba priorizando outras atividades voltando-se para a questão de se especializar na área que atua e o que desperta seu maior interesse.

Outro fator determinante para a escolha desta população foi o crescente número de produção acadêmica – Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), Artigos e Apresentações em Seminários e Congressos da área – sobre biblioterapia, o que demonstra forte interesse sobre o tema, seja em compreendê-la ou utilizá-la. Além disso, a produção científica, ainda que tímida, é crescente; uma consulta ao termo biblioterapia feita na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), no mês de outubro de 2014, apresentou vinte e dois trabalhos relacionados ao aspecto terapêutico da leitura, ou seja, versou sobre a biblioterapia.

A escolha pelas Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina se deu pela proximidade com o local, uma vez que a pesquisadora mora em Florianópolis, contexto em que se encontra o Programa de Pós-Graduação no qual a proposta de pesquisa está inserida. E também pelo fato de tanto a UFSC como a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) oferecerem o curso de Biblioteconomia e em uma delas – UFSC - constar na grade curricular a disciplina de Biblioterapia, oferecida em caráter optativo, que justamente por ser optativa permite que alunos de diversas fases do curso da UFSC, bem como alunos da UDESC nela se matriculem, e pela possibilidade de análises comparativas dos discursos que serão levantados com esta proposta de pesquisa.

A pesquisa tem como objetivo geral: investigar quais as percepções que os discentes dos Cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da Biblioterapia; e como objetivos específicos: levantar suas opiniões sobre a biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário; levantar suas opiniões a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais nas práticas de biblioterapia.

A metodologia utilizada foi a Análise do Discurso, que utiliza a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) na concepção de Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre (2012) e que está fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (2012).

É uma pesquisa exploratória e descritiva, e com abordagem qualitativa. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados um questionário de identificação (Apêndice B) e um formulário de entrevista (Apêndice C) para coleta de dados.

A dissertação divide-se em oito seções. A primeira trata das considerações iniciais apresentando o tema, a justificativa, os objetivos e a metodologia empregada. A segunda aborda a revisão de literatura acerca da Biblioterapia. Já a terceira seção trata do ensino de Biblioteconomia em Santa Catarina no que diz respeito à formação do profissional bibliotecário e a Biblioterapia como disciplina curricular. A quarta seção diz respeito ao aporte teórico e metodológico, e uma vez que não é objetivo deste estudo esgotar o assunto, traz uma breve introdução a respeito da construção social da realidade e das representações sociais. A quinta seção da dissertação trata dos procedimentos metodológicos. Já na sexta seção apresenta-se o DSC final, fruto das entrevistas realizadas. Na sétima seção é apresentada a interpretação do DSC. E, por fim, na oitava seção apresenta-se as considerações finais sobre o tema pesquisado. Complementam o presente trabalho as referências e os apêndices.

2 REVISÃO DE LITERATURA SOBRE BIBLIOTERAPIA

O tema leitura vem sendo abordado e discutido em diversas esferas, e é crescente o número de ações e eventos voltados para promoção e incentivo à leitura.

Ler é uma das atividades necessárias para o equilíbrio do corpo e da mente, e pode se configurar também, para além de um instante de relaxamento e conhecimento, como um elemento de transformação, de promoção de bem-estar físico e mental, com função terapêutica e curativa, que pode auxiliar o homem a modificar seu destino diante das problemáticas sociais que se apresentam e que estão relacionadas a sentimentos de angústia, medo, isolamento, fragilidade física e emocional.

Para ilustrar, apresenta-se o depoimento de um dos maiores nomes da literatura infanto juvenil no Brasil, Bandeira (2014, grifo do autor):

Menino santista, caçula com irmãos muito mais velhos, não me lembro de sentir-me solitário, pois logo vivi cercado por uma multidão de companheiros: cacei onças com meu amigo Pedrinho, mergulhei nas águas claras dos riachos com minha namorada Narizinho, rolei de rir com as “asneiras” da Emília, voei em cipós com Tarzan e seus macacos, esgriemi contra os aristocratas com Scaramouche e contra os “guardas do cardeal” com Dartagnan, estive preso na ilha de If com o Conde de Montecristo, fugi de Javert com Jean Valjean, sobrevivi numa ilha deserta com Robinson Crusoe, persegui Moby Dick com um comandante maluco de uma perna só, fui enganado pelo fantástico pirata Long John Silver, ajudei Miles Hendon a proteger o príncipe nas roupas do mendigo, vagabundeei pelo Mississipi com Huck e Tom Sawyer, demoli moinhos de vento com a lança de Don Quixote, espionei Arsène Lupin roubando colares de diamante, ajudei Quasimodo a badalar seus sinos pelo amor da cigana Esmeralda, enregelei-me no Alasca afagando o pêlo espesso de Caninos Brancos e cavaleguei destemido pelos

Pedro Bandeira, assim como tantas outras crianças e adolescentes encontrou na leitura seu refúgio, proteção, uma nova maneira de viver e encarar a vida e tudo que nela se apresentou, ou seja, por meio da leitura visitou lugares onde existe o belo, experimentou cheiros, gostos, cores, aventuras e conheceu mundos diferentes do cenário de sua realidade. É provável que isso de alguma forma fez a diferença em sua vida adulta, o transformou, o melhorou enquanto ser humano que é.

As leituras de histórias são misteriosas, poderosas e operam silenciosamente, de forma invisível, uma vez que utilizam todos os materiais internos da mente e do ser, tornando-se parte do leitor ou do ouvinte ao mesmo tempo que o transformam. Ler ou ouvir uma história cria uma parceria entre aquilo que está escrito e aquilo que é imaginado (OKRI, 1996 apud PERROW, 2013).

O ato de ler ou ouvir uma história é parte essencial para o desenvolvimento do homem em sua totalidade, uma vez que o torna sábio, o mune com o conhecimento necessário para seguir a sua caminhada pela vida. Por meio da leitura o homem torna-se capaz de construir, imaginar outras possibilidades e sonhar; e assim, encontrar mobilidade no tabuleiro social, começando a pensar, em tempos em que o pensamento se faz raro (PETIT, 2008; MACIEL, 2012; ALMEIDA; BORTOLIN, 2013).

Em culturas tradicionais da história humana, velhos sábios fizeram uso de metáforas e histórias no desenvolvimento de seu papel de mentores e guias para as crianças de suas tribos e comunidades. Por meio de contos de sabedoria atingiram a realidade imaginativa das crianças, levando-as à transformação de comportamento e condução de vida de forma positiva e afirmativa (PERROW, 2013).

De acordo com Caldin (2010, p. 65) a leitura por meio do uso de material ficcional possibilita ao ser humano o restabelecimento do equilíbrio de sua existência, pois uma vez que se envolve com a leitura, se esquece do “rolo compressor da tecnologia e volta-se para si mesmo como fonte de conhecimento” (introspecção), harmonização com a “essência de existir (pela identificação com as personagens) e se libera (pela catarse)”.

A utilização da leitura como função terapêutica tem sido abordada por diversos autores como (OUAKNIN, 1996; PEREIRA, 1996; WITTER, 2004; SUNDERLAND, 2005; SEITZ, 2006; CALDIN, 2010; BERNARDINO; ELLIOT; ROLIM NETO, 2012, JERÔNIMO et al, 2012), estando mais voltada e centrada em hospitais, escolas, centros de recuperação, asilos, presídios.

Neste sentido, a Biblioterapia tem se configurado como uma dessas ações que utilizam a leitura de textos literários como ferramenta, e seja por meio da leitura dirigida e/ou individual¹ vem conquistando um espaço privilegiado com possibilidade de proporcionar transformação na sociedade.

Assim, atividades que envolvam a leitura e/ou a promoção desta, passam a ter um valor considerável para a atual sociedade, e torna-se importante entender como acontecem as ações que utilizam este recurso com poder transformador. Como é o caso da Biblioterapia, que como já foi mencionado inicialmente é uma terapia por meio de livros (OUAKNIN, 1996), que utiliza a leitura, dramatização ou narração de histórias no seu desenvolvimento, operando no leitor e/ou ouvinte o efeito de placidez, pois possui a “virtude de ser sedativa e curativa” (CALDIN, 2001a, p. 1).

Então, para melhor compreensão sobre a Biblioterapia, pautada no contexto de pesquisa aqui proposto serão verificados sua origem, conceitos, tipologias e componentes.

2.1 ORIGEM

A Biblioterapia se configura como contribuição terapêutica para minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes de problemáticas sociais enfrentadas pelas pessoas na atual sociedade. De acordo com a literatura sobre o assunto, tal prática traz resultados positivos que se refletem na qualidade de vida do ser humano e o seu entorno.

Em épocas remotas alguns povos já consideravam a leitura como medida terapêutica no tratamento de doentes, sendo possível encontrar bibliotecas antigas e medievais com

¹ Proust (1991 apud CALDIN, 2010, p. 65) concedeu propriedades medicinais à leitura individual. E sabe-se que muitos buscam na leitura individual conforto para suas angústias, de fato, sentem-se aliviados e revigorados depois de tal exercício.

inscrições que apontavam ao valor terapêutico da leitura. Para os gregos suas bibliotecas eram “repositório de remédio para o espírito” (PEREIRA, 1996, p. 36). Há três milênios, Ramsés II, faraó egípcio, mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: “Remédios para a Alma” (PEREIRA, 1996, p. 36).

A Abadia de São Gall, localizada na Suíça, e considerada uma das mais importantes da Ordem Beneditina, apresentava a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma”; ali textos sagrados eram recitados. Ainda hoje outros povos, praticantes de outras religiões ou filosofias de vida para além do Cristianismo, utilizam a leitura da palavra sagrada ou do trabalho desenvolvido a partir de textos de tradição oral, como função terapêutica. Um exemplo é do povo muçulmano, que conta com *muezims*² que lê o Corão para os doentes dia e noite nos hospitais do Cairo (MALTEZ, 2011). O que denota que a capacidade terapêutica do livro é antiga e como apontou Caldin (2010) tem origem nas antigas civilizações egípcia, grega e romana, pois estes povos consideravam as bibliotecas um espaço sagrado, repositório de textos cuja leitura possibilitaria um alívio das enfermidades, tão logo se pode considerar que é nas antigas civilizações que a Biblioterapia tem sua origem.

A invenção da imprensa tornou-se um marco importante para a Biblioterapia, pois com isso o livro deixou de ser uma raridade, uma preciosidade nas mãos de quem possuía poder econômico e tornou-se acessível a todos aqueles que desejassem ler e aprender. A tradução de muitas obras para a língua materna do país tornou o saber acessível a todos os que soubessem ler; ainda não muito longe no tempo, nas aldeias, havia alguém que lia o correio e as notícias para os restantes (MALTEZ, 2011).

No período que compreende a invenção da imprensa, tanto na França, Inglaterra e Itália, os livros foram utilizados para subsidiar o tratamento de doentes mentais, pois se considerava que a utilização da leitura relaxante apresentava situações afetuosas aos pacientes e auxiliava na recuperação fazendo surgir assim as bibliotecas nos hospitais (MALTEZ, 2011).

² Termo árabe que designa o arauto encarregado de anunciar, do alto dos minaretes (Torres de uma mesquita), a hora das preces obrigatórias para os muçulmanos. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/muezim/>.

Na América do Norte a Biblioterapia ressurgiu em meados do século XIX, por meio de trabalhos relacionando a biblioteca à ação terapêutica. Benjamim Rush, nos anos de 1802 e 1810, foi o primeiro médico a recomendar a leitura em hospitais, primeiramente como parte do tratamento para doentes comuns e posteriormente para doentes mentais. Um dos primeiros artigos sobre Biblioterapia foi escrito pelo médico John Minson Galt II, que também ficou conhecido em 1853 pelo ensaio que tratou da leitura, recreação e diversão para doentes mentais (ALVES, 1982).

Evidencia-se que as primeiras experiências em hospitais com a Biblioterapia foram realizadas por médicos americanos, no período de 1802 a 1853, que indicavam a seus pacientes, como parte do tratamento, a leitura de livros previamente selecionados de acordo com as necessidades individuais de cada um (SEITZ, 2006, p. 20).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a serviço da Cruz Vermelha, voluntários aplicaram a biblioterapia e ajudaram na construção de bibliotecas nos hospitais do exército para, com os livros, auxiliar na recuperação do grande número de vítimas de guerra. Enfermeiros e médicos americanos foram quem desenvolveram essa prática nos hospitais que se enchiam de soldados e civis. Nesses espaços a leitura era benéfica e calmante para os que estavam em sofrimento (MALTEZ, 2011).

Os registros históricos da Biblioterapia demonstram sua continuidade ao longo dos tempos, e para compreender a sua evolução na forma comum de leitura direta e discussão de grupo, se faz importante verificar os campos principais de sua atuação, seja na Biblioteconomia, seja na Psicologia (PEREIRA, 1996, p. 38).

No campo da Biblioteconomia está relacionada com o início do Serviço de Referência, quando *Justin Winsor* da *Havard University* em 1877, possibilitou a circulação dos livros entre os estudantes. Nessa época a expressão Serviço de Referência passou a ser utilizada para substituir as expressões Ajuda aos leitores e Assistência aos leitores. Importante frisar que aproximadamente em 1900, o serviço de referência já era disponibilizado na Biblioteca Pública de Detroit e suas filiais, e cinco anos após foi estabelecido o cargo de Anfitriã Bibliotecária, na Biblioteca Pública de Washington DC que tinha como função guiar seus visitantes e era um cargo diretamente ligado ao

Serviço de Referência e em 1945 foi considerado um cargo de circulação de leitores (PEREIRA, 1996, p. 40).

Assim, ajudar ou assistir aos leitores promovendo programas de leitura para grupos variados naquela época eram consideradas atividades precursoras da biblioterapia; como é possível verificar na literatura, muitos dos serviços de aconselhamento ao leitor nos anos 1940 foram integrados ao Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas (PEREIRA, 1996).

Porém, somente em 1914, é que ocorreu o reconhecimento oficial da Biblioterapia como ramo da Biblioteconomia, e a definição do termo como o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais constante no dicionário médico *Dorland's illustrated medical dictionary* data de 1941 (ALVES, 1982).

Na Psicologia, a Biblioterapia origina-se da terapia em grupo que por sua vez surgiu após a Segunda Guerra Mundial. As consequências da guerra trouxeram muitas mudanças e as terapias individuais não eram suficientes para dar conta da quantidade de novos pacientes no pós-guerra. Após essa época, a produção de trabalhos a respeito da Biblioterapia foi significativa, sendo desenvolvida e publicada por áreas como a Enfermagem, Terapia Ocupacional, Psiquiatria e Educação, denotando o caráter interdisciplinar da Biblioterapia (PEREIRA, 1996).

A *American Library Association* (ALA) foi uma das primeiras organizações profissionais a promover a terapia por meio da leitura e que criou o *American Library Association Bibliotherapy Committee*. A partir disso, a Biblioterapia consegue reconhecimento oficial se tornando importante e se desenvolvendo enquanto prática juntamente com a medicina, quanto no trabalho conjunto entre bibliotecários e psicólogos (MALTEZ, 2011).

Apesar de não haver um consenso em relação a isso, fica notória a percepção de sua importância desde a antiguidade até os dias atuais para a sociedade, seja para aqueles que a utilizam como ferramenta ou para aqueles que aproveitam os seus benefícios.

Desta forma, o que se percebe no século XXI é que a Biblioterapia vem conquistando espaço e buscando se firmar como área do conhecimento, e campo de atuação dos

profissionais que dela fazem uso, e por isso importante se faz apresentar o que há na literatura acerca dos conceitos de Biblioterapia.

2.2 CONCEITOS

Conceituar não é tarefa fácil, ainda mais em se tratando de uma palavra tão simples e ao mesmo tempo tão recheada de significados, que proporciona àquele que a ouve, ou lê, um universo de entendimentos e suposições.

Neste sentido, Silva (2005, p. 15) afirma que:

Uma das características históricas principais de Biblioterapia é que é motivo de preocupação para os autores que a examinam está relacionada com a definição do termo. Portanto, é útil contextualizar a gênese de sua denominação e identificar as diferentes conceituações que procuram precisar o significado de Biblioterapia.

Assim, recebeu muitos outros termos como Bibliogomia, Biblioconselho ou Terapia Bibliotecária, antes de ser aceito o termo Biblioterapia, pois o consideravam muito amplo e vago, até mesmo sem sentido algum (PEREIRA, 1996).

A palavra biblioterapia foi utilizada pela primeira vez no “*Dorland’s Illustrated Medical Dictionary*, em 1941”, definindo Biblioterapia como “[...] emprego de livros e de leituras no tratamento de moléstias nervosas” (ORSINI, 1982, p. 145). Ainda de acordo com o autor no ano de 1961, o “*Webster’s Third New International Dictionary* usou o termo biblioterapia “pela primeira vez como uma palavra comum” e que a definia como “o uso de materiais de leitura selecionados como recursos terapêuticos na medicina e psiquiatria, bem como orientação na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida” (ORSINI, 1982, p. 145).

O termo biblioterapia origina do grego, *biblio* = livro e *oepanéia* = terapia, que quer dizer a terapia por meio de livros, ou seja, da leitura (OUAKNIN, 1996, p. 11).

“A palavra terapia origina-se da palavra grega para cura. No entanto, Biblioterapia não se restringe ao contexto cura,

mas vale também como descoberta do sentido verdadeiro do mundo” (PEREIRA, 1996, p. 49).

Pinto (2005, p. 31) entende biblioterapia como prática de leitura que faz uso de textos verbais e não verbais como coadjuvantes no tratamento de pessoas que foram acometidas por doenças físicas ou mentais, ou que passam por um momento de crise ou dificuldades relacionados à “exclusão ou integração social, afastamento do convívio familiar, entre outros”.

Para Seitz (2006) a Biblioterapia é “um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados, conduzidas e controladas como um tratamento, [...]”.

Caldin (2001a), nos estudos iniciais que realizou, baseando-se na tese de doutoramento de Caroline Shrodes (1949)³, sistematizou alguns conceitos acerca do termo Biblioterapia, de acordo com diversos autores conforme quadro 1.

Quadro 1 – Conceitos da Biblioterapia

Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.
L. H. Tweeffort	É um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.
Kenneth Appel	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.

Fonte: Adaptação de Caldin (2001), pela autora.

³ SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley, 1949.

Outros autores também apontaram seu conceito a respeito da Biblioterapia, definindo-a como uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias, bem como, de problemas pessoais (ORSINI; 1982); e como uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse (MATTEWS; LONSDALE 1992 apud CALDIN, 2001a).

Com base na leitura dos autores citados, Caldin (2001a) inferiu que biblioterapia se configura como “leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.”

Pode-se verificar que a Biblioterapia está sempre relacionada ao uso de livros e/ou leitura de forma terapêutica como auxílio e suporte no tratamento e desenvolvimento do ser.

Maltez (2011) ressalta que dos diversos conceitos que foram sendo emitidos ao longo dos tempos sobre Biblioterapia, todos sempre levam em consideração e têm por base quatro elementos essenciais: o livro como ferramenta de trabalho, o paciente com algum problema, o terapeuta para a realização da terapia e o processo metodológico que é o modo pelo qual acontece a terapia; em suma é como se esses fossem os pilares essenciais para o desenvolvimento da Biblioterapia.

A ALA (2014) define Biblioterapia como o uso de materiais de leitura selecionados como adjuvantes terapêuticos em medicina e psiquiatria; também utilizado na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida.

É importante lembrar que os conceitos apresentados, e que retratam o surgimento do termo, fazem menção ao espaço em que a Biblioterapia nascia, inicialmente nos hospitais, sendo praticada por profissionais de saúde. Porém, conforme a Biblioterapia passou a ser realizada por outros profissionais - como professores e bibliotecários, e a acontecer em outros espaços para além de hospitais - como escolas, bibliotecas, surgiu a necessidade de um conceito voltado para um contexto interdisciplinar, envolvendo profissionais de diversas áreas que se unem para dela fazer uso, e a utilizam da melhor maneira em sua totalidade e completude. Isso exige um olhar mais abrangente ao ato de fazer Biblioterapia, que ultrapassa a

simples utilização de textos e se volta também para o contexto social e real das pessoas envolvidas.

Assim é que vem sendo utilizada em hospitais, prisões, asilos, escolas e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados em drogas, como parte do tratamento.

Se com o passar dos tempos a Biblioterapia vem se expandindo e ganhado espaço, o mesmo acontece com o seu conceito, e com o entendimento que os profissionais que dela se apropriam passam a ter a respeito. Para muito além de terapia por meio de livros e leitura de textos ficcionais, na atualidade, ela passa a ter um contexto interdisciplinar como já dito anteriormente e que como bem conceituou Caldin (2010) a biblioterapia se volta para o cuidado com o desenvolvimento do ser humano, mediante a leitura, narração ou dramatização de histórias.

Quando se fala em cuidado, é importante pensar e conceituar o termo, principalmente neste contexto que se insere, pois não se está falando de um simples cuidado, mas sim do cuidado com o desenvolvimento humano, para o qual a Biblioterapia tem apontado possibilidades de desempenhar um papel fundamental.

Para Boff (2011, p. 33) “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.”

Carvalho (2004 apud CALDIN, 2010) ressalta que: cuidar envolve atos humanos no processo de assistir a pessoa, dotado de sentimento e fundamentado em conhecimento, envolve relacionamento interpessoal que é originado no sentimento de ajuda e de confiança, de empatia mútua e desenvolve-se com base em valores humanísticos e em conhecimento técnico-científico.

Em hospitais e Unidades de saúde, por exemplo, já se verifica ações voltadas para a humanização dos pacientes, ação integrada voltada totalmente para tornar o ato de cuidar mais humano, criando uma proximidade com o paciente. Na atual sociedade esta preocupação com o outro, com o cuidado do ser, é uma crescente que já se observa nas escolas e comunidades

em geral, por meio de ações de profissionais e demais envolvidos nesse processo.

Segundo Mostafa, Cruz e Benevenuto (2012, p. 1)

A biblioterapia é uma das vertentes da oralidade ou do ato de ler. Em sua vertente anglo-saxônica é uma técnica ou uma dinâmica de leitura em grupo usada como uma espécie de terapia em pacientes hospitalizados ou em condições de confinamentos variados.

Portanto, muito mais do que compreender o conceito do termo Biblioterapia, importa saber como esta acontece e quais as tipologias e componentes da Biblioterapia que vem sendo utilizadas desde o seu surgimento.

2.3 TIPOLOGIAS E COMPONENTES

A Biblioterapia vale-se da leitura, narração ou dramatização de um texto literário, e no receptor tal ação objetiva produzir um efeito terapêutico moderando as emoções⁴, a liberação da imaginação⁵, além de proporcionar a reflexão⁶ (CALDIN, 2010).

Assim, verificar quais as tipologias de Biblioterapia e como ela é composta de acordo com a literatura pesquisada, se faz importante para sua melhor compreensão, pois conforme Pereira (1996), de modo geral com base no âmbito de atuação profissional é possível categorizá-la em Biblioterapia Institucional, Biblioterapia Clínica e Biblioterapia Desenvolvimental.

A Biblioterapia Institucional é a que se refere ao uso de literatura – primeiramente didática – com clientes, individualmente, e que já se encontra institucionalizada. Inclui o uso médico tradicional de Biblioterapia cujos textos de higiene mental são recomendados a pacientes mentais. Isso caracteriza uma situação especial de prescrição de livros para doenças específicas. Este tipo de terapia é exercido por uma bibliotecária juntamente com um médico ou uma equipe médica. A meta é

⁴ Catarse

⁵ Identificação

⁶ Introspecção

principalmente informativa e recreativa, embora algum material interno possa ser oferecido. Este tipo de Biblioterapia não prevalece hoje, mas alguns programas semelhantes ainda existem. A Biblioterapia Institucional também inclui o uso da comunicação dos médicos com pacientes individuais, em práticas privadas (PEREIRA, 1996).

A Biblioterapia Clínica é a que se refere ao uso, numa primeira fase, da literatura imaginativa, com grupo de clientes com problemas emocionais ou comportamentais. Esses clientes podem ou não participar do programa voluntariamente. Os grupos podem ser liderados por um médico ou por um bibliotecário, mas geralmente são implementados por ambos, um consultando o outro. O ambiente pode ser um instituto ou uma comunidade, objetivando uma possível mudança no comportamento (PEREIRA, 1996).

A Biblioterapia Desenvolvimental refere-se ao uso de literatura de modo imaginativo e didático com grupos de indivíduos ditos normais. O grupo de Biblioterapia é designado e liderado pelo bibliotecário, professor ou outro profissional ajudante, para promover desenvolvimento normal e autoatuação ou para manter a saúde mental. A Biblioterapia desenvolvimental pode ajudar as pessoas em tarefas comuns, além de ajudá-las a suportar problemas individuais como divórcio, gravidez, morte e preconceitos, com refinamento das tarefas desenvolvidas (PEREIRA, 1996).

Para Pereira (1996), distinguir os três tipos de Biblioterapia é importante para a discussão da educação e conscientização do seu valor. Assim, a autora elaborou um quadro demonstrativo, em que é possível observar as características comuns aos três tipos aqui apresentados:

Quadro 2 – Características dos três tipos de Biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLINICA	DESENVOLVIMENTAL
FORMATO	Individual ou grupo geralmente passivo	Grupo ativo voluntário e involuntário	Grupo ativo Grupo voluntário
CLIENTE	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocional ou comportamental	Pessoa normal geralmente em situação de crise
CONTRATANTE	Sociedade	Sociedade e individual	Individual
TERAPÊUTICA	equipe médica ou bibliotecária	médico, instrutor de saúde mental ou bibliotecário geralmente em consulta	bibliotecário, professor ou outros
MATERIAL UTILIZADO	Tradicionalmente didático	Literatura imaginativa	Literatura imaginativa e/ou didática
TÉCNICA	Discussão de material	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente
LOCAL	Prática de instituição pública ou privada	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
META	Geralmente informativo com alguma visão	Visão interna e/ou mudança de comportamento	Comportamento normal e auto-realização

Fonte: (PEREIRA, 1996)

Ao observar a caracterização apresentada por Pereira (1996), é possível verificar que os três tipos têm alguns pontos em comum no que concerne ao uso de materiais ficcionais; contam com a atuação do bibliotecário, seja de forma individual como no caso da biblioterapia do desenvolvimento, ou interagindo com outros profissionais, além de serem atividades realizadas visando o bem-estar das pessoas.

Witter (2004, p. 181-182) classifica a biblioterapia apenas em dois tipos, do Desenvolvimento e Clínica. Para a autora, por meio de leituras sistemáticas, a Biblioterapia do Desenvolvimento tem caráter preventivo, promove o

desenvolvimento do ser nos mais variados aspectos que englobam o conhecimento de si mesmo, o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, como cidadania, cognição, memória, afetividade, dentre outras e considera que a Biblioterapia Clínica usa técnicas de leitura para auxiliar na solução de problemas biopsicossociais, e que igualmente trata-se de técnicas antigas, que “só recentemente se estabeleceram no formato atual, com objetivo e tecnologias específicas”.

Caldin (2010), assim como Witter (2004), entende que grosso modo a Biblioterapia pode ser dividida em duas categorias apenas: Biblioterapia do Desenvolvimento que está voltada a subsidiar o ser em questões de desenvolvimento pessoal e profissional, executada por bibliotecário e/ou **aplicadores de Biblioterapia**⁷, e estando relacionada à arte; e Biblioterapia Clínica, que auxilia o ser na resolução de problemáticas biopsicossociais, executada por um psicólogo terapeuta e/ou biblioterapeuta estando relacionada à ciência.

De acordo com a literatura sobre o assunto, é possível constatar que nos tipos de Biblioterapia apresentados e caracterizados há a presença de profissionais que se destacam de forma efetiva neste processo. Na Biblioterapia de desenvolvimento são os professores, pedagogos e bibliotecários e na Biblioterapia Clínica são os médicos, psicólogos, terapeutas e bibliotecários.

Importante observar que o bibliotecário se faz presente nas duas categorias, tendo a sua atuação mais efetiva na Biblioterapia do Desenvolvimento e trabalhando de maneira integrada e interdisciplinar no que concerne à Biblioterapia Clínica.

Independente do tipo de Biblioterapia utilizado é fundamental atentar para alguns de seus componentes. Como aponta Caldin (2010), elementos básicos a serem considerados no processo de aplicação da Biblioterapia são: catarse que está relacionada com a pacificação e alívio das emoções, identificação que é quando acontece o processo de transformação e o leitor e/ouvinte/espectador se identifica e se percebe na história, e introspecção, que é quando o leitor e/ouvinte/espectador reflete sobre a história, fazendo suas

⁷ Denominação dada por Caldin (2010) ao bibliotecário que se vale da biblioterapia como prática profissional, ou do discente que dela se vale como prática acadêmica.

interpretações e a partir daí passa a agir, e olhar o seu problema de outra maneira. Para a autora, tais componentes existem como potência do ato da leitura de textos literários.

Devem-se considerar as lembranças e as expectativas do indivíduo, que se mesclam às identificações com as personagens ficcionais; dessa forma há uma mistura das suas vivências com as vivências de outros indivíduos presentes na narrativa literária, que de alguma maneira, o afetaram no momento da leitura.

Acontece, então, um entrecruzamento de sentimentos e de expressões diversas: o que viu, ouviu, sentiu, rejeitou, percebeu, leu, desejou, lembrou, faz ou deixou de fazer, não são acontecimentos isolados, mas se imbricam com o outro, com o modelo ofertado pela literatura. Essa mescla de vivências abre espaço para o diálogo posterior à história como produtor de sentido, de expansão da vida, de produção de potência da vida a ser vivida, de outros modos de subjetivar, isto é, de ser e estar no mundo.

Assim trata-se de um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso dos mais diferentes tipos de materiais informacionais, que pode auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males físicos e mentais, aliviando as tensões, angústias e medos, desenvolvendo a imaginação e ajuda no crescimento emocional das pessoas.

Tal prática é um instrumento de transformação social, uma vez que alcança a pessoa fragilizada, fazendo com que ela possa amenizar suas dores e angústias, propiciando uma maior interação com a sociedade.

Desta forma, se faz necessário pensar e compreender como a biblioterapia vem acontecendo na atual sociedade, bem como é entendida, seja no campo de atuação, seja nos cursos de formação de Biblioteconomia, que no caso desta pesquisa, se volta para formação dos profissionais de Biblioteconomia.

Assim a próxima seção apresenta de forma breve o ensino de Biblioteconomia, a formação do profissional bibliotecário e a biblioterapia como disciplina curricular, no Brasil, e, especificamente, no Estado de Santa Catarina.

3 O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA

Data do fim do século XIX e início do século XX a formação acadêmica em Biblioteconomia no Brasil, porém a uniformização dos conteúdos pedagógicos e a regulamentação da profissão aconteceram em 1962, com a promulgação da Lei 4.084/62 e a aprovação do primeiro currículo mínimo de Biblioteconomia.

De acordo com Castro (2000), inicialmente os cursos de Biblioteconomia no Brasil tiveram influências do modelo humanista francês, e no final da década de 1930, apresentavam uma tendência à adoção do modelo pragmático norte-americano, que acabou sendo consolidado em 1960.

O autor divide o ensino de Biblioteconomia em cinco fases que compreendem: Fase I de 1879-1928 – período em que ocorreu o movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil, sob a influência francesa na Biblioteca Nacional (BN); Fase II de 1929-1939 – período em que houve o predomínio do modelo americano sob a influência dos primeiros cursos criados em São Paulo – Mackenzie College e Cursos de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo; Fase III de 1940-1961 – quando ocorreu a consolidação do modelo americano e a expansão do número de Escolas/Cursos; Fase IV de 1962-1969 – é estabelecido o Currículo Mínimo e Regulamentação da profissão – Lei 4084/62; Fase V de 1970-1995 – paralisação da criação dos Cursos de Graduação e crescimento dos Cursos de Pós-Graduação (CASTRO, 2000).

A criação do Curso de Biblioteconomia da UFSC ocorreu em 1973, pela Portaria n. 208, de 10 de outubro de 1973. O Conselho Federal de Educação (CFE) reconheceu o Curso pelo Parecer n. 3129, de 8 de novembro de 1977, sendo confirmado pelo Decreto n. 81.144 de 2 de janeiro de 1978 (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Percebendo a necessidade de ter pessoal para as atividades técnicas desenvolvidas em uma biblioteca, a então Diretora da Biblioteca Central da UFSC, na época, Alvaceli Lusa Braga, propôs a criação do curso de Biblioteconomia, a fim de preparar profissionais bibliotecários para atender as demandas de recursos humanos apropriados para organizar as informações e os documentos das Instituições Universitárias que começavam a ser implantadas no Estado de Santa Catarina, além de

proporcionar um novo campo de profissionalização para a juventude do Estado (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Na época, o corpo docente foi formado por professores do Paraná e professores da própria Universidade com disciplinas de língua e literatura, artes e administração (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Baseado no primeiro Currículo Mínimo de Biblioteconomia⁸, estabelecido pelo Conselho Federal de Educação com o Parecer n. 326, de 16 de novembro de 1962, foi elaborado o primeiro currículo do Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFSC, implantado em 1974 dividido em Ciclo Básico e Ciclo Profissionalizante com duração de três anos.

Em 1983, “após estudos realizados pelos professores atuantes no Curso de Graduação de Biblioteconomia da UFSC” e com base na Resolução n. 08/82 do Conselho Federal de Educação que fixou o conteúdo mínimo⁹ e a duração do Curso de Biblioteconomia, o Curso passou a ter a duração de quatro anos e meio (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013, p. 78).

O principal objetivo deste novo currículo era formar profissionais capacitados para trabalhar a informação e atender as demandas da população brasileira e em especial a catarinense (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Devido às necessidades informacionais da sociedade e com os advenços da tecnologia de comunicação e informação, em 1991, o currículo do Curso de Biblioteconomia da UFSC, passa por alterações que visam acompanhar as atualizações ocorridas no currículo mínimo nacional (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

⁸ Matérias do Currículo Mínimo: História do Livro e das Bibliotecas; História da Literatura; História da Arte; Introdução aos Estudos Históricos e Sociais; Evolução do Pensamento Filosófico e Científico; Organização e Administração de Bibliotecas; Catalogação e Classificação; Documentação; Paleografia (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

⁹ a) Matérias de Fundamentação Geral: Comunicação, Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo, História da Cultura; b) Matérias Instrumentais: Lógica, Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Métodos e Técnicas de Pesquisa; c) Matérias de Formação Profissional: Informação Aplicada à Biblioteconomia, Produção dos Registros do Conhecimento, Disseminação da Informação, Administração de Bibliotecas (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

A publicação do Parecer CNE/CES n. 492/2001, estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais de diversos cursos, dentre eles o de Biblioteconomia que enfatizou o Perfil dos Formandos; Competências e Habilidades; Conteúdos Curriculares, Estágios e Atividades Complementares. Assim, foi elaborado novo Currículo para o Curso de Biblioteconomia da UFSC, visando atender as diretrizes preconizadas pelo CNE/CES (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

O novo currículo teve como base a elaboração do projeto político pedagógico, considerando a autonomia na formação, capacitando o aluno para atuar num mundo em permanente mudança. Enfatizou a formação de discentes com visão científica, exigindo destes uma postura crítica, reflexiva, autônoma e ética. O que pressupõe o reconhecimento da dimensão social da profissão e uma atitude solidária, o que denota que o discente deve compreender o meio em que vive a para sua atuação seja efetiva (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Em 2005, o currículo foi implantado, e articulado entre ensino, pesquisa e extensão e tem como missão: “capacitar profissionais capazes de refletir sobre a realidade e reconstruir o conhecimento com vistas o progresso humano, tendo como referência as competências fundamentais da Biblioteconomia” (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013, p. 87).

Além disso, objetiva:

Formar Bibliotecários com uma visão crítica da sociedade capazes de atuar como profissionais da informação imbuídos do compromisso com a gestão da informação e sua disseminação e com consciência do seu papel social na eliminação de barreiras de acesso à informação seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural e recreativa (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013, p. 87).

Importante ressaltar que ainda este é o currículo vigente do Curso de Graduação na UFSC; tem duração de quatro anos e disponibiliza anualmente oitenta vagas, quarenta no primeiro semestre e mais quarenta no segundo semestre. Possui 2.826

horas aulas com 270 h/a de estágio obrigatório e 180 h/a de disciplinas optativas.

Na UDESC, o Curso de Biblioteconomia foi criado em 23 de outubro de 1973 pelo Conselho Estadual de Educação, por meio do Parecer n. 435/73. Porém, somente em 6 de dezembro do mesmo ano foi autorizado o funcionamento do curso; após sanção do Decreto n. 73.260/73, o seu funcionamento teve início em 1974. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007).

Até 1980 o curso era estruturado em 6 (seis) fases, com 147 créditos, e tinha duração de três anos ofertando 40 vagas/ano (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007).

Com o advento da Resolução n. 8, de 29 de outubro de 1982, do Conselho Federal de Educação, e o surgimento do novo currículo, o curso de Biblioteconomia na UDESC passa a ter quatro anos de duração, sendo oferecidas duas opções de área concentração: Bibliotecas Especializadas e Universitárias e Bibliotecas Públicas e Escolares. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007).

Em 2000 iniciam-se os estudos para a elaboração de uma nova proposta curricular, visando atender as demandas que surgiam no mercado de trabalho por conta da incorporação das tecnologias da informação e comunicação às atividades biblioteconômicas. Assim, criou-se a “Habilitação em Gestão da Informação, com perspectivas de implantação de novas habilitações a longo prazo, se observadas novas tendências teóricas e demandas do mercado de trabalho” (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007, p. 6).

A partir da implantação do currículo aprovado, o Colegiado do Curso de Biblioteconomia efetuou, semestralmente, no período de 2002 a 2004, avaliação das disciplinas do novo currículo implantado com vistas a colher informações para subsidiar o processo de renovação de reconhecimento do Curso e reconhecimento de sua habilitação - Gestão da Informação, submetido ao CEE em 2005. Ademais, essas informações também subsidiaram a adequação curricular proposta neste

documento. Essa avaliação resultou em recomendações no que se refere à importância das disciplinas oferecidas para a formação do aluno dentro da habilitação, à articulação entre as disciplinas e à carga horária das disciplinas. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007, p. 7).

Em 2006, verificou-se a necessidade de uma nova adequação curricular, com a exclusão de algumas disciplinas e a inserção de disciplinas ligadas à tecnologia da informação, para “aprimorar a formação do bibliotecário gestor da informação” (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007).

De acordo com literatura pesquisada há uma preocupação em investigar a formação do discente de Biblioteconomia; como aponta Souza (2006, p. 23) “a pesquisa nos campos da biblioteconomia e Ciência da Informação, de algum modo, tem se ocupado da questão da formação acadêmica”.

A formação do profissional bibliotecário na atual sociedade será abordada na próxima subseção do trabalho.

3.1 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO

Durante séculos, o fazer bibliotecário caracterizou-se como uma ocupação permeada por mistérios e desenvolvida por intelectuais dotados de vasta cultura humanística, grande capacidade de organização e devotado amor aos livros.

A partir do final do século XX é possível encontrar na literatura estudos sobre a mudança de perfil e atuação deste profissional, seja no desenvolvimento de novas habilidades, seja na atuação em espaços multidisciplinares.

O interesse pela formação acadêmica do bibliotecário é um assunto que está na ordem do dia, quando se pensa nas demandas ocorridas em nossa sociedade, que exigem deste profissional muito além de habilidades técnicas e gerenciais e perpassam questões voltadas para o papel social do profissional.

É fundamental entendermos que a educação dos profissionais em formação e daqueles que se encontram no mercado de trabalho

deva prepará-los para os problemas do mundo e dos antagonismos existentes, a fim de não tomar os discursos que tratam da sociedade da informação como absolutos e unilaterais, portanto, distanciados da realidade global e contextual (CASTRO; RIBEIRO, 2004).

Walter (2008) aponta que a relação ensino-aprendizagem não deve estar limitada apenas à aquisição de conhecimentos, mas também à formação de pessoas integradas socialmente com seu meio e com o mundo, capazes de responder às necessidades dos outros, aptas a perceber e se adaptar às mudanças e que sejam, sobretudo, éticas.

Os desafios e mudanças são muitos em se tratando da formação acadêmica do profissional bibliotecário, tanto na forma de executar suas práticas, se adaptar às novas tecnologias e fazer o bom e pleno uso delas, quanto na interação com outros profissionais e em se apropriar do seu papel social como agente de transformação.

Para Souza (2003, p. 40):

o bibliotecário não se dá conta de que a Biblioteconomia é também uma prática social e nela o que pode haver de científico virtualmente não são apenas os procedimentos ditados pelas normas técnicas e administrativas, mas também o conhecimento do próprio usuário em sua vasta complexidade.

Porém, de acordo com Nunes e Franco (2012), não é dessa maneira que vem se construindo este cenário, uma vez que diversas instituições responsáveis por formar e capacitar o profissional têm deixado de promover reflexões e estudos em relação ao que confere compreensão e atuação do bibliotecário no seu papel social.

É provável que a ausência dessas discussões afete diretamente o despertar da consciência, bem como da apropriação de novos campos de atuação do profissional bibliotecário.

Por isso é importante que as instituições de ensino de Biblioteconomia adotem novos posicionamentos em seus programas educacionais, voltados para a formação de profissionais mais interessados com a área social e não apenas com fazeres técnicos (NUNES; FRANCO, 2012).

Assim, é necessário refletir sobre a formação acadêmica do bibliotecário, bem como aceitar que o trabalho deste profissional ultrapasse as práticas estritamente técnico-profissional, uma vez que se apropriando da sua função social é que tal profissional será capaz de se reconhecer e ter reconhecimento (da sociedade) de que seu trabalho permite a outros transcenderem, além de melhorar sua condição humana (CASTRILLON, 2011).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) no que confere aos requisitos de avaliação do curso de Biblioteconomia para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) destaca que o discente de Biblioteconomia deve ter:

[...] formação humanística, científica, técnica e cultural, de modo a desempenhar atividades intelectuais, tradutoras das necessidades informacionais de indivíduos, grupos e comunidades, e mediadoras do uso e da apropriação da informação, tanto em contextos tradicionais quanto virtuais, em bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação e na gestão do capital intelectual, da inovação, da memória e do patrimônio cultural, entre outros. A observação de padrões éticos de conduta, a reflexão crítica sobre o seu papel social, a criatividade na resolução de problemas e a preocupação com seu aprimoramento profissional devem sublinhar o desempenho de suas atividades (INEP, 2009, p. 2).

No novo Currículo do Curso de Graduação de Biblioteconomia da UFSC e UDESC, é possível verificar a existência de disciplinas que buscam contemplar a formação do profissional bibliotecário de acordo com as exigências da atual sociedade. [confira no texto e padronize em minúscula]

Para melhor visualização e compreensão do aspecto humanístico das disciplinas será apresentado um quadro dando destaque a algumas disciplinas que apresentam o enfoque humanístico na formação do bibliotecário.

Quadro 3 – Disciplinas de cunho humanístico – Biblioteconomia UFSC

Disciplina	Ementa	Carga horária /Tipo
SPO5116 – Introdução à Sociologia para Biblioteconomia	Aborda o surgimento e as principais vertentes teóricas da Sociologia; a natureza da organização e da estrutura social; cultura e instituições sociais; controle e mudança social, problemas sociais; sociedade e informação; bases sociais das organizações.	72h/a – Obrigatória
PSI5112 – Relações humanas	A personalidade humana. Os grupos e sua dinâmica, a comunicação e seus problemas.	36h/a – Obrigatória
CIN5023 – Mediação da Informação	Não consta ementa	72h/a – Obrigatória
SPO5113 – Sociologia e Cultura	Modernidade: concepções. Pós-modernidade: concepções. Cultura de massa: conceitos. Hibridação cultural: o caso específico da América Latina.	36h/a – Optativa
CIN5032 – Biblioterapia	Conceitua e apresenta o fundamento filosófico da biblioterapia. Aponta os	36h/a – Optativa

		objetivos e aplicações da biblioterapia. Apresenta o método biblioterapêutico	
CIN5035 Informação Cidadania	– e	Trata do Estado e da garantia dos direitos do cidadão e da coletividade à informação e comunicação.	36h/a Optativa –
CIN5036 Informação literária	–	Trata das fontes literárias e do atendimento ao usuário, incorporando a conceituação de literatura, o conhecimento dos gêneros e movimentos literários e dos autores representativos dos vários movimentos no Brasil.	72h/a Optativa –
CIN5038 – Leitura & Informação		Apresenta as principais definições de leitura. Apresenta aspectos cognitivos da leitura. Estuda as diferentes modalidades e estratégias de leitura. Apresenta a leitura como um processo de construção de significados. Discute o papel social da leitura e da informação. Relaciona a leitura com o processo de recuperação e disseminação de informações. Discute o	36h/a Optativa –

	papel do bibliotecário na formação do leitor.	
JOR5300 – Comunicação	Progressos sociais e processos de comunicação. Comunicação, abordagem teórica das condições de produção, circulação e consumo de mensagem. As políticas que determinam e condicionam o processo da informação	36h/a – Obrigatória
CIN5026 – Ética profissional	Ética Profissional. Direitos e Deveres. Comportamento e postura profissional. Sigilo profissional	36h/a – Obrigatória
CIN5020 – Estudos de Usuários e de Comunidades	Aborda os tipos e características dos usuários de serviços de unidades de informação, seu impacto sobre a tomada de decisão quanto à implantação dessas unidades e quanto às transformações desses serviços, conforme os perfis de demanda existentes em diversos ambientes sociais. Trata dos procedimentos empregados para o conhecimento das comunidades de interesse em informação, visando à elaboração de projeto	72h/a – Obrigatória

	de estudo.	
--	------------	--

Fonte: Adaptado de Hillesheim, Menezes e Chagas (2013).

Como já mencionado anteriormente no novo currículo de Biblioteconomia da UFSC as disciplinas voltadas para o cunho humanístico são oferecidas em sua grande parte como disciplinas optativas, não fazendo parte do rol de disciplinas obrigatórias, o que leva o discente a optar por cursá-las ou não, de acordo com sua perspectiva e projeção na profissão, correndo o risco de quando desejar fazê-las, não conseguir, dependendo do semestre em que a procura é grande por determinadas disciplinas.

Quadro 4 - Disciplinas de cunho humanístico – Biblioteconomia UDESC

Disciplina	Ementa	Carga horária /Tipo
Antropologia cultural	Conceito de cultura. Etnocentrismo e relativismo cultural. Etnia e gênero. Cultura brasileira e identidade nacional. O nacional e o regional. Globalização e novas identidades.	54h/a – Obrigatória
História do livro e da biblioteca	História e tendências da produção dos registros do conhecimento e da biblioteca. Práticas sociais de leitura. Editoração. Política editorial e legislação.	54h/a – Obrigatória

Evolução do pensamento científico e filosófico	Natureza da filosofia. Evolução do pensamento filosófico e científico. A questão do ser. A questão do agir. Conceito de Ética. Filosofia da ética. Ética profissional. O agir eticamente	54h/a– Obrigatória
Sociologia geral	Natureza da sociedade. Surgimento da sociologia. Pensamento Sociológico clássico. Conceitos sociológicos fundamentais de Marx, Weber e Durkheim. Abordagens contemporâneas de sociedade e cultura. Classe. Teorias sociais e pobreza. Sociedade global.	54h/a – Obrigatória
Ação cultural	Fundamentos teóricos e metodológicos. Modalidades de ação cultural. Ação cultural em Unidades de Informação.	54h/a – Obrigatória
Fundamentos da educação	Conceitos. Fundamentos sociológicos, fisiológicos e psicológicos do processo educativo. Práticas pedagógicas. Principais educadores. Papel da biblioteca no processo educativo e no projeto pedagógico da instituição.	54h/a – Obrigatória

Leitura e literatura infanto juvenil	Leitura: natureza e funções. Leitor: motivação e interesse de leitura. Literatura infanto- juvenil: discussões sobre o gênero e panorama histórico. Formas literárias: características. Produção literária atual. Pesquisa escolar e biblioteca. A prática da leitura.	54h/a – Obrigatória
---	--	------------------------

Fonte: Adaptado de Universidade do Estado de Santa Catarina (2007)

Ressalta-se que na UDESC todas as disciplinas que compõem a matriz curricular são consideradas obrigatórias e para complementar sua formação o discente poderá cursar disciplinas optativas e eletivas de outros centros da UDESC ou de outra Instituição de Ensino Superior reconhecida por órgão competente (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2007).

Diante da apresentação das disciplinas, aqui entendidas com cunho humanístico, percebe-se que as duas Universidades as contemplam em seu currículo, sendo o currículo da UFSC o único a oferecer a disciplina de Biblioterapia, que pode ser cursada por discentes de ambas IES.

Tendo em vista o histórico da Biblioterapia no Brasil e com base no que a pesquisa se propõe, importante se faz arrolar informações sobre a Biblioterapia como disciplina do curso de Graduação de Biblioteconomia UFSC.

3.2 A BIBLIOTERAPIA COMO DISCIPLINA CURRICULAR

É importante destacar que na UFSC que não há um curso específico voltado para a formação de biblioterapeuta, porém o Curso de Biblioteconomia da UFSC, numa iniciativa pioneira mantém em seu currículo a disciplina de Biblioterapia¹⁰

¹⁰ Iniciativa da Professora Doutora Clarice Fortkamp Caldin.

que é oferecida como disciplina optativa aos discentes que ali estudam, bem como, quem por ela se interessar, sejam discentes de outro curso de graduação da UFSC, sejam discentes de cursos de graduação de outra instituição de ensino de graduação em Santa Catarina.

De acordo com Caldin (2013), a disciplina Biblioterapia foi aprovada em 28 de outubro de 2002 e é ofertada como disciplina optativa, sendo ministrada desde o primeiro semestre de 2003.

A disciplina conceitua e apresenta o fundamento filosófico da Biblioterapia, apontando seus objetivos e aplicações, bem como o método biblioterapêutico. Tem como objetivo geral: “capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica” e como objetivos específicos “apreender o sentido do vocábulo biblioterapia; conhecer o histórico, o fundamento filosófico, as finalidades, aplicações e técnicas da biblioterapia”, bem como “executar atividades biblioterapêuticas em diversas instituições com público de qualquer faixa-etária” (CALDIN, 2013, p. 143).

O conteúdo programático está dividido em parte teórica, voltada para a fundamentação teórica necessária à aplicação das atividades, e em parte prática, que envolve a execução das atividades e contempla a elaboração e execução de um projeto de biblioterapia aceito pela instituição selecionada previamente. Ambas ocorrem sob a orientação e acompanhamento da Professora responsável pela disciplina (CALDIN, 2013).

A parte teórica engloba o repasse dos conteúdos em sala de aula de forma presencial e a parte prática envolve algumas etapas que vão desde a escolha de uma instituição que pode ser uma “creche, orfanato, escola, centro comunitário, asilo de cunho assistencial, casa de repouso particular, hospital, entre outros espaços institucionais”; a autorização da Instituição escolhida para execução da prática de Biblioterapia; seleção de materiais (textos, histórias) de acordo com as preferências do público-alvo escolhido; ensaios da leitura, narração ou dramatização do texto literário escolhido; confecção de todos os materiais que serão utilizados na apresentação, que vão desde cenário e figurino (CALDIN, 2013, p. 143).

Desde que a disciplina vem sendo ofertada no curso, mesmo que como optativa, tem sido muito procurada pelos discentes, que imbuídos de aspiração humanística, voltados para

a área da Biblioteconomia que envolve o aspecto mais humano e cientes do papel social do bibliotecário buscam cursar a disciplina. Com isso o que se tem é um número crescente de discentes elaborando o Trabalho de Conclusão de Curso a respeito das aplicações de Biblioterapia, seja no âmbito da Graduação ou Pós-Graduação. O quadro a seguir descreve bibliograficamente os TCCs que foram realizados sobre Biblioterapia e suas aplicações na UFSC e UDESC:

Quadro 5 – Trabalhos de Conclusão de Curso sobre Biblioterapia.

Referência	Universidade
LIMA, Daiana de. Aplicação da Biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Candido da Luz. 2012. 60 f.	UFSC
MACHADO, Rosilene Maria Dias. Narração de histórias: atividades biblioterapêuticas realizadas com crianças da creche do centro Comunitário Monte Verde. 2012. 60 f.	UFSC
PASSOS, Suélen dos. Biblioterapia para o bem-estar das idosas do Lar São Francisco. 2012. 61 f.	UFSC
ROSA, Patrícia Carvalho da. Aplicação de Biblioterapia para crianças no Centro de Educação Infantil Santo Antônio. 2012. 60 f.	UFSC
ZEQUINÃO, Aime Áurea de Fátima Borges Almeida. Aplicação de biblioterapia no Centro Educacional Padre Jordan. 2010. 63 f.	UFSC

MEZALIRA, Cláudia Zambelli. Biblioterapia e a poesia infanto-juvenil. 2010. 95 f.	UDESC
NASCIMENTO, Michele do. Bibliografia técnico-científica acerca da biblioterapia disponível nos catálogos on-line das bibliotecas públicas universitárias brasileiras (1989-2009). 2011.	UDESC
SILVA, Patrícia Vilma Pinheiro da. Biblioterapia aplicada com crianças da pré-escola do Centro de Educação Nossa Senhora da Boa Viagem. 2005. 65 f.	UDESC
FAGUNDES, Lisandra. O uso da biblioterapia em sala de aula. 2008. 53 f.	UDESC
SANTINI, Adriana Heloísa da Cruz. Metodologia da Sala de Leitura Salim Miguel Biblioterapia para um atendimento humanizado. 2006. 60 f.	UDESC

Fonte: Autora (2014)

Além dos TCCs sobre Biblioterapia, tem-se um número crescente também de produção escrita a respeito do tema, como artigos científicos, que são produzidos no âmbito das Universidades: UFSC e UDESC.

Tal fato denota o interesse pela Biblioterapia como prática de atuação do profissional bibliotecário que sendo inserida no contexto de formação, ou seja, nos cursos de Biblioteconomia, enquanto disciplina curricular ajuda na sua ampliação e fortalecimento enquanto campo de atuação do bibliotecário, bem como, a entender o aspecto humano da profissão.

A próxima seção abordará o aporte metodológico utilizado na dissertação.

4 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

Os aportes teórico e metodológico que apoiam esta pesquisa têm por base a construção social da realidade de Berger e Luckman (2011) e a Teoria da Representação Social de Moscovici (2012).

Para Berger e Luckman (2011) a realidade social diz respeito a uma construção coletiva, em que o indivíduo participa e conduz os processos e é capaz de alterar sua percepção e configuração da realidade.

No que diz respeito à representação social, pode-se considerar que se trata de elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras, uma vez que por meio da linguagem oral e escrita eles podem explicitar o que pensam ou como percebem determinada situação, o que demonstra que essas mensagens mediadas pela linguagem são construídas socialmente e se baseiam no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem. (MOSCOVICI, 2012).

Araya Umaña (2002, p. 12, tradução nossa) ressalta que empreender estudos acerca da representação de um objeto social possibilita “reconhecer os modos e processos de constituição do pensamento social”, por meio do qual as pessoas constituem e são constituídas pela realidade social. Além disso, a realidade social cria uma aproximação com visão de mundo que os indivíduos ou grupos têm, uma vez que o conhecimento do senso comum é utilizado para atuar e se posicionar diante dos diferentes objetos sociais.

Dessa forma, as teorias apresentadas fundamentam o aporte teórico metodológico que embasa a proposta de pesquisa e possibilita uma melhor compreensão dos discursos dos discentes de Biblioteconomia no que diz respeito à biblioterapia. As subseções que seguem abordam a construção social da realidade e representação social.

4.1 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Inspirado na fenomenologia social de Alfred Schutz (2012), o conceito de construção social da realidade foi apresentado por Berger e Luckmann (2011) e está inserido na sociologia do conhecimento, preceituando que os fatos sociais

são resultados de um processo histórico de construção coletiva do conhecimento.

Para Berger e Luckmann (2011) a realidade é socialmente construída, dia a dia, por meio das práticas individuais e sociais, que são conduzidas a uma permanente redefinição e renegociação das regras, normas, significados e símbolos sociais, que podem ser contestados.

Para Araya Umaña (2002, tradução nossa), Schutz, Berger e Luckmann são os autores que mais retratam o conceito de construção social da realidade.

Este conceito retrata uma tendência fenomenológica das pessoas em considerar os processos subjetivos como realidade objetiva e assim entendem a realidade cotidiana como uma realidade ordenada, ou seja, consideram a realidade como algo independente da sua própria apreensão, como algo que lhes é imposto (BERGER; LUCKMANN, 2011).

O mundo da vida cotidiana é aquele que se dá por estabelecido como realidade. “O sentido comum que o constitui se apresenta como a realidade por excelência, e por consequência se impõe sobre a consciência das pessoas, uma vez que se apresenta como uma realidade ordenada, objetivada e ontogenizada” (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 13, tradução nossa).

Considera-se que o meio cultural em que vivem as pessoas, o lugar que ocupam na estrutura social, e as experiências concretas com que enfrentam o dia a dia “influenciam em sua forma de ser, sua identidade social e a forma como percebem a realidade social” (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 14, tradução nossa).

As formas sociais do passado são reproduzidas e transformadas quotidianamente pelas interações e práticas dos atores sociais – construtivismo dos atores sociais – porém, destas práticas e interações também originam novas formas sociais e é durante esse processo de interação que os indivíduos atribuem significado às suas ações, e constantemente, produzem novas representações e definições da sociedade, ou seja, novos significados sobre a realidade social. Pode-se considerar a sociedade como realidade objetiva e subjetiva.

O homem diferente dos outros animais não nasce biologicamente completo, sendo seu desenvolvimento orgânico submetido a uma contínua interferência socialmente determinada. Ou seja, à medida que vai tendo o complemento do

seu desenvolvimento orgânico, vai também sendo socialmente formado. Assim, os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo, afetam a produção do seu eu em sua forma particular. E desta forma seu eu não pode ser compreendido fora do contexto social onde foi formado (BERGER; LUCKMANN, 2011).

De acordo com Berger e Luckmann (2011) a construção social da realidade origina-se da existência de uma relação dialética entre o indivíduo e a sociedade resultando da interação de três processos: a sociedade e a ordem social existem somente como produto das ações dos indivíduos (exteriorização); a sociedade é, porém, uma realidade objetivamente independente da consciência dos indivíduos (objetivação); os indivíduos, não obstante, são um produto da sociedade (interiorização).

As realidades sociais são, simultaneamente, objetivadas, (pois é dessa forma que são experimentadas), e subjetivadas, (pois são interiorizadas durante o processo de socialização). Em outras palavras, as realidades sociais (convenções, valores, instituições, grupos, organizações, etc...) são exteriorizadas, objetivadas e interiorizadas no conhecimento comum, nas representações e percepções constantemente produzidas no contexto das interações dos indivíduos, entendidos como atores sociais. Assim, considera-se na construção social da realidade a realidade objetiva e subjetiva.

4.1.1 Realidade objetiva

Para Berger e Luckmann (2011) a sociedade como realidade objetiva se dá por meio da ordem social, que existe unicamente a partir da atividade humana, e acontece por meio da institucionalização e legitimação.

Sendo a institucionalização um produto do homem, se dá sempre que ocorre uma tipificação recíproca de ações de determinado grupo de indivíduos. Tais tipificações começam a passar para gerações sucessoras do grupo que as institucionalizou, ou seja, tornam-se hábito. Assim a nova geração vai interiorizar a instituição primária e, quando estiver apta, será capaz de modificar aquela instituição de maneira a alcançar os seus objetivos e suprir as suas necessidades. Ressalta-se que somente a partir do aparecimento de uma nova

geração é possível falar propriamente de um novo mundo social (BERGER; LUCKMANN, 2011).

Uma vez afirmado o processo de institucionalização, deve-se considerar que o indivíduo analisa o seu mundo social pela óptica construída a partir do próprio mundo. Desta forma, o mundo funciona exatamente como ele o vê, exatamente como deveria, ou seja, é a análise de um fato pelos próprios caminhos que levaram a este fato, e isto reforça o discurso e dá legitimação à realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2011).

Já o processo de legitimação acontece a partir do entendimento da origem dos universos simbólicos, de mecanismos conceituais para sua manutenção e das ações das organizações sociais no papel de manutenção do universo.

A legitimação enquanto processo é melhor definida dizendo-se que se trata de uma objetivação de sentido de “segunda ordem”. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem”, que foram institucionalizadas (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 122, grifo dos autores)

A partir do significado das coisas, do universo simbólico, é que se objetiva a realidade. O universo simbólico cria uma hierarquia da mais real até a mais fugitiva da realidade e está em contínua transformação, desenvolvimento, crescimento ou empobrecimento, dependendo da qualidade da metamorfose quando se interioriza alguma coisa.

Já os mecanismos conceituais para manutenção do universo tratam-se de ideias, instituição, mecanismos, processos, estratégias e planos que operam para manter a realidade objetiva como ela é, ou seja, para legitimar esta realidade. É por meio da legitimação que os mecanismos conceituais têm base no universo simbólico.

Outro fator para a legitimação são as organizações sociais, uma vez que os mecanismos sociais para a manutenção

do universo têm base na organização das atividades humanas, nas instituições e necessidade do ser humano de trabalhar.

Dessa feita, os mecanismos de legitimação se juntam com os de institucionalização na formação da sociedade como realidade objetiva.

4.1.2 Realidade subjetiva

Já foi mencionado que a sociedade existe tanto como realidade objetiva como subjetiva, sendo entendida como um processo dialético composto pelos momentos de exteriorização, objetivação e interiorização. Simultaneamente o indivíduo exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva, ou seja, “estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 167).

Contudo, o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte da dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim. [...] No entanto, a interiorização, no sentido geral aqui empregado, está subjacente tanto à significação quanto às suas formas mais complexas. [...] a interiorização neste sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 168).

À disposição das pessoas estão as objetivações da realidade para que sejam interiorizadas, ou seja, compreendidas,

assimiladas. Destaca-se que interiorização nada mais é que a percepção, interpretação, questionamento, conclusão, argumentação de uma situação que está objetivada, já que se trata do sujeito assimilando a realidade de acordo com suas interpretações e conclusões, decorrentes de particularidades individuais (BERGER; LUCKMANN, 2011).

É a partir dessa interiorização que forma-se o universo simbólico, a identidade subjetiva e o acervo social do conhecimento. Considera-se que tudo o que as pessoas pensam reflete o que está objetivado na sociedade, ou seja, tudo que o indivíduo objetiva é algo socialmente condicionado pelo que ele é, fala, estuda, pelo seu vocabulário, enfim pelos seus valores. A sociedade influencia na objetivação particular, já que o indivíduo a interioriza primeiro antes de formar a sua opinião através do seu conhecimento. Se ele participa do processo de interiorização-subjetivação-objetivação, sente-se como participante da sociedade e forma e transforma a sociedade subjetiva (BERGER; LUCKMANN, 2011).

A próxima subseção aborda as representações sociais no que confere seu conceito e utilização.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais possibilitam “entender a dinâmica das interações sociais e clarear os determinantes das práticas sociais”, já que a representação, o discurso e a prática se constroem mutuamente (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 12, tradução nossa).

Franco (2004) destaca que pesquisas que utilizam uma abordagem voltada para as representações sociais tratam de ingredientes indispensáveis para a melhor compreensão da atual sociedade.

A Teoria da Representação Social fundada por Serge Moscovici tem se destacado e sido utilizada para dar conta de explicar como esta relação acontece, uma vez que muitas das respostas às causas e mudanças sociais estão nos indivíduos, nos pequenos grupos e são sempre um produto da interação e comunicação.

O fenômeno das representações está, por isso, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade. E é para dar uma explicação dessa ligação que as

representações sociais são utilizadas, por se tratarem de uma forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente.

Proposto por Moscovici em 1961 o conceito de representação social, permeia as ciências sociais, e apesar de oriundo da sociologia de Durkheim, é na psicologia social que o conceito ganha uma teorização, tornando-se uma ferramenta para outros campos, já que a psicologia social reflete sobre como os indivíduos se relacionam com a sociedade na construção da realidade; grosso modo, analisa a forma como o processo de conhecimento é gerado quando indivíduos e sociedade interagem.

Os conceitos que tratam de definir as representações sociais são múltiplos, e isto ocorre porque as representações são fáceis de captar, porém sua definição conceitual não comporta a mesma facilidade devido à complexidade dos fenômenos que ela da conta (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 26, tradução nossa).

A teoria das representações sociais é um “conceito que atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular”, pois “tem fundas raízes na sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades” (ARRUDA, 2002, p. 128).

Marková (2006, p. 173) considera as representações como “pensamentos em movimento”, pois se tratam de fenômenos dinâmicos e abertos e o “conceito da representação social é formado e re-transformado juntamente com a transformação da sua teoria”.

Para Araya Umaña (2002) as representações sociais constituem-se de sistemas cognitivos, em que é possível reconhecer a presença de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas que muitas vezes servem para orientar tanto as atitudes positivas quanto as negativas. Por sua vez, são como sistemas códigos, valores, qualificadores lógicos, interpretativos, e os princípios orientadores, práticas que definem a ‘consciência coletiva’, a qual é determinada pela força normativa que estabelece os limites e as possibilidades de como os indivíduos agem no mundo.

Para além de ser apenas uma forma de compreender um objeto particular, as representações sociais são uma maneira em que o indivíduo ou grupo adquire uma capacidade de

definição, uma função de identidade, que é uma das formas como as representações sociais demonstram um valor simbólico (MOSCOVICI, 2012).

No entendimento de Almeida (2005, p. 61) “as representações orientam as ações das pessoas e é delas que provem a ligação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.” Ou seja, trata-se de um “conjunto de imagens que dá sentido ao um determinado objeto de representação (fatos, situações, sujeitos e coisas)” e que “são compartilhadas com outros indivíduos participantes de um mesmo grupo”.

O ato de representar não significa simplesmente reproduzir um objeto, “subentende uma relação entre aos elementos disponíveis no fenômeno observado e as representações já construídas e assentadas na consciência do grupo.” Pois, mediante as interações sociais é que se constroem as representações da realidade social” (ALMEIDA, 2005, p. 62).

Lembra Jodelet (2002, p. 22) que “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Para a autora a representação social deve ser estudada articulando elementos afetivos, mentais e sociais, integrando-os ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, além das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal (das ideias) sobre a qual irão intervir (JODELET, 2002).

Arruda (2002, p. 141) com base nos estudos que realizou destaca que os autores da Teoria das Representações Sociais, afirmam que “toda representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto”, corroborando com o pensamento de Jodelet (2002, p. 28), para quem toda “representação é representação de alguém e de alguma coisa”, e toda “representação se refere a um objeto e tem um conteúdo”. Para a autora este alguém que a formula é “um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo” (JODELET, 2002, p. 28).

Jodelet (2002, p. 28) destaca três fatores que devem ser levados em consideração como condições de produção das representações: “a cultura, no sentido amplo e no mais restrito; a comunicação e linguagem (intragrupo, entre grupos e de

massas), e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica.”

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação (MOSCOVICI, 2012, p. 46).

Assim, as teorias da representação social e da construção social da realidade servem de aporte metodológico para a pesquisa aqui proposta, uma vez que fornecem fundamentação para a interpretação dos discursos coletados, possibilitando por meio das representações contidas nos discursos dos discentes de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina, verificar as percepções que estes têm da Biblioterapia.

A seção que segue aborda os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, inclui simultaneamente a teoria da abordagem - o método, os instrumentos de operacionalização do conhecimento - as técnicas e a criatividade do pesquisador - sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade (MINAYO, 2012, p.14).

O bom andamento de uma pesquisa científica depende de alguns cuidados, como o planejamento e a escolha de procedimentos metodológicos adequados, pois como afirma Braga (2007, p. 18) “além de garantir o correto desenvolvimento da pesquisa, a metodologia tem a função de atestar o caráter científico e conferir qualidade e validade ao estudo realizado e ao conhecimento resultante.”

A metodologia trata do modo de se fazer ciência, tem caráter instrumental, e cuida dos procedimentos, das ferramentas, que podem ser utilizadas para se chegar ao caminho, ou seja, como chegar à ciência. Enquanto a ciência está voltada para “captar e manipular a realidade” como ela é, a metodologia está centrada na forma, no modo como alcançar e compreender a ciência (DEMO, 1987).

Nesta seção da dissertação serão expostos os procedimentos de pesquisa adotados especificando o tipo e a técnica de pesquisa, a coleta, o ambiente e seus participantes, o tratamento e análise dos discursos e os procedimentos éticos empregados.

5.1 TIPO DE PESQUISA

Nessa pesquisa foram utilizadas as pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória para Cervo, Bervian e Silva (2009, p. 63-64) “requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação”, sendo recomendada quando há pouco conhecimento sobre o tema de estudo. Para Braga (2007) a pesquisa com finalidade descritiva, identifica as características de um determinado problema ou questão, descrevendo o comportamento dos fatos e fenômenos.

Tem caráter qualitativo que Flick (p. 27, 2009) define como “análise de casos concretos e suas peculiaridades locais e

temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.”

Segundo Flick (2009, p. 25) a pesquisa qualitativa torna-se um processo contínuo de construção de versões da realidade, cujo foco não é apenas o fenômeno estudado em si, mas o relato ou o discurso do sujeito de pesquisa sobre o fenômeno vivido ou presenciado por ele. Para Braga (2007, p. 21) esse relato ou discurso pode ser uma nova versão dada pelo sujeito sobre o fenômeno vivido ou presenciado e, por sua vez, o pesquisador dará também sua própria versão sobre os dados coletados.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa torna-se um apoio essencial, pois como destaca Minayo (2010, p. 21) ela:

[...] responde a questões muito particulares [...] se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido [...] como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

De acordo com Flick (2009, p. 9) a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a nova obscuridade, a crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos e a dissolução de velhas desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida e essa pluralização exige uma nova sensibilidade, um novo olhar para os dados que se apresentam numa pesquisa qualitativa.

A próxima subseção abordará a forma como foi realizada a coleta dos discursos.

5.2 COLETA DE DISCURSOS

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: o Questionário de identificação – Apêndice B, com função complementar e de identificação dos entrevistados – e o Roteiro de Entrevista – Apêndice C, como instrumento principal da coleta de dados. Ressalta-se que todos os entrevistados preencheram o questionário de identificação primeiramente para posteriormente ser realizada a entrevista.

O questionário de identificação é composto de duas etapas, a primeira diz respeito à identificação geral que inclui informações sobre idade, sexo, e naturalidade, e a segunda refere-se à formação acadêmica e atuação profissional contendo dados sobre a instituição de formação acadêmica, nome do curso, fase e/ou período, cidade do curso, profissão que exerce e relacionadas à estrutura curricular do curso.

O questionário é um instrumento complementar a coleta de dados que caracteriza o discente entrevistado nesta pesquisa.

[...] No caso da pesquisa qualitativa, os questionários têm um lugar de complementaridade em relação às técnicas de aprofundamento qualitativo. Pois, nas abordagens qualitativas, o foco é posto na compreensão da intensidade vivencial dos fatos e das relações humanas [...] (MINAYO, 2010, p. 268).

Os dados de cadastro obtidos de cada entrevistado “permitem que o pesquisador obtenha informações valiosas para a pesquisa”, servindo para a descrição do grupo entrevistado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 55).

Desta forma, ressalta-se que as informações coletadas com o questionário de identificação possibilitaram traçar um perfil do discente entrevistado, além de apoiar na descrição do grupo entrevistado, por se tratar de informações importantes para a compreensão da investigação proposta.

Como instrumento principal de coleta de dados foi escolhido o roteiro de entrevista para dar conta dos objetivos específicos desta pesquisa. A entrevista é uma forma de interação social, sendo considerada uma das técnicas de coleta de dados utilizada constantemente pelos “pesquisadores das ciências sociais e psicológicas” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2009, p. 51).

A entrevista como fonte de informação fornece dados secundários e primários de duas naturezas: a) fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, atestados de óbitos e outros, ou seja, dados objetivos; b) e os que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado. São informações que tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia e a que os cientistas sociais costumam denominar subjetivos e só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa. Constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos. (MINAYO, 2010, p. 262).

O roteiro de entrevista elaborado para esta pesquisa tem por base a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, e por isso é composto por perguntas abertas, em que o entrevistado pode expor livremente sua opinião e pensamento sobre o tema pesquisado. Perguntas dirigidas a entrevistados de forma individual, tornam-se a maneira mais adequada para a obtenção de depoimentos que possibilitarão a construção de um discurso coletivo, ou seja, retratar o pensamento de uma coletividade. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Objetivando o resgate da opinião de cada entrevistado, as entrevistas foram realizadas individualmente, e aconteceram de duas formas: presencialmente e a distância via recurso

tecnológico com som e imagem¹¹ que permitiu o encontro face a face. Nas duas formas, as entrevistas foram gravadas em recurso de áudio (gravador) e transcritas posteriormente, respeitando seu conteúdo na íntegra, conforme consta no (Apêndice E).

5.2.1 Pré-teste

Antes de iniciar a coleta de dados foi aplicado pré-teste do questionário (Apêndice B) e do roteiro de entrevista (Apêndice C), com o intuito de dirimir quaisquer possíveis dúvidas que pudessem ocorrer em relação às questões apresentadas nos dois instrumentos. O pré-teste foi realizado com dois discentes de Biblioteconomia da UFSC, um na modalidade à distância e outro na modalidade presencial.

Após o pré-teste, foi necessário fazer adequação apenas na pergunta três do roteiro de entrevista (Apêndice C), tornando-a mais compreensível ao entendimento do entrevistado.

5.2.2 Cuidados éticos

Nesta pesquisa alguns cuidados éticos foram tomados, como o envio de uma Carta de apresentação (Apêndice A), às Coordenações de Curso de cada uma das Universidades envolvidas, em que constaram informações sobre a pesquisa a ser realizada com os discentes.

Na elaboração de uma pesquisa é importante atentar para não ocasionar nenhum dano às pessoas envolvidas, que nesta dissertação estão sendo denominados como entrevistados. É necessário garantir a sua autonomia em participar ou não do estudo, além de garantir seu anonimato (MINAYO, 2012).

Assim, outro cuidado foi tomado no momento da entrevista, solicitando a todos os entrevistados que preenchessem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D), documento no qual constaram informações sobre a pesquisa, bem como a manutenção de sigilo de quaisquer informações a respeito de sua identidade. E para garantir o anonimato, cada entrevistado foi identificado por uma letra do

¹¹ Recurso tecnológico utilizado: Skype e Hangout do Gmail.

alfabeto, como é possível verificar na Transcrição das entrevistas na íntegra (Apêndice E).

Para a análise e interpretação dos dados foram considerados os discursos dos dezesseis entrevistados nesta pesquisa, ou seja, todos os discursos, sendo preservada a identidade dos mesmos bem como da Instituição de Ensino Superior (IES) a que pertencem. Considerou-se todos os entrevistados, garantindo um entrevistado de cada fase/período do universo pesquisado.

A próxima subseção abordará o ambiente e participantes da pesquisa.

5.3 AMBIENTE E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para subsidiar os objetivos propostos na dissertação foram escolhidos como participantes da pesquisa os discentes dos Cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual do Estado de Santa Catarina, pois como já dito anteriormente, é no âmbito da formação acadêmica que uma profissão pode se fortalecer ou mesmo surgir como um campo de atuação profissional.

Para contatar aos entrevistados foram realizadas algumas ações, sendo que o critério de seleção se deu por acessibilidade que é a forma mais comum de seleção de amostragem aplicado em pesquisas exploratórias com caráter qualitativo (RICHARDSON; PERES, 1985).

Primeiramente foi enviado um e-mail aos Coordenadores (as) de Curso de Biblioteconomia da UFSC e UDESC, com uma Carta de Apresentação (Apêndice A) sobre a pesquisa a ser realizada com os discentes matriculados no Curso.

Posterior à apresentação da pesquisa aos Coordenadores (as) de Curso, buscou-se o contato direto com os discentes via Rede Social¹² e e-mail, mas sem muito sucesso. Alguns retornaram, e foram bem receptivos de início, porém quando obtiveram maiores informações acerca da entrevista, desistiram alegando não ter conhecimento sobre o tema (mesmo explicando não ser necessário), e em alguns casos não deram retorno ao primeiro contato feito. Assim, a alternativa foi fazer o

¹² Facebook

contato com alguns docentes mais próximos e conhecidos da pesquisadora e orientadora. Tais docentes, que ministram disciplinas nos cursos de graduação em Biblioteconomia em ambas as Universidades, indicaram discentes para participar da pesquisa como entrevistados. E desta vez, a tratativa foi exitosa e assim, o acesso aos entrevistados desta pesquisa aconteceu por indicação de alguns docentes dos cursos de graduação, por sugestão de alguns entrevistados e profissionais bibliotecários conhecidos da pesquisadora.

De posse dos nomes e contatos conseguidos pelas indicações, foi realizado um contato prévio por e-mail e em alguns casos por telefone celular (ligação ou mensagem), estabelecendo assim uma proximidade e fornecendo esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, e a entrevista, bem como a obtenção da aceitação do entrevistado em potencial. Uma vez confirmada pelo discente a sua participação, foi enviado e-mail com mais informações sobre a pesquisa e detalhes prévios de como seria a entrevista (quantidade de perguntas e tempo de duração), bem como o estabelecimento de um local e horário que fosse acessível ao entrevistado.

As entrevistas presenciais ocorreram em sua maioria na própria Universidade (UFSC/UDESC), durante a semana e em local pré-acordado com o entrevistado, geralmente em alguma sala de aula que estava vazia, ou em espaços como a Lanchonete, ou área comum dos discentes. Exceção se fez para duas entrevistas que foram realizadas no local de trabalho dos entrevistados, por ser esta a única forma de encontrá-los devido à impossibilidade em outros horários.

Ao todo foram entrevistados dezesseis discentes, correspondendo a praticamente um para cada fase e/ou período dos dois Cursos de Biblioteconomia. Exceção se fez à terceira fase e/ou período de ambas as Universidades, pois não foi possível contato e disponibilidade de nenhum entrevistado, o que levou a entrevistar três discentes no quarto período da UDESC e a não entrevistar nenhum discente da terceira fase da UFSC.

Quadro 6 – Universidade e Entrevistados por fase e/ou período

UNIVERSIDADE	FASE / PERÍODO	ENTREVISTADOS POR FASE / PERÍODO
UFSC	1 ^a	2
UFSC	2 ^a	1
UFSC	4 ^a	1
UFSC	5 ^a	1
UFSC	6 ^a	1
UFSC	7 ^a	1
UFSC	8 ^a	1
UDESC	1 ^a	1
UDESC	2 ^a	1
UDESC	4 ^a	3
UDESC	5 ^a	1
UDESC	6 ^a	1
UDESC	7 ^a	1

Fonte: Autora (2014)

Ao escolher para entrevista um discente de cada fase e/ou período do curso é possível obter diferentes opiniões acerca do tema Biblioterapia, uma vez que a bagagem cultural dos alunos em fases e/ou períodos mais avançados, em geral é maior, inclusive a sua compreensão em relação ao curso e a própria profissão é diferente de quando ingressa. Assim, para atingir os objetivos específicos desta pesquisa que é levantar as opiniões dos discentes a respeito da Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário, bem como a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais nas práticas de biblioterapia, “deve-se escolher todos os possíveis portadores de ideias diferentes em relação ao problema pesquisado”(LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 42).

Para obter um perfil dos discentes entrevistados foi aplicado um questionário de identificação com:

a) Identificação geral que englobou a idade, o sexo e a cidade de nascimento: os discentes entrevistados possuem entre

dezoito a quarenta e oito anos de idade, treze são do sexo feminino e três do sexo masculino. Onze são naturais de Santa Catarina, dois do Rio Grande do Sul, um do Rio de Janeiro, um de Buenos Aires e um de Montevidéu.

b) Formação acadêmica/profissional que englobou a instituição de formação acadêmica, nome do curso, cidade do curso, profissão/ocupação que exerce e se a disciplina de biblioterapia é contemplada na estrutura curricular do curso: do total de discentes entrevistados, oito são UFSC e oito são da UDESC, quinze exercem alguma profissão/ocupação e um não. Dos que exercem, dois são funcionários públicos, seis são estagiários, três são auxiliares de biblioteca, um auxiliar de departamento financeiro, dois bolsistas, e um atua como secretária. Em relação a ter a disciplina de Biblioterapia contemplada na matriz curricular do curso, apenas oito responderam que sim e que ela é oferecida como disciplina optativa.

5.4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) tem suas origens na Análise do discurso. Para melhor compreensão acerca do histórico do DSC, apresenta-se um breve histórico da Análise do discurso e posteriormente será apresentado o DSC propriamente dito.

A Análise do Discurso surgiu na França nos anos 1960, tomando o discurso como seu objeto próprio, opondo-se à Análise de Conteúdos¹³.

Para o seu desenvolvimento e avanço contou com percussores na França: com Michael Pêcheux com a Tese *Analyse Automatique du Discours* – Análise Automática do Discurso – 1969; Michael Foucault, com sua *Archeologie du Savor* – Arqueologia do Saber – 1995; Dominique Maingueneau, em *Nouvelles tendances dans l'analyse du discours* – Novas Tendências em Análise do Discurso – 1997; na Rússia: Mikhail Bakhtin, com *Esthetique de la Création Verbale* – Estética da Criação Verbal – 1997; na Inglaterra Norman Fairclough, com

¹³ Técnica de pesquisa usada para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo produzido das comunicações e que devem ser interpretados (MINAYO, 2010).

Language and Power, 1989, e *Critical Discourse Analysis – Análise crítica do discurso* – 1992 (MENDONÇA, 2007, p. 149-151).

O Discurso do Sujeito Coletivo é oriundo da Análise do discurso e **nasceu** mais ou menos por acaso quando autores desenvolviam uma pesquisa para avaliar o Programa de Gerenciamento Integrado (PGI), proposto como uma solução gerencial para a assistência à saúde no Estado de São Paulo. Nesta pesquisa foi constatado que a maioria dos funcionários da Secretaria de Saúde entrevistados, no que dizia respeito à opinião sobre o PGI, concordava em se posicionar negativamente sobre a proposta. E diante dos depoimentos coincidentes, pensaram em apresentar esse resultado sob a forma de um depoimento, redigido na primeira pessoa do singular, como se aqueles funcionários que discordavam do programa fossem um único sujeito de um depoimento coletivo; assim, batizaram a solução encontrada com o nome de Discurso do Sujeito Coletivo (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Como técnica, foi utilizada pela primeira vez na dissertação de mestrado de Ana Maria Cavalcanti Simioni, em 1996. Posteriormente foi aplicada a um conjunto de trabalhos de mestrado desenvolvidos na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a partir daí nasceu o primeiro livro sobre o DSC, de Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre, que foi publicado em 2000. Em 2004 o DSC associou-se aos softwares Qualiquantisoft e o QLQT *on-line* gerados pela Universidade de São Paulo (USP) e em 2005 foi criado o Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

O DSC é uma maneira de representar e reproduzir o pensamento de uma coletividade e se constitui de uma técnica desenvolvida para “as pesquisas de opinião, de representação social” ou, “mais genericamente, de atribuição social de sentido, que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal como matérias de revistas, jornais, etc.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 16).

Importante ressaltar que o DSC consiste num conjunto de instrumentos destinados a “**recuperar e dar luz às representações sociais**” – que no contexto desta pesquisa são aceitas as definições de Moscovici (2009) e Araya Umaña (2002) – e principalmente as que aparecem sob a forma verbal de textos escritos e falados, apresentando tais representações sob a forma

de painéis de depoimentos coletivos (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 23, grifo nosso).

A técnica do DSC resgata o universo das diferenças (diferentes modos de pensar) e semelhanças entre visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam, além de permitir mostrar que sempre há diferentes tipos ou categorias de pensamento coletivo entre as populações envolvidas na pesquisa (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Para o tratamento e análise dos discursos obtidos, bem como para a obtenção do discurso coletivo o DSC utiliza alguns operadores¹⁴, que nada mais são do que figuras metodológicas usadas para tratar e analisar os discursos obtidos na entrevista. Nesta dissertação foram utilizados apenas os operadores Expressões-Chave (ECH) e Ideias Centrais (ID) que serão explicados na próxima subseção.

5.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Como anteriormente explicado, para tratamento e análise dos discursos nesta dissertação foram utilizados os seguintes operadores do DSC: a) (ECH) Expressões-chave, que se tratam de pedaços, ou trechos, ou segmentos contínuos ou descontínuos, do discurso que devem ser selecionados pelo pesquisador e que revelam a essência do conteúdo do depoimento; b) (IC) Ideias centrais, que é nome ou expressão linguística que revela e descreve da maneira mais sintética e precisa possível o sentido ou os sentidos das expressões-chave de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECHs, que posteriormente dá origem, ao DSC (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Assim, em posse dos discursos transcritos, obtidos nas entrevistas, seguiram-se os passos para o tratamento e análise destes, conforme orientado por Lefevre e Lefevre (2012), quais sejam: a) Ler algumas vezes o conjunto das respostas de uma mesma questão; b) Ler cada resposta em particular identificando a ECH; c) Identificar a ou as IC de cada resposta; d) Analisar todas as IC buscando agrupar as semelhantes em categorias; e) Nomear as categorias; f) Construir o ou os DSCs de cada

¹⁴ Expressões-Chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragem (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

categoria; g) É preciso discursivar ou sequenciar as ECH obedecendo a uma esquematização clássica, por exemplo: começo, meio e fim (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

A partir destas orientações foi elaborado o discurso dos discentes a respeito da Biblioterapia que será abordado na seção seis desta dissertação.

6 O DSC FINAL

Esse DSC final é um discurso organizado a partir de expressões-chave extraídas das narrativas dos discentes de Biblioteconomia entrevistados, que possibilita atender aos objetivos dessa pesquisa. O objetivo geral que, é investigar quais são as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da biblioterapia; e os objetivos específicos, que são levantar suas opiniões sobre a Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário e levantar suas opiniões a respeito da interação profissional do bibliotecário com outros profissionais. Os trechos sublinhados sem itálico são conectores utilizados com o único propósito de dar encadeamento ao texto e escolhidos com o cuidado necessário para que causem a mínima interferência no pensamento exposto nas entrevistas. As reticências entre colchetes [...] representam supressão de termos ou expressões cuja omissão não interfere no entendimento do discurso proferido e, ao mesmo tempo, permite a redução da extensão textual do conjunto de ideias apresentadas. As partes em itálico são a transcrição literal das entrevistas.

A seguir apresenta-se a soma desses discursos:

Entendo biblioterapia como [...] algo relacionado à leitura de livros com alguma função terapêutica [...]. É fazer algum tipo de terapia usando os recursos que a biblioteconomia te oferece, sejam eles livros, ou até mesmo uma contação de histórias [...]. Ação de pessoas que vão até outras pessoas que estão doentes e leem [...] podendo ser utilizada na cura de doenças [...]. Trabalha [...] questões internas [...] é quando tu tá lendo para as pessoas, e elas têm esta identificação com a personagem, [...] o apaziguamento das emoções, a catarse [...]. É usado com as pessoas que estão internadas, principalmente as crianças [...]. Prática da biblioteconomia como um espaço de reabilitação tanto em hospitais ou até na própria escola [...] a biblioterapia pode servir como uma forma de integração, dos alunos [...]. É bem interessante porque todas as pessoas que tem envolvimento com a literatura [...] acabam se beneficiando no sentido de conhecer um mundo novo, [...]. Vejo como um auxílio pra [...] pessoas que estão em tratamento psicológico, ou [...] em hospitais, pois muitas leituras até trazem incentivo e apoio [...] em relação a determinadas doenças [...] e auxilia num processo

de cura. [...] Pode ser feito em casa no âmbito familiar [...] de uma forma muito prazerosa [...] que une esse prazer de ler ou de ouvir uma boa história que te ajuda num processo individual. [...] acho que a sociedade ainda não conhece [...] a importância da biblioterapia. Assim, vejo que [...] ela tem [...] pouco espaço pela importância que [...] pode vir a ter na sociedade. [...]. No curso de Graduação em Biblioteconomia da UFSC, existe [...] uma disciplina optativa de biblioterapia, penso até que ela pode ser reconhecida como profissão [...] e devia ser mais bem trabalhada, principalmente dentro do curso (UFSC), é muito importante nesse sentido de mostrar ao profissional bibliotecário que além da gente ter que ficar levando informação, a gente tem o lado humano e que de certa forma a informação pode fazer bem para as pessoas [...] reforçando a função do bibliotecário como agente de leitura. A biblioterapia [...] atua como mediadora também, [...], possibilitando um retorno ao social, da forma como ela é aplicada, tanto num ambiente hospitalar, escola, como numa creche. Sua aplicação seria na área social, em [...] projetos sociais. No que diz respeito a atuação do bibliotecário [...] pra mim foi muito novo quando ouvi falar que poderia haver a Biblioterapia e que o bibliotecário poderia estar associado a uma terapia, ou a alguma coisa relacionada a esse gênero [...]. Assim, acho que o bibliotecário poderia utilizar a biblioterapia pra atrair as pessoas por prazer a ir a biblioteca [...], pois é uma oportunidade de trabalhar com o social [...], de [...] unir a teoria a prática [...], promover [...] oficinas [...] pensando na hora do conto na leitura como terapia [...] Pode acrescentar e apoiar a [...] pessoa, que a biblioterapia [...] pode ser desenvolvida de forma bastante criativa e não exige a princípio tantos recursos, somente [...] criatividade e a atitude. [...] Ainda há uma [...] visão muito tecnológica da profissão e às vezes perde um pouco o caráter mais humano, de influenciar as pessoas de trazer [...] outra realidade pra um contexto social diferenciado. [...] Enquanto você está [...] dentro da biblioteca você vai ter que ter este aspecto humano de ouvir, ser ouvinte do [...] usuário, porque [...] às vezes ele não [...] quer só um livro pra pesquisar, às vezes ele tá [...] ali somente pra [...] falar alguma coisa com alguém [...], e o bibliotecário acaba sendo meio que o psicólogo da “galera” [...], pois [...] somos responsáveis [...] pelo poder da palavra porque estamos lidando diretamente com ela e tudo que rege ali, naquele espaço, desde cultura, [...] dogmas, políticas e o que

tiver envolvido com a palavra a gente media [...] e também dissemina. [...]. É importante [...] usar o espaço da biblioteca como um meio de encontro e de formação cultural [...]. Eu acho fundamental a interação profissional, pois o bibliotecário, [...] tem seus conhecimentos técnicos de biblioteconomia, [...] mas também como envolve a terapia, [...] acredito que outros profissionais devem estar envolvidos [...] porque nós somos bibliotecários e a gente entende da leitura e não da parte psicológica da pessoa do estado emocional [...] quem sabe alguém da psicologia ou da medicina [...]. É que [...] se a gente for pensar na Biblioterapia, [...] tem que pensar nessa questão multidisciplinar, de troca de conhecimentos [...]. Em minha opinião, o profissional bibliotecário não pode ficar isolado e se ele está trabalhando numa unidade de saúde [...] tem que interagir com os enfermeiros, os médicos, o pessoal do setor administrativo [...], pois não tem como o projeto de Biblioterapia se encaminhar se não tiver outros profissionais junto, já que [...] está intrínseca essa interação com o outro no fazer do bibliotecário [...]. Vejo como um instrumento a mais que fica na mão do bibliotecário pra ele trabalhar, mais uma ferramenta que ele pode utilizar nas bibliotecas, pra ir além do que é habitual de só atender o usuário. De também trabalhar com a leitura como forma de ajudar a sociedade [...]. Acho que essa parte da Biblioterapia é nova ainda pra nossa área, [...] de um ano pra cá é que eu ouvi falar de Biblioterapia [...] mas acredito que há uma contribuição bem forte, porque é a parte da leitura que trata o psicológico o emocional [...] da pessoa, então eu acho que nós bibliotecários temos muito que contribuir, mas eu acho também que temos muita coisa a estudar sobre a área. [...] acho que devia ser mais incentivado esta prática desde os primeiros anos da faculdade, nos primeiros semestres. Por isso eu gostaria bastante de conhecer essa nova técnica [...] acho que também deveria ser [...] batalhado um espaço maior pra Biblioterapia [...] dentro da graduação de Biblioteconomia [...] e na formação do bibliotecário [...]. Acho que ela deveria ser obrigatória no curso [...] e que tivesse [...] um grupo onde pudéssemos conversar sobre Biblioterapia [...]. Assim como [...] precisa [...] de mais ações que envolvam a Biblioterapia, pois [...] acho que tem poucos bibliotecários que se dedicam a isso [...], bem como [...] divulgação, pois a gente ouve pouco sobre o assunto [...] dentro da Universidade e também em outros âmbitos.

7 INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO - DSC

A voz do coletivo retrata a realidade, porém esta não está pronta, mas sim repleta de desafios e pontos a desenvolver. O DSC sinaliza fenômenos relevantes a serem analisados e discutidos em relação à Biblioterapia, uma área ainda considerada incipiente.

A interpretação dos dados coletados é apresentada a seguir e para melhor compreensão é realizada em dois momentos que abarcam as respostas dadas as perguntas que compuseram o roteiro de entrevista proposto nesta pesquisa.

Sendo o primeiro momento denominado Biblioterapia na percepção dos discentes de Biblioteconomia que leva em consideração o entendimento que os discentes têm da Biblioterapia e sua importância para a sociedade. Neste sentido aborda as pontuações feitas pelos entrevistados que tratam da relação da Biblioterapia com a contação de histórias, a função terapêutica da leitura e a importância que a Biblioterapia tem para a sociedade, bem como para o bibliotecário. Já o segundo momento, denominado Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário, considera o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar, a maneira como a biblioterapia pode contribuir na atuação do bibliotecário e a interação profissional do bibliotecário com outros profissionais.

7.1 BIBLIOTERAPIA NA PERCEPÇÃO DO DISCENTE DE BIBLIOTECONOMIA

De acordo com a literatura pesquisada sobre o assunto, Biblioterapia é a terapia por meio de livros (OUAKNIN, 1996; SEITZ, 2006; CALDIN, 2010). Tal entendimento também fica evidente no Discurso do sujeito desta pesquisa, como é possível verificar:

[...] algo relacionado à leitura de livros com alguma função terapêutica [...]. É fazer algum tipo de terapia usando os recursos que a Biblioteconomia te oferece, sejam eles livros, ou até mesmo uma contação de histórias, enfim todos os recursos que tu podes usar como fonte de informação [...].

Percebe-se neste discurso que o entendimento dos discentes implica no uso de contação de histórias na realização

da Biblioterapia, mas não exclui o uso de outros possíveis recursos.

No decorrer do Discurso do sujeito a Biblioterapia aparece relacionada a ações de leitura, sendo a contação de histórias a mais recorrente, que surge algumas vezes, ora dando conotação de que são sinônimos ou de que tem o mesmo propósito. Este fato denota a possibilidade de não haver clareza por parte dos discentes no que diz respeito à Biblioterapia e qual a sua relação com a Contação de histórias. É provável que a ausência de clareza a respeito, ocorra devido ao fato de Biblioterapia ser ainda uma área incipiente e pouco explorada, seja no âmbito de formação ou profissional.

Eu não sei se encaixaria, mas [...] conheço uma estudante de biblioteconomia que faz contação de histórias em hospitais, no Hospital Infantil [...] Também sei de outras ações de leitura, que [...] não sei se encaixa por que na verdade não é biblioterapia, [...] é só uma ação relacionada a leitura o Epopéia Literária, mas acredito que pode influenciar a vida de alguém [...], e mudar o contexto que ela tá vivendo [...].

Sendo o objetivo geral desta pesquisa investigar quais são as percepções dos discentes no que confere à Biblioterapia, se faz importante esclarecer as dúvidas existentes sobre o assunto.

Grosso modo, a palavra contação nada mais é do que um sinônimo de narração, uma forma de leitura da qual tanto a Biblioterapia quanto a Contação de história se valem em suas práticas. E apesar de fazerem uso dos mesmos recursos, e se valerem da mesma forma de leitura – contação/narração de histórias são ações diferentes (CALDIN, 2010).

A Contação de histórias faz uso da contação/narração para desenvolver a imaginação do leitor, bem como despertar o seu interesse pela leitura, promover a difusão da cultura, da educação e da cidadania (MACIEL, 2012).

Já a Biblioterapia utiliza a contação/narração com um propósito terapêutico. De acordo com Bernardino, Elliott e Rolim Neto (2012), a contação/narração de histórias pode ser identificada como uma atividade auxiliar da Biblioterapia, devido a sua dimensão lúdica que possibilita ao ouvinte ser transportado para um universo de fantasia, se identificando com as personagens e gerando assim a desfocalização do problema pelo qual está passando.

Para Bernardino, Elliott e Rolim Neto (2012) o que diferencia a leitura normalmente realizada da leitura proporcionada na Biblioterapia, é justamente a intensidade e os objetivos a que se propõe. Pois, no momento em que a leitura assume uma função terapêutica, inicia-se um processo de aproximação do ouvinte com o texto lido; tão logo ocorra a identificação e interpretação, leva-o a assumir outra postura, ou seja, possibilita uma transformação ou cura.

Caldin (2010) afirma que para uma história ser utilizada em atividades de Biblioterapia, é necessário que possibilite ao leitor, ouvinte ou espectador criar novas significações, uma nova forma de compreender o mundo que o cerca, pois é primordial que a história toque o leitor de alguma forma e que tenha relação com a realidade experienciada pelo leitor no momento em que for contada. A autora destaca que se uma contação de histórias for realizada com propósitos terapêuticos e sem cobranças pedagógicas, pode também ser considerada Biblioterapia.

Assim, é possível perceber que a diferença existente entre a Biblioterapia e a contação de história, são os objetivos a que se propõem cada uma dessas atividades, uma vez que a primeira utiliza a contação/narração com um propósito terapêutico e a segunda com o propósito de disseminar e promover a leitura. É provável que este seja o motivo da constante associação entre ambas, conforme aparece no Discurso do Sujeito Coletivo: [...] *Vejo poucas ações de biblioterapia, e dentro dessas a mais comum que eu pelo menos vejo é a contação de histórias.* [...].

Em se tratando do potencial terapêutico de uma história, Perrow (2013) afirma que toda história possui potencial curativo e terapêutico, independentemente se faz a pessoa rir ou chorar, pois entende que assim como o riso, o choro também pode ser considerado curativo. Para a autora, os temas universais e desfechos dos contos de fada e folclóricos, são possibilidades curativas, pois é provável que possam proporcionar esperança e coragem no enfrentamento dos desafios da vida e apoiar ao leitor/ouvinte/espectador a encontrar caminhos para seguir.

O Discurso do Sujeito Coletivo também tem o entendimento de que a leitura quando utilizada de forma terapêutica apoia e auxilia quem a recebe: [...] *Trabalha [...] questões internas [...] é quando tu tá lendo para as pessoas, e elas têm esta identificação com a personagem, [...] o*

apaziguamento das emoções, a catarse [...] eu vejo como um efeito benéfico [...] que pode ajudar as pessoas a passarem [...] por um momento difícil [...] tratar de algum problema [...] psicológico ou de saúde.

Quando aplicada com o intuito terapêutico, a leitura possibilita ao leitor novas perspectivas, um novo olhar para a realidade que se está vivendo; é certo que não há garantias de milagres, mas existe a possibilidade de mudança do estado em que o leitor se encontra, é como se surgisse uma nova saída, mais saudável e feliz para o momento (PERISSÉ, 2014).

Ouvir uma história terapêutica possibilita o despertar de uma esperança, pois:

*[...] a personagem central da história terapêutica continua firme depois de chegar ao fundo do poço. A mensagem é forte e clara: **não desista. Ali, logo virando a esquina, há sempre alguma coisa para ajudá-lo. Só, que como está logo virando a esquina, ainda não dá para ver direito** (SUNDERLAND, 2005, p. 27, grifo nosso).*

Ao se identificar com a personagem o leitor/ouvinte/espectador, inicia o processo de liberação de suas emoções, e o que antes era pesado começa a ficar leve, como se estivesse diluindo e se transformando.

Vejo como um auxílio pra [...] pessoas que estão em tratamento psicológico, ou [...] em hospitais, pois muitas leituras até trazem incentivo e apoio [...] em relação a determinadas doenças [...] e auxilia num processo de cura.

[...] todas as pessoas que tem envolvimento com a literatura no geral acho que [...] acabam se beneficiando no sentido de conhecer um mundo novo, [...] muitas pessoas até usam como refúgio, para esquecer os problemas e viver o que está passando ali na história no contexto do livro por exemplo.

Caldin (2010), explica que este processo de identificação só poderá ocorrer com a permissão inconsciente do leitor/ouvinte/espectador, que deseja enfrentar os problemas que o afligem.

Para que o leitor se identifique e se inicie o processo catártico é necessária a utilização de um objeto intermediário,

que no caso da Biblioterapia, seria o texto. É ele que possibilita ao leitor fazer interpretações, considerações e liberação das emoções, por isso deve ser motivador para que não se perca o valor na situação de ajuda a que se propõe (CALDIN, 2010; MALTEZ, 2011).

A Biblioterapia ao proporcionar bem-estar, liberação e apaziguamento das emoções, seja na forma de um tratamento, ou apoio na solução de problemas, cumpre sua função terapêutica, e pode ser considerada muitas vezes como um tratamento como podemos verificar no discurso do sujeito:

[...] é uma espécie de tratamento [...] que proporciona algumas coisas boas [...] pode ser utilizada na cura de doenças [...], promove um bem-estar pra aquela pessoa que está num momento difícil, [...] uma nova visão das coisas ou uma alternativa mais feliz [...].

“O leitor **purifica-se** quando consegue resolver a situação com que se debate e pode, a partir daí, iniciar outro caminho menos doloroso. Os textos literários funcionam assim de forma catártica, purificante” (MALTEZ, 2011, p. 58, grifo do autor).

De modo geral, há evidências que a Biblioterapia vai além de promover bem-estar e ser considerada um tratamento para os males físicos e psíquicos, pois tem seu grau de importância para a sociedade, assim como revelou-se no discurso dos sujeitos:

Eu acho que a Biblioterapia é muito relevante pra nossa sociedade, [...] porque a leitura [...] já é importante [...] e devia ser uma coisa que faz parte da vida de todas as pessoas.

Acredito que seja algo muito importante, até porque quando tu trabalha com uma pessoa que ela precisa, meio que de um impulso, qualquer maneira é muito viável [...] e a leitura [...] além de dar conhecimento vai fazer ela despertar novos horizontes [...].

Cabe, aqui, destacar as palavras de Fonseca (2014, p. 7)

A biblioterapia oferece requisitos eficazes para amenizar quadros de saúde mental e/ou física, em busca da harmonia pelo bem-estar, servindo como impedimento para o desenvolvimento de doenças, além da busca do entretenimento. Proporciona momentos de descontração, reflexão e lazer, fazendo

com que o leitor passe por momentos de conforto nos conflitos cotidianos, ajudando ao homem à busca da compreensão e da solução para seus problemas, fornecendo possibilidades para a manutenção da saúde mental, além de estimulá-lo para a prática diária da leitura.

Para além de possibilitar a percepção de novas realidades, por meio da imaginação a Biblioterapia tem um papel importante para a sociedade que tem relação também ao valor que o livro desempenha, seja a leitura individual ou oralizada desempenha nesse processo.

Para a sociedade, a leitura é a possibilidade de um caminho que privilegia a construção, o pensamento, o dar sentido à própria experiência de vida, dando voz aos seus sofrimentos, forma aos seus desejos e sonhos (PETIT, 2008).

Porém, mesmo sendo importante para a sociedade, apesar do número considerável de artigos e trabalhos monográficos publicados, de ser tema de debates em congressos e eventos da área da Biblioteconomia, a prática de Biblioterapia ainda é pouco reconhecida, pela sociedade e busca legitimidade:

[...] acho que a sociedade ainda não conhece [...] a importância da biblioterapia.

Eu acho que falta isso mesmo, mostrar o conhecimento para as pessoas que fazem [...] e utilizam a leitura [...] sem o conhecimento disso, [...] faz sem saber talvez, instintivamente [...] busca uma leitura, mas não conhece que aquilo [...] faz bem.

Assim, vejo que [...] ela tem [...] pouco espaço pela importância que [...] pode vir a ter na sociedade [...].

Neste sentido, Fonseca (2014) evidencia que apesar da contribuição dos autores brasileiros da área (ALVES, 1982; ORSINI, 1982; VÁSQUEZ, 1989; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2000; CALDIN, 2001, 2010) a Biblioterapia ainda é uma prática incipiente, sendo utilizada como atividade terapêutica e ocupacional em hospitais e clínicas e como atividade de incentivo à leitura em escolas públicas e privadas.

A autora ainda ressalta que:

A biblioterapia, não sendo panacéia para todos os males humanos, é, com certeza, uma terapia complementar para apoiar milhões de pessoas que, ano após ano, experimentam a frustração, o desânimo, estresses, fobias, ansiedades, depressão, causando o desequilíbrio emocional. A biblioterapia oferece alternativa à vida humana. **É por isso que temos forçosamente que desbravar e aprofundar a ideia da biblioterapia para compreender e lidar com situações adversas às nossas vontades.** (FONSECA, 2004, p. 8, grifo nosso).

Tal pensamento potencializa a importância da Biblioterapia para a sociedade, o que também é destacado no DSC final, e alerta para um ponto crucial, o de se apropriar desta prática, desbravar o assunto, esgotar todas as suas formas de utilização, fazer com que ela cumpra a sua função terapêutica e apoie as pessoas na superação de momento difícil, na amenização dos males psicofísicos.

Para além ser importante para a sociedade, o DSC também sinaliza a importância que a Biblioterapia tem para o bibliotecário. Como destaca Berger e Luckmann (2012), o homem constrói a realidade social ao mesmo tempo em que é por ela influenciado. Assim, as narrativas enfatizam a necessidade de o bibliotecário ter uma formação que abarque não somente a formação técnica que tem o maior direcionamento para os processos e técnicas da área, mas que também possibilite uma formação mais humana.

Eu acho que a Biblioterapia é muito importante nesse sentido também que é o de mostrar ao profissional bibliotecário que além da gente ter que ficar levando informação, a gente tem o lado humano e que de certa forma a informação pode fazer bem sim para as pessoas, para além da questão de fazer uma pesquisa ou de procurar uma resposta [...] reforçando a função do bibliotecário como agente de leitura.

Destaca-se que:

A biblioterapia é uma das várias vertentes da Biblioteconomia e um instigante campo de

trabalho para o profissional bibliotecário que busca atuar em uma área menos técnica e mais humana, do ponto de vista emocional e psicológico. As demais áreas da Biblioteconomia possuem uma faceta e preocupação humana e social, entretanto apresentam características bem mais tecnicistas; já a Biblioterapia atua e influencia diretamente nas emoções dos indivíduos, tendo como objetivo primordial proporcionar a catarse através do uso e aplicação de técnicas especiais de leitura (JERÔNIMO et al., 2012, p. 461-462).

Eu acho que a biblioterapia [...] meio que atua como mediadora também, auxiliando o profissional da informação ou o bibliotecário [...], possibilitando um retorno ao social, da forma como ela é aplicada [...].

Assim sua aplicação seria na área social, em [...] projetos sociais [...].

Desta forma, verifica-se a possibilidade da Biblioterapia como uma alternativa, um campo de atuação para o bibliotecário, onde ele possa desempenhar e cumprir a sua função social, dentro do espaço no qual ele está inserido, aceitando o desafio de promover transformações na sociedade, bem como a criação e manutenção de espaços que promovam o desenvolvimento, bem-estar e autoconhecimento ao ser humano.

Acho que o bibliotecário poderia utilizar a biblioterapia pra atrair as pessoas por prazer a ir a biblioteca [...], pois é uma oportunidade de trabalhar com o social [...], de [...] unir a teoria a prática [...], promover [...] oficinas [...] pensando na hora do conto na leitura como terapia [...]. Vejo que o bibliotecário tem tanto que auxiliar [...] na procura da informação, quanto disseminar e [...] incentivar a leitura [...], pois a leitura pode acrescentar e apoiar a [...] pessoa, a saber, como reagir em determinadas situações [...] e [...] os resultados são benéficos.

Ao desenvolver ações que utilizem a Biblioterapia de modo geral, ou mesmo apenas com o intuito de atrair pessoas para a biblioteca por prazer, como retratou o DSC acima, o bibliotecário inicia uma das inúmeras ações transformadoras que impactam positivamente o ser humano que passa a contar com ações que possibilitam melhorar sua condição como membro da

sociedade. Além disso, modifica a si próprio enquanto profissional, exercendo e cumprindo sua função social que é estar envolvido com as questões sociais do seu entorno; seja como mediador de leitura e informação seja como realizador e propulsor de projetos sociais envolvendo a comunidade na qual esteja inserido, pois como destaca Cunha (2003) “[...] nossa profissão é uma profissão essencialmente social, uma profissão de mediação e de contato, de fazer com o outro, de fazer para o outro [...]”. Do mesmo modo a própria biblioteca, que para além da função de guardiã da memória como entendida ao longo da história, e disseminadora de informações mais recentemente, passa a configurar possibilidades de ser um espaço aberto ao público, de cumprir também a sua função social e porque não arriscar em dizer, que se torna um espaço terapêutico que cria uma aproximação com sociedade.

Para Castrillón (2011) “todas as ações que conduzam a biblioteca a se tornar uma instituição que contribua para a mudança passam pela leitura”, o que denota que ações de Biblioterapia são essenciais nestes espaços.

O Discurso do sujeito também compartilha da ideia da autora quando aponta que:

O bibliotecário precisa [...] desenvolver ações que valorizem o espaço que ele está trabalhando e todo o material que [...] tem. Então vejo que a Biblioterapia [...] pode ser desenvolvida de forma bastante criativa e não exige a princípio tantos recursos, somente [...] criatividade e a atitude.

A meu ver, assim como a biblioterapia pode trazer muitos benefícios para as pessoas [...] ela pode favorecer o profissional que a executa, [...] no caso o bibliotecário [...] torna-se [...] um dos grandes beneficiários dessa técnica [...] acho que a biblioterapia tem o poder de trazer gratificação para o profissional bibliotecário, [...] o retorno é tão bom de imediato, que [...] motiva e tu passa a ter uma visão diferente até dentro da própria biblioteconomia, pois ao mesmo tempo tá proporcionando novas sensações, novas descobertas para o público [...] ele também vai ter um crescimento pessoal e [...] profissional realizando aquela atividade, pois [...] a biblioterapia transforma as duas pessoas no mesmo nível, por que quem está precisando bastante e acaba se beneficiando disso e quem faz – o bibliotecário – começa a ver as coisas de uma forma diferente,

começa a mudar, a ter conhecimento de si mesmo [...] sua [...] importância na sociedade [...].

Quando motivado a falar sobre como as ações de Biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário, o Discurso do sujeito destaca que: *eu acho que nós bibliotecários temos muito que contribuir, mas eu acho também que temos muita coisa a estudar sobre a área. [...] acho que devia ser mais incentivado esta prática desde os primeiros anos da faculdade, nos primeiros semestres, porque de uma forma ou de outra o bibliotecário deixou um pouco de ser, de ser assim um ser social pra ser muito técnico [...] então perdeu um pouco o contato.*

O Discurso do sujeito acima remete a pensar como está sendo a formação dos bibliotecários que são lançados no mercado de trabalho, que aspectos humanísticos da formação são relevantes e devem ser trabalhados ainda na etapa da graduação e que lugar ocupa a Biblioterapia no contexto da formação bibliotecária.

Deste modo, a próxima subseção traz o segundo momento da análise e interpretação do DSC final, que trata do trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar, o lugar da Biblioterapia na Biblioteconomia e a interação do profissional bibliotecário com outros profissionais nas práticas de Biblioterapia.

7.2 BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Apesar de a literatura pesquisada considerar a Biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário, e nos discursos já apresentados, ficar evidente a sua importância para a sociedade, ela ainda passa despercebida. Talvez seja pelo fato dos próprios bibliotecários não identificarem outros saberes da Biblioteconomia o que faz com que seu reconhecimento pela sociedade esteja quase sempre relacionado a aspectos técnicos de tratamento, guarda e disseminação de materiais, tornando restrita sua percepção, diante da complexidade que tem (PINTO, 2005).

Tal entendimento também fica explícito no Discurso do sujeito, quando afirma que: *Pra mim foi muito novo quando ouvi falar que poderia haver a Biblioterapia e que o bibliotecário*

poderia estar associado a uma terapia, ou a alguma coisa relacionada a esse gênero [...]. Afinal [...] as pessoas até hoje não sabem muito bem o que é a biblioteconomia, o que é o bibliotecário [...].

Neste sentido Pinto (2005), destaca que a área biblioteconômica ainda enfrenta diversos problemas em relação ao seu reconhecimento e legitimação perante a sociedade, e de certa maneira, pelos próprios pares. Assim é de suma importância fazer movimentos, criar ações que modifiquem esse olhar da sociedade e dos próprios profissionais para com a área, considerando a Biblioterapia uma delas, entendimento também percebido pelo Discurso dos sujeitos:

[...] o bibliotecário [...] deve sempre estar promovendo [...] novas formas de levar a leitura às pessoas, de estimular [...], deve ser um profissional pró-ativo [...] sempre preocupado em promover a cultura [...] através de projetos que agradem, como [...], por exemplo, na biblioteca escolar, por meio da Hora do Conto [...] trabalhar com o social [...].

[...] Acredito no bibliotecário como mediador da leitura [...].

Tem várias outras ações que o bibliotecário poderia implantar e assim ter frutos [...] mais significativos para a sociedade e até pra visibilidade do próprio bibliotecário.

Assim, acho que o bibliotecário poderia utilizar a biblioterapia pra atrair as pessoas por prazer a ir à biblioteca [...], pois é uma oportunidade de trabalhar com o social [...], de [...] unir a teoria a prática [...], promover [...] oficinas [...] pensando na hora do conto na leitura como terapia [...].

Bortolin (2014, p. 6) ressalta que o bibliotecário “precisa acreditar na sua importância e influência na formação e manutenção de leitores”, e também defende a “ampliação de espaços de mediação de leitura por meio de narrativas literárias, bem como o aumento de bibliotecários envolvidos nessa tarefa”.

A autora relata que estudos no Brasil têm apontado que há um número considerável de contadores de histórias, e que estes atuam nos mais diversos espaços (escolas, hospitais, bibliotecas, teatros, livrarias, bares, restaurantes), porém o número de bibliotecários envolvidos com ações deste tipo ainda é pequeno (BORTOLIN, 2014).

O discurso do sujeito, também corrobora com esse pensamento quando diz que:

O bibliotecário precisa [...] desenvolver ações que valorizem o espaço que ele está trabalhando e todo o material que [...] tem.

É importante [...] usar o espaço da biblioteca como um meio de encontro e de formação cultural, [...] mas eu vejo que nós como bibliotecários [...] podemos fazer também esse trabalho de levar para as pessoas a leitura, mesmo elas estando impossibilitadas, em locais [...] que às vezes o livro não chega [...]. [...] eu acho bastante adequado [...] principalmente em Biblioteca pública ou escolar que *tenha* [...] um horário que seja aberto ao público com atividades direcionadas a ele, [...] como ler os livros ou contar as histórias que estão contidas nesses livros, como outras ações culturais também [...].

Penso que [...] seria fundamental que todo profissional bibliotecário procurasse se envolver de alguma maneira em alguma ação desse seguimento, de trazer alegria para as pessoas, de conquistar outros usuários, conquistar novos leitores, [...] ou auxiliar, por exemplo, o asilo e ter aquela alegria de ver uma pessoa de idade que nunca teve contato com a literatura [...], fugir um pouco dessa parte técnica, que é catalogar, emprestar o livro.

É consensual, tanto na literatura como no discurso do sujeito, que o bibliotecário pode e deve estar envolvido com ações relacionadas aos aspectos mais humanísticos de sua atuação profissional, que no contexto abordado nesta pesquisa é sua atuação com Biblioterapia. E para isso, há um ponto que precisa ser abordado, que é o bibliotecário ser capacitado para atuar nesta seara, seja por sua disposição natural e/ou principalmente pela formação que recebe na Graduação de Biblioteconomia.

O que significa pensar na formação que o bibliotecário está recebendo, nas disciplinas que compõem o currículo de formação e que estão voltadas para os aspectos humanísticos da área, e que possibilitem a ele utilizar a Biblioterapia de forma segura e efetiva em sua atuação profissional.

Witter (2004) destaca que por não ter pessoal qualificado a biblioterapia ainda é pouco divulgada pelo alto potencial que possui, destaca também os benefícios que pode proporcionar como apoio na solução de problemas psicossociais, além se de ser uma opção que não demanda muitos investimentos.

Assim, a Biblioterapia surge como uma outra forma de atuação para o bibliotecário, exigindo dele uma formação interdisciplinar que possibilite o desenvolvimento de competências voltadas para o aspecto humanista da profissão, transcendendo a formação tecnicista recebida comumente.

Além disso, Almeida e Bortolin (2013, p. 11) consideram que “sendo o curso de Biblioteconomia multidisciplinar, fazer da biblioterapia uma técnica para ser usada na mediação de literatura com os leitores, é uma ajuda de grande valia a todos”.

Para o discurso do sujeito a biblioterapia é [...] *um instrumento a mais que fica na mão do bibliotecário pra ele trabalhar, mais uma ferramenta que ele pode utilizar nas bibliotecas, pra ir além do que é habitual de só atender o usuário. De também trabalhar com a leitura como forma de ajudar a sociedade [...], pois [...] acho [...] que às vezes falta muito aquela coisa do bibliotecário ir até a pessoa e conversar [...] sobre um livro, uma pesquisa que ela esteja fazendo, acho que está muito automático só pegar o livro ou a tese e entregar fazendo o registro.*

Para Jerônimo et al. (2012, p. 461-462) a biblioterapia é considerada como uma das formas de atuação na Biblioteconomia, além de um potencial campo de atuação para o bibliotecário que pretende trabalhar em “uma área menos técnica e mais humana, do ponto de vista emocional e psicológico.”

A preocupação com o aspecto mais humano na formação do bibliotecário é evidente tanto na literatura pesquisada, como nos discursos dos sujeitos, como se pode verificar:

Ainda há uma [...] visão muito tecnológica da profissão e às vezes perde um pouco o caráter mais humano, de influenciar as pessoas de trazer [...] outra realidade pra um contexto social diferenciado, numa favela por exemplo.

Entendo que enquanto você está lá [...] dentro da biblioteca você vai ter que ter este aspecto humano de ouvir, ser ouvinte do [...] usuário, porque [...] às vezes ele não [...] quer só um livro pra pesquisar, às vezes ele tá [...] ali somente pra [...] falar alguma coisa com alguém [...], e o bibliotecário acaba sendo meio que o psicólogo da “galera” [...], pois [...] somos responsáveis [...] pelo poder da palavra porque estamos lidando diretamente com ela e tudo que rege ali, naquele espaço, desde

cultura, [...] dogmas, políticas e o que tiver envolvido com a palavra a gente média [...] e também dissemina.

Sobre esse aspecto humano da profissão, esclarece Caldin (2010, p. 44):

Então, o bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve, antes de tudo, nutrir interesse pelo aspecto humano da profissão, esquecendo-se, nesses momentos, dos serviços técnicos para os quais também se preparou na Graduação. É indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou a fim de contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa. [...].

Assim, a gente acaba sendo tudo [...] o psicólogo, o cara que escuta o conselheiro, às vezes o político, o articulador, o professor principalmente, não diria professor, mas educador social, aquele que está ali inserido naquele contexto, mas que sempre recebe algumas demandas [...] que talvez não esteja no alcance dele, e ele tenta mediar pra poder ajudar a pessoa e eu acho que a leitura e a escrita seria a principal forma da gente trabalhar com essas pessoas de diversos contextos [...].

Nota-se que para além de ter afinidade com a área mais humana da profissão, disponibilidade para ouvir o usuário ou criar ações que incentivem a leitura – em todas as suas formas, é necessário que o bibliotecário também desenvolva outras habilidades e competências para que possa, dentro das possibilidades, dar conta e viabilizar as situações que possam acontecer no contexto no qual esteja inserido.

Para o discurso do sujeito a utilização da Biblioterapia como forma de atuação também possibilita ao usuário outra percepção do bibliotecário, desmistificando estereótipos, já criados – bibliotecário fechado, carrancudo – e que esteve sempre associado única e exclusivamente para os processos técnicos da área. Aqui se pode observar a objetivação, um dos elementos das representações sociais, já que ocorre a

“transformação de uma ideia, de um conceito”, que o usuário tem do bibliotecário (FRANCO, 2004, p. 172).

Além disso, acho que desperta o lado mais humanista da profissão [...] e ajuda a quebrar com aquelas barreiras de o bibliotecário ser aquela pessoa fechada, que só manda as pessoas ficarem em silêncio [...], enriquecendo a relação do bibliotecário com outro profissional e até mesmo com o usuário.

O discurso do sujeito sinaliza a preocupação quanto aos bibliotecários estarem preparados para atuar com a Biblioterapia em suas práticas profissionais, bem como em se pensar no lugar que a Biblioterapia deve ter na formação que recebem, e sugerem mudanças para atender essa demanda:

[...] Eu gostaria bastante de conhecer essa nova técnica [...]. Também [...] acho que [...] deveria ser [...] batizado um espaço maior pra Biblioterapia [...] dentro da graduação de Biblioteconomia [...] na formação do bibliotecário [...], pois na UFSC [...] ela não é aplicada em todos os semestres [...] eu já tentei fazer a disciplina, mas nunca deu certo [...] porque sempre tá cheio e não tem vaga [...].

A disciplina de Biblioterapia é oferecida na UFSC e de acordo com Caldin (2010, p. 43), “desde o primeiro semestre de 2003, o conteúdo programático foi integrado ao currículo do Curso de Biblioteconomia e ofertado como disciplina optativa, com 2 horas/aula semanais e 36 horas/aula semestrais”. Porém, parece não ser suficiente, pelo que se pode ver no discurso dos sujeitos.

Se tem uma procura [...] porque deixar sempre na optativa? Acho que ela deveria ser obrigatória no curso [...].

Eu sinto a biblioterapia não ter na UDESC, [...] apesar de que não impede que o pessoal que tenha tempo, possa fazer na UFSC.

Então eu gostaria muito, muito, muito que a Biblioterapia entrasse como obrigatória, e que tivesse [...] um grupo onde pudéssemos conversar sobre biblioterapia [...]. Assim como [...] precisa [...] de mais ações que envolvam a Biblioterapia, pois [...] acho que tem poucos bibliotecários que se dedicam a isso [...], bem como [...] divulgação, pois a gente ouve pouco sobre o assunto [...] dentro da universidade e também em outros âmbitos.

Para além da sugestão de mudança da disciplina optativa para obrigatória, o discurso do sujeito revela também a

importância de se criar grupos e espaços para discussão sobre a biblioterapia, seja no âmbito da universidade ou em outros espaços. Pois, mesmo não conseguindo atender a demanda existente e ser uma manifestação ainda tímida para realidade e necessidade atual, a disciplina de Biblioterapia oferecida na UFSC vem despertando o interesse dos discentes que vislumbram uma formação diferenciada que ultrapassa os conhecimentos técnicos da área e desta forma conquistando um lugar fundamental na formação do bibliotecário.

Eu fiz a disciplina de Biblioterapia na UFSC, [...] e a partir daí que eu passei a ter outra percepção da importância que a Biblioterapia tem dentro da Biblioteconomia.

Quando motivados a falar de alguma experiência de biblioterapia que já tenham vivido ou presenciado, alguns dos sujeitos entrevistados relataram a experiência prática que tiveram durante a disciplina, o que denota interesse e percepção do papel fundamental que ela apresenta na formação do bibliotecário.

Na disciplina de Biblioterapia do Curso Graduação de Biblioteconomia da UFSC fiz um trabalho em [...] grupo [...] que apresentou um livro infantil numa comunidade carente, é numa creche pública, e assim dentro do curso foi o trabalho mais gratificante que eu fiz, [...] foi o trabalho mais humano [...].

A minha experiência lá no HU, foi boa, foi válida, apesar de nem tudo que nós preparamos a gente conseguiu, mas a professora nos acompanhou tava lá de “bombeiro” pra nos socorrer, qualquer momento [...]. Achei que [...] o tempo foi curto, por todo o desempenho que é preparar o cenário, estudar uma história, por fim não deu pra observar [...] a questão da catarse. Mas não tem como mensurar o efeito [...] causado [...], pois a satisfação estava ali presente, e as crianças [...] se envolveram com as personagens.

Todos [...] ficaram supercontentes, tanto as crianças como os pais que adoraram e [...] agradeceram. Percebi [...] que as crianças ficaram encantadas, pois eles estão lá naquele mundo [...], às vezes até solitáriosinhos, e de repente vem uma animação assim pra eles [...].

Houve caso em que o sujeito entrevistado participou como aplicador de biblioterapia:

Nossa, tem muitas, [...] a que eu fiz no hospital, chega me arrepiar, [...] sou voluntária em hospital e trabalhar com as

crianças é sempre fantástico, porque quando [...] tu conta e lê histórias, tu emprestas tua voz pra aquele texto se levantar [...] e cria toda aquela imaginação, e história que vai suscitar a imaginação na criança [...].

Nesse caso, a seguir, o sujeito entrevistado identifica a Biblioterapia sendo aplicada por um professor:

Eu já vi caso de professores indicarem para uma classe inteira uma leitura coletiva da história da Poliana [...] e daí eles se veem ao inverso ali na história e geralmente causa um impacto e é perceptível a mudança, já que depois de fazer uma leitura dessa que a criança se vê e se identifica, ela própria já se coloca em outra posição, se reconhece ao contrário [...].

O Discurso do Sujeito Coletivo demonstra que é fundamental a presença da disciplina de Biblioterapia, assim como de outras que tenham o enfoque humanista e social na formação do bibliotecário nos cursos de Graduação.

Ao se pensar na Biblioterapia como campo de atuação do bibliotecário, como uma área de atuação interdisciplinar, é necessário considerar outro ponto sinalizado no discurso dos sujeitos desta entrevista, que diz respeito à interação profissional nas práticas de biblioterapia. Assim, ao serem motivados a falar sobre a questão informam que:

Eu acho fundamental, porque o profissional bibliotecário, [...] tem seus conhecimentos técnicos de biblioteconomia, [...] mas também como envolve a terapia, [...] acredito que outros profissionais devem estar envolvidos [...] porque nós somos bibliotecários e a gente entende da leitura e não da parte psicológica da pessoa do estado emocional [...] quem sabe alguém da psicologia ou da medicina [...].

[...]. No serviço voluntário que faço [...] já fiz isso de ir buscar [...] ajuda [...] com os [...] profissionais [...] o pedagogo, o pessoal da psicologia [...] e da letras, e juntos discutimos como trabalhar e que livros utilizar.

O trabalho interdisciplinar, no contexto da Biblioterapia é uma recomendação para aqueles que desejam utilizá-la como prática. (WITTER, 2004).

Em minha opinião, o profissional bibliotecário não pode ficar isolado e se ele está trabalhando numa unidade de saúde [...] tem que interagir com os enfermeiros, os médicos, o pessoal do setor administrativo [...], pois não tem como o projeto de Biblioterapia se encaminhar se não tiver outros profissionais

junto, já que [...] está intrínseca essa interação com o outro no fazer do bibliotecário [...].

Por ser [...] uma ação em conjunto [...] acho que agrega muito o bibliotecário estar interagindo com outros profissionais, pois de uma forma ou de outra a gente vai ter mais aparato pra poder lidar com situações diversas que acontecem no dia a dia, que acontecem [...] na biblioteca como em qualquer outro espaço em que a Biblioterapia seja aplicada. Da mesma forma seria o auxílio que o bibliotecário daria pra [...] outro profissional nesse sentido da biblioterapia [...].

A integração profissional em práticas de biblioterapia é vista de forma natural e bem aceita de acordo com o discurso dos sujeitos entrevistados, demonstrando ser um fator primordial para o bom andamento e desenvolvimento das práticas de biblioterapia.

Por esse motivo, nas práticas de biblioterapia a interação profissional exerce um papel fundamental, que deve estar presente desde a sua formação, como destaca Caldin (2010, p. 43), quando retrata que para terem uma visão interdisciplinar da terapia por meio da leitura, os discentes que cursam a disciplina de Biblioterapia oferecida na Graduação de Biblioteconomia da UFSC “realizam leituras de textos das áreas de Biblioteconomia, Literatura, Filosofia e Psicologia” (CALDIN, 2010, p. 43).

De modo geral, a interdisciplinaridade na formação do bibliotecário possibilita ampliação do seu conhecimento desde sua base de formação, bem como atuação de forma segura e efetiva junto a outros profissionais, seja nas práticas de biblioterapia, seja em outras atividades.

Isso não significa dizer que o bibliotecário deva esquecer os processos técnicos inerentes da biblioteca e simplesmente se voltar para práticas com enfoque mais humanístico. É necessário encontrar equilíbrio em sua atuação profissional e inserir os aspectos humanísticos em todos os processos que englobam a biblioteca.

“A Biblioterapia é uma forma terapêutica muito atrativa, não invasiva e polivalente que, entre os variadíssimos campos de atuação, poderá ajudar as bibliotecas a aproximarem-se da comunidade em geral.” (SEBASTIÃO, 2012, p. 89).

Para Almeida (2005, p. 62) “mediante as interações sociais é que se constroem as representações da realidade

social”, bem como as transformam. Nesse sentido a interação profissional, seja nas práticas de Biblioterapia ou em outras atividades possibilita também a desmistificação de que o bibliotecário trabalha de forma isolada e solitária, uma vez que mesmo nos processos técnicos, o contato com outros profissionais e com o próprio usuário se faz fundamental, pois cria uma aproximação e logo a melhoria dos processos e atividades desenvolvidos, sejam eles voltados para os aspectos técnicos ou humanísticos da profissão.

Após a interpretação do Discurso do Sujeito Coletivo, para encerrar essa dissertação apresenta-se a seguir as considerações finais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a percepção que os discentes de Biblioteconomia da UFSC e UDESC têm sobre a Biblioterapia foi o objetivo principal desta pesquisa. Neste sentido e por meio do DSC, buscou-se analisar os discursos sobre a óptica do entendimento que estes discentes têm da Biblioterapia.

Este entendimento contribuiu para demonstrar que apesar da Biblioterapia ser considerada uma área incipiente, pouco reconhecida e explorada pelos bibliotecários, o mesmo não ocorre na percepção dos discentes. É provável que isso se deva fato de alguns já terem cursado a disciplina de Biblioterapia na UFSC, ou mesmo apenas ter ouvido falar sobre o tema, ou realizado alguma leitura a respeito. O fato é que apesar do pouco entendimento a respeito os discentes entrevistados reconhecem o seu valor e importância para a sociedade e atuação profissional no ramo da Biblioteconomia.

Na opinião dos discentes, a biblioterapia é uma terapia por meio da leitura e do livro que promove o bem-estar, proporciona um novo olhar para a vida, tem uma função terapêutica, auxilia no apaziguamento das emoções, podendo ser utilizada em hospitais, escolas, creches e bibliotecas. Além disso, entendem a Biblioterapia como técnica/prática da Biblioteconomia e ressaltam a sua importância como possível instrumento de transformação e integração social.

No que confere à relevância que a Biblioterapia tem para sociedade, os discentes apontam que ela é importante, pois ajuda as pessoas a construírem uma nova perspectiva de vida, mudar os padrões. Desenvolve e mune a sociedade com informação.

Isso me faz lembrar de Petit (2008), que em sua palestra acerca do “Leitor ‘trabalhado’ por sua leitura” ressalta que ele não é passivo, pois opera um trabalho produtivo, alterando o sentido do que lê via suas interpretações e, além disso, é transformado pela leitura, quando se depara com algo inesperado e não tem dimensão aonde isso poderá levá-lo.

Nesta relação o leitor desempenha um papel importante, pois age buscando compreender aquilo que lê e ao mesmo tempo se permite ser envolvido pela leitura, fazendo uso de suas vivências e comparando-as com o que está registrado no livro que tem em mãos.

O mesmo acontece no processo de leitura mediada, onde novamente os papéis se misturam, se complementam, se inter-relacionam, pois com a atuação de um novo ator, no caso o mediador (bibliotecário, contador de histórias), também há uma transformação, seja no modo de pensar do leitor, ou na interpretação que este dá ao que lê e ouve, por meio da intervenção do mediador, que nesta relação desempenha a função de levar até o leitor a palavra escrita antes pré estabelecida, objetivando que esta possa auxiliá-lo em seu processo de vida.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, seja daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima.

Assim o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, e não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma.

Também consideram que a Biblioterapia deve ser mais aplicada e explorada nos cursos de Graduação em Biblioteconomia, por se tratar de uma ferramenta mediadora com função integradora (bibliotecário x sociedade e bibliotecário x outros profissionais), além das possibilidades de realçar o lado humano do profissional bibliotecário.

Sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar, destacam que ele deve ser um profissional pró-ativo, com o olhar atento ao usuário buscando atender para além da necessidade básica de pesquisa, se envolvendo com as questões sociais do ambiente no qual está inserido, desenvolvendo sua função como promotor de cultura e de interações sociais. Apontam a importância de criar projetos/ações que atraiam as pessoas para a Biblioteca e neste aspecto consideram a Biblioterapia com potenciais para ser utilizada pelo bibliotecário como aplicabilidade no social.

A interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de Biblioterapia é considerada fundamental na opinião dos discentes, já que possuem apenas formação técnica. Eles acreditam que a união das habilidades de

outras áreas pode auxiliar a prática de Biblioterapia, além de permitir uma interação multidisciplinar.

Observa-se nas narrativas que os discentes têm interesse em conhecer mais sobre a Biblioterapia, e anseiam que ela faça parte da matriz curricular do Curso de Biblioteconomia como disciplina obrigatória.

Considera-se também uma preocupação dos discentes em relação aos aspectos humanísticos da formação bibliotecária, uma vez que a formação que recebem durante o curso está mais voltada para formação técnica que atualmente prevalece, apesar de ambas IES apresentarem em suas matrizes curriculares disciplinas de cunho humanístico.

Em relação a ter uma formação mais voltada para os aspectos humanísticos, as narrativas dos discentes demonstram também, o anseio de estarem preparados para fazer uso da Biblioterapia como técnica, instrumento de trabalho, ou seja, prospectando na Biblioterapia um campo fértil de atuação do bibliotecário. Enfatizam também a importância de se ter um grupo para conversar sobre biblioterapia, bem como divulgação do assunto.

Destaca-se que para além de ter atingido os objetivos geral e específicos propostos, a narrativa dos discentes entrevistados representa a fala do coletivo no universo pesquisado e suscita pontos relevantes que devem ser levados em consideração e repensados, pois dizem respeito: a sua formação no âmbito do curso de Biblioteconomia, uma vez que sobressai a formação técnica ficando a formação humanística em segundo plano; o lugar que a Biblioterapia ocupa na matriz curricular do curso de Biblioteconomia da UFSC, sendo oferecida apenas como disciplina optativa; a pouca atuação com Biblioterapia pelos profissionais já formados em Santa Catarina.

“Aqueles palavras que você precisa ouvir, que vão mudar a sua vida, que vão responder suas perguntas, estão em algum livro por aí, é só procurar.” (ZIRALDO, 2009).

O “por aí” de Ziraldo, traz a minha imaginação um universo de possibilidades e lugares, e logo penso em uma Biblioteca. Do mesmo modo, outra imagem me ocorre, pois na busca por “aquelas palavras”, imagino que seja ideal que o leitor e/ou ouvinte encontre um bibliotecário e que este esteja preparado para apoiá-lo no seu anseio por “aquelas palavras”...

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARIAN ASSOCIATION - ALA. Disponível em: <<http://www.ala.org/tools/bibliotherapy>>. Acesso em: 11 maio 2014.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 59-79.

ALMEIDA, Miriam Lúcia; BORTOLIN, Sueli. Biblioterapia e a recepção da literatura. In: Congresso BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://cbbd2013.emnuvens.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2014.

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n.1/2, p. 54-61, jan./jun., 1982.

ARAYA UMAÑA, Sandra. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuadernos de Ciencias Sociales**, San José, n. 127, out., 2002.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

BANDEIRA, Pedro. Uma alternativa ao desespero. Disponível em: <<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/04/04/uma-alternativa-ao-desespero>>. Acesso em: 05 maio 2014.

BERGER, Perter L.; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Biblioterapia com crianças com câncer. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BORTOLIN, Sueli. **O leitor-narrador, o leitor-ouvinte e o bibliotecário na floresta literária**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_1099.pdf>. Acesso em: ago. 2014.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

BRASIL. Projeto de Lei n. 4.186 de 11 de julho de 2012. Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde - SUS. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012092&filename=PL+4186/2012>. Acesso em: 15 nov. 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Florianópolis, **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001.

_____. **A poética da voz e da letra na literatura infantil (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)**. Florianópolis, 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLIT0073-D.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2001.

_____. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto das Ideias, 2010.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 14, out. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br>>. Acesso em: 31 out., 2012.

_____. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios: Revista de Bibliotecologia y Ciencias de La Información**, Lima, año 6, n. 21/22, p. 13-25, Ene./Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.bibliosperu.com>>. Acesso em: 31 out. 2012.

_____. Trabalhos de conclusão de curso sobre a temática biblioterapia. In: HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de. **Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos**. Florianópolis: Casa do Editor, 2013. p. 141-158.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 15, 1º. sem. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em: 25 set. 2014.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 6-12, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/racb/article/view/841>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; CHAGAS, Magda Teixeira. Criação do Curso de Graduação em Biblioteconomia: um breve histórico. In: _____. **Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos**. Florianópolis: Casa do Editor, 2013. p. 71-95.

INEP. Portaria n. 124 de 24 de junho de 2009. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/enade/2009/Portaria_Diretrizes_2009_Biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2014.

JERÔNIMO, Viviane et al. Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 460-471, jul./dez., 2012. Disponível em: <www.revista.acb.org.br/racb/article/download/786/pdf>. Acesso em: 26 ago. 2014.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 17-44.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

MACIEL, Aline. **Cada um conta de um jeito**. Florianópolis: Cia Mafagafos, 2012.

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Aberta, Departamento de Educação e Ensino a Distância. Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2302/1/Cristina%20Maltez.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis: Vozes, 2006.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde . 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade . 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Denise Viuniski da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia versus Filosofia da Diferença: a biblioterapia em questão. **DataGramZero**: Revista de Informação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez13/Art_03.htm>. Acesso em: 25 ago. 2014.

NUNES, Lucilene; FRANCO, Lucimara Fernandes Martins. **Biblioterapia**: formação e atuação do bibliotecário. Disponível

em: <

www.cab.ufsc.br/repositorio/trabalhoserebd2007/trabalho_14.pdf
>. Acesso em: 22 out. 2012.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia.

Comunicações e Artes, São Paulo, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PERROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

PERISSÉ, Gabriel. Noções de biblioterapia. **Revista Educação**, São Paulo. Disponível em:

<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/152/artigo234695-1.asp>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, n. 17, jan./abr. 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, Jose Augusto de Souza. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SEBASTIÃO, Maria Margarida Coelho Pereira. **Biblioterapia**: a função terapêutica do livro em ambiente prisional. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2012.

Disponível em:

<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3653/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Biblioterapia.pdf?sequence=1>>
Acesso em: 12 dez. 2013.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: ACB; Habitus, 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. Florianópolis, 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2005.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Modernização e Biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP; CED; UFSC, 2003.

_____. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 32-46, jan./jun. 2006.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
Reformulação curricular e projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia: Habilitação Gestão da Informação.
Florianópolis: UDESC, 2007 Disponível em:
<http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/108/ppc_biblio_2007.pdf>. Acesso em: 29 set. 2014.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Formação profissional do bibliotecário. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 25, 1. sem. 2008.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. Cap. 9, p. 181-198.

ZIRALDO. **O livro do sim do Menino Maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado (a) Coordenador (a) do Curso de Biblioteconomia

INEZ HELENA GARCIA, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), vinculada ao Programa com a matrícula 201200572, sob minha orientação, dirige-se a essa Coordenação de Curso solicitando autorização para realizar entrevista aos discentes matriculados no Curso de Biblioteconomia como uma das etapas do seu projeto de pesquisa **BIBLIOTERAPIA: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina.**

Local e data

Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Professora orientadora

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO**A – Identificação geral**

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Cidade e Estado de nascimento: _____

B – Formação acadêmica/profissional

Instituição de formação acadêmica: _____

Nome do
curso: _____

Fase/Período:

() 4^a () 5^a () 6^a
() 7^a
() Outra - Especificar qual: _____

Cidade e Estado do curso: _____

Exerce alguma profissão/ocupação?

() Sim Especificar qual: _____

() Não

A estrutura curricular do seu curso contempla a disciplina de biblioterapia?

() Sim () Disciplina obrigatória () Disciplina
optativa

() Não

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezado entrevistado, peço que fale livremente a respeito das questões que lhe serão feitas. A intenção é que você se sinta à vontade e expresse sua opinião a respeito do que for perguntado.

- 1 – O que você entende por biblioterapia?
- 2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?
- 3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.
- 4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.
- 5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?
- 6 – De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?
- 7 – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos algum comentário?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Inez Helena Garcia, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina”, que objetiva investigar quais são as percepções que os discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina têm da Biblioterapia. Esta pesquisa faz parte dos estudos que realizo no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, iniciados em 2012, na Universidade Federal de Santa Catarina. Serão entrevistados os discentes dos Cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal e Estadual de Santa Catarina e sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante. Informo que nenhum participante será identificado pelo nome, mantendo as informações sob sigilo. Em qualquer momento, fique a vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Pesquisador

Orientador

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na
pesquisa e
concordo em participar.

_____, ____/____/201__.
(Cidade, Estado) (Data)

Assinatura: _____

RG: _____

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevistado (a) A

1- O que você entende por biblioterapia?

Eu confesso que entendo pouco, né, pois estou só na quarta fase, a gente viu muito pouco na aula sobre isso, mas o que me vem a cabeça quando eu escuto a palavra Biblioterapia, é algo relacionado a biblio, a biblioteca... livros né. Então acredito que seja algo relacionado à leitura de livros, alguma função terapêutica relacionada à leitura, então acredito que seja isso. E também a contação de histórias, que eu cheguei a conhecer uma contadora de histórias, também teve entrevistas dela na TV, acho que é a Felícia Fleck, que ela contava histórias de uma maneira animada, cantando... achei bem interessante.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Eu acho que ela é muito relevante pra nossa sociedade, primeiro porque a leitura ela já é importante né? A leitura devia ser uma coisa que faz parte de todas as pessoas, o Brasil lê muito pouco. Acho que o Brasil deveria ler mais, e em relação à biblioterapia eu acho que ela é muito importante porque ela deve ter esta função terapêutica que eu falei anteriormente em terapia, eu acredito que ela ajude as pessoas, assim como outras terapias a construir uma nova perspectiva a ajudar a mudar as noções, os pensamentos né, ter uma nova cognição, uma nova perspectiva mesmo de vida mesmo quem sabe.

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Então, pra mim foi muito novo quando ouvi falar que poderia haver essa biblioterapia, que o bibliotecário poderia estar associado a uma terapia, a alguma coisa relacionada a esse gênero. Eu sempre achei que ele não podia exercer essas funções, mas então pelo que eu ouvi falar, além disso, ele além de outros profissionais podem exercer essas outras forma de expressão... Pode repetir a pergunta, por favor, que eu não... [entrevistadora repete a pergunta]... Então, ele deve ser um profissional que deve sempre estar promovendo isso... promovendo esse bem-estar, essa leitura... adotar novas formas

de levar a leitura as pessoas, de estimular a leitura as pessoas. Ele deve ser um profissional pró-ativo que sempre deve buscar, que sempre... hummm deixa eu ver mais... [silêncio]... Deve ser um profissional sempre preocupado em promover isso... em promover a cultura... esses valores, interações...

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Não vivencie, mas eu li alguma coisa uma vez, que quem sabe nessa forma... nessa contação de histórias, leitura das histórias.... eu acredito que nós né, quem tá tendo essa, quem tá participando dessa interação... ela deve assim, estar se comparando as personagens, se colocando na situação deles e quem sabe com isso pode resolver seus problemas, pode levar isso pra sua vida. Interagir mesmo com a história.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Ela deve ser fundamental, porque o profissional bibliotecário, ele tem seus conhecimentos técnicos de biblioteconomia, sobre outros aspectos, mas também como envolve a terapia, eu acredito que outros profissionais devem estar envolvidos nisso, eles devem estar envolvidos nisso, quem sabe alguém da psicologia da medicina, alguma coisa relacionada a isso e nessa área, e eles detêm mais conhecimento sobre isso, não sei se a fisioterapia... sei lá acho que não, mais conhecimento relacionado a saúde né, sobre técnicas, sobre essas formas.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Eu acho que assim como a biblioterapia pode trazer muitos benefícios pros, não sei eu chamo pacientes, usuários... pode ser usuários, assim como a biblioterapia pode trazer muitos benefícios pra essas pessoas, pra eles, ela vai estar favorecendo o profissional que executa aí no caso bibliotecário, ele pode ser um dos grandes beneficiários dessa técnica, que pode também dar uma nova visão de vida, tornar as coisas, não sei... leves, ter uma nova percepção uma nova perspectiva, também trazer mais humor né, quem sabe melhorar essas

questões, esses aspectos, sanar problemas, não sei... vai ajudar de alguma maneira...

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Não, acho que meu conhecimento sobre biblioterapia ainda é muito reduzido... Então, deixa eu ver... o que mais eu podia acrescentar...sobre biblioterapia [silêncio]... Então eu gostaria bastante de conhecer essa nova técnica, já tentei fazer a disciplina, mas nunca deu certo, eu acho que ela é uma disciplina muito importante. Não sei se ela deveria ser obrigatória no curso, mas acredito que se ela fosse obrigatória, seria muito interessante, até mesmo pra estimular as pessoas, tem muita gente tímida, eu acho que seria bom para as pessoas entenderem melhor como funcionam as coisas, pra elas adquirirem uma nova visão... deixa eu ver... [silêncio]... eu penso bastante no humor também... com a biblioterapia as coisas terão mais humor... uma leveza, uma capacidade de expressão.

Entrevistado (a) B

1 – O que você entende por biblioterapia?

Olha, eu acho que é bem explicativo assim, o nome fala que tem algo além da questão da terapia da leitura, biblioteconomia a leitura e tudo mais. Mas pelo o que eu entendi da disciplina que eu fiz, do trabalho que eu fiz junto da Professora Clarice, é mais ou menos a saída de alguns problemas, né, não necessariamente alguns problemas, mas poder através da leitura proporcionar algumas coisas boas pra pessoa em alguns momentos que pode ser utilizado tanto na cura de doenças, ou, por exemplo, eu fiz uma apresentação de um livro infantil numa creche de uma comunidade meio carente assim, então acho que vai mais ou menos por esse segmento aí de trazer uma nova visão das coisas ou uma alternativa mais feliz assim através da leitura, através dos livros, eu não sei ficou muito claro o que eu falei...

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Olha eu acho que a Biblioterapia ela é um... não sei se vai ter outra pergunta sobre isso, mas eu acho que ela tem muito pouco espaço pela importância que ela pode vir a ter na sociedade né,

tanto no nosso curso que existe apenas uma disciplina optativa, porque eu acho que na questão do nosso curso é que ele é muito focado no técnico e ele esquece um pouco desse lado humano, então eu acho que a Biblioterapia é muito importante nesse sentido de mostrar ao profissional bibliotecário que além da gente ter que ficar levando informação, a gente tem o lado humano e que de certa forma a informação pode fazer bem sim pras pessoas além daquela questão de fazer uma pesquisa, de procurar uma resposta, esse tipo de coisa, nesse sentido.

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Olha eu trabalhei bastante tempo como estagiária de uma biblioteca escolar e acho que é um dos espaços onde a informação dá mais pra notar essa questão assim né. Eu acho que as outras bibliotecas, como agora estou trabalhando numa jurídica, a coisa fica muito nessa questão de, ah eu procuro tal informação e aí tu dá a informação pro usuário e não passa disso, então eu acho que o bibliotecário, ele tem sim que fomentar a leitura, através de projetos que agradem, que por exemplo... na biblioteca escolar através da Hora do Conto, todas essas coisas que atraem os leitores não só naquele momento que ele precisa de uma pesquisa, alguma coisa assim. Que ele busque sempre a leitura por prazer, pra passar o tempo, pra se divertir, não só assim, ah eu tenho que fazer um exercício, preciso fazer um dever vou na biblioteca. Acho que o bibliotecário poderia utilizar a biblioterapia pra atrair as pessoas por prazer a ir a biblioteca. [Entrevistadora] Puxando um gancho da tua experiência em biblioteca escolar e agora numa biblioteca jurídica mais formalizada e pensando no que você falou “que o bibliotecário se preocupe em tornar aquele espaço da Biblioteca num lugar agradável, que as pessoas venham até lá não só pra buscar informação pra cumprir uma etapa, pro estudo, atender uma demanda”, você consegue ver a Biblioterapia acontecendo na biblioteca Jurídica? [Entrevistada] Olha, onde eu trabalho eu acho que precisaria fazer um trabalho nesse segmento, pois esta biblioteca se restringe a livros da área jurídica, então eu acho que poderia ter uma estante, por que não de livros de literatura, que as pessoas viessem e pegassem os livros pra ler no final de semana, que tenham uma relação diferente, mais...ali a biblioteca é focada apenas em adquirir material administrativo e

jurídico e os usuários buscam [o espaço] somente pra atender essas necessidades, estou precisando ver uma súmula, entro ali pego a informação e vou embora e não cria este vínculo da biblioteca com o aluno, como uma área de lazer, que poderia ser apenas pra ler um jornal, olha eu estou cansado, trabalhei o dia inteiro, vou ali na biblioteca vou ler uma revista, vou ler um capítulo do livro, eu acho que seria bem interessante.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

É pode ser sobre o exemplo que eu dei do trabalho que eu apresentei? [entrevistada: sim, pode explicar mais]. Bom o meu grupo na aula da professora Clarice, a gente apresentou um livro infantil numa comunidade carente, é numa creche pública, e assim dentro do curso foi o trabalho mais gratificante que eu fiz, porque como eu falei antes, eu acho que o curso é muito voltado pra parte técnica, pra parte... então são trabalhos assim, e esse foi o trabalho mais humano. A gente fez uma peça de teatro, compramos presentes para as crianças assim, as crianças ficaram maravilhadas, as professoras pediram pra gente voltar, as crianças interagiram, crianças pequenas assim de três e quatro anos, interagiram, a gente levou a máquina pra bater foto, tudo isso foi relatado. As crianças adoraram os presentinhos, a gente não podia levar comida, por que não entra na Prefeitura, a gente queria levar bolo, alguma coisa assim... então a gente levou uns livrinhos de colorir, eles ficaram maravilhados, agradeceram muito, bateram foto com a gente, foi sensacional, foi o melhor trabalho que eu fiz dentro da minha graduação. Até porque eu gosto muito da biblioteca escolar, das crianças, então pra mim foi o melhor trabalho e uma das melhores disciplinas que eu cursei.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Olha eu acho, pela minha experiência da biblioteca escolar, eu acho que é fundamental, até porque no nosso curso a gente não tem essa coisa da didática, da pedagogia, nosso curso é um curso muito técnico, então por exemplo nessa escola que eu trabalhei, eu procurava fazer um contato com os professores das séries iniciais, que eles tem essa didática de como chegar nas

crianças, por que no nosso curso ele não tem uma disciplina, a não ser na biblioterapia, mas também não trata muito da parte pedagógica, de como chegar na criança, da etapa como um todo. Então eu acho que o pedagogo, o professor das séries iniciais ele pode ser fundamental nesse trabalho pra alcançar novos leitores, com projetos...

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Olha primeiramente por experiência própria, pra gente ser feliz, pra gente fazer um trabalho bem feito em qualquer profissão a gente tem que ser feliz no que faz, e eu acho que a biblioterapia ela tem esse poder de trazer gratificação pro profissional bibliotecário, é que por exemplo, citando a biblioteca que eu trabalho hoje em dia, eu não tenho esse sentimento de gratificação do usuário, porque é um tempo muito curto, ele vem pega o livro, ele agradece e vai embora. E a biblioterapia tem esse envolvimento com o usuário né, e eu acho que a questão de tu vê o resultado final, tu vê que o usuário ficou feliz com a contação de história, com alguma coisa, eu acho que é esse tipo de gratificação que faz a diferença no dia-a-dia do profissional bibliotecário, então eu acho que nesse sentido seria fundamental que todo profissional bibliotecário procurasse se envolver de alguma maneira em alguma ação desse seguimento, de trazer alegria para as pessoas, de conquistar outros usuários, conquistar novos leitores, independente da faixa etária, ou auxiliar por exemplo o asilo né, aquela alegria de ver uma pessoa de idade que nunca tiveram contato com a literatura, a felicidade que é, então eu acho que são essas pequenas coisas assim que podem fazer a diferença no dia-a-dia do profissional bibliotecário, que falta, fugir um pouco dessa parte técnica, que é catalogar, emprestar o livro...

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Não... eu acho que assim a única coisa que deveria ser mais batalhado um espaço maior pra Biblioterapia e ares de segmento dentro da graduação de Biblioteconomia, porque isso é uma questão que eu até debati no último semestre e que foi perguntado pelo professor o que faltava no curso, e eu falei que

falta um lado mais humano, a gente passa 4 anos tão preocupado em aprender as partes técnicas, que acaba se formando um profissional que muitas vezes não... que muitas vezes o profissional bibliotecário não é muito bem aceito, porque é meio carrancudo, eu acho que da parte da formação a gente não é, não digo treinado, mas a gente não é...passado essa parte humana, da gente se envolver com o usuário, justamente como você falou, as vezes o usuário está com um problema, procurar ajudar de alguma maneira...não se limitar a dizer apenas “o livro que tu precisa é esse, pode levar”; acho que batalhar num espaço maior pra esse tipo de atividade mais humana, que de certa forma ele une mais o bibliotecário a sociedade, ele acaba unindo mais o bibliotecário ao usuário, então eu acho que deveria ser batalhado um espaço maior pra Biblioterapia na área de formação

Entrevistado (a) C

1 – O que você entende por biblioterapia?

Deixa eu ver se eu vou conseguir definir assim... A biblioterapia no meu ponto de vista é a forma de aplicar os conhecimentos esses é... partindo de livros né, de literaturas e ambientes diversificados e com um efeito, é um efeito,... como é que vou te dizer, com o objetivo de um efeito, a gente pode falar da catarse... um efeito benéfico, eu vejo como um efeito benéfico. No meu entendimento, pelo que eu assim né, eu não me preparei... eu vou ser bem sincera eu não me preparei... podia ter me preparado organizado um pouco de material, mas o dia foi corrido... mas eu vejo assim, no meu ponto de vista, pela experiência que eu tive na aplicação do estudo de caso, dentro do que eu estudei na disciplina que eu tive, e eu vou te dizer que no início eu não me identificava e não me achava na disciplina ... e eu dizia: meu deus o que eu estou fazendo aqui, mas a coisa foi fluindo de uma forma que foi se desenvolvendo com abertura e com as coisas e no momento que a gente... e a Prof. Clarice com aquela paciência com aquela bondade... é um dom né? E realmente assim ... eu digo pra todos... eu tive a oportunidade de falar na semana acadêmica e falei pra todos é uma experiência única....

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Olha é... eu vejo assim... como profissão que ela está sendo regulamentada, né segundo a documentação esta sendo existe todo um projeto pra essa profissão ser reconhecida, e como tantas outras profissões,é... eu vejo como um retorno ao social... da forma como ela é aplicada, tanto num ambiente hospitalar, escola, como numa creche... ela... ela... os efeitos dela seria na área social, assim o retorno, o conforto na hora... de talvez de... porque as vezes a gente pensa muito negativa... que pode aplicar na dor... mas não, ela pode ser aplicada também em momentos alegres... mas assim ligado ao emocional mesmo, pra ti poder soltar a medida que as vezes são retraídas...

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Essas são coisas que a gente viu... assim e eu... é como eu te disse, eu não vim preparada como já te disse... na minha cabeça passam muitas coisas, eu vejo assim em qualquer profissão...e quando tu tens a oportunidade de trabalhar com o social, é questão assim... eu vejo assim... é como um artista...ele tem que ir livre, calmo,... e assim as coisas vão se criando, pois as vezes a gente planeja uma coisa, pode se dar com situações diferenciadas, e isso a gente tem que saber ... é o momento... eu vejo também a troca um conhecimento com a necessidade ou com a oportunidade de aplicar... [entrevistadora] no caso o bibliotecário... não nesse o conhecimento, o bibliotecário tem a oportunidade dentro do diverso, do leque de diversificação que é nossa profissão bibliotecário, é mais uma oportunidade e penso assim também na questão do social realmente, da aplicabilidade, da forma... e isso ai vendo a biblioterapia como ser encaminhada por biblioterapeuta, que eu acredito que essa seja a palavra mais adequada, o profissional ele tem que estar tanto focado com compromisso e também com a mudança e a informação, e assim... como que é que eu posso te dizer, o profissional como também em outras áreas, ele tem que estar atualizado, buscando e desenvolvendo dentro é... focando realmente dentro da necessidade, não sei se aqui cabe... a palavra se seria usuário, por que cada um de uma forma ou de outra é um usuário... dependendo do contexto... por que como eu digo que numa biblioteca o usuário é o aluno, o professor, a

comunidade... né... eu vejo dentro do contexto a biblioterapia também tem esse... e o bibliotecário tem que se preparar pra essa... não que ele tenha, ele tem mais essa oportunidade de se atualizar e buscar a informação... e como se diz... eu vejo como mais um desafio... seria um estudo eu não sei te dizer... mais assim ó... pra buscar realmente interagir o conhecimento junto com a aplicabilidade... eu acredito que é isso que acontece com os outros profissionais... unir a teoria a prática... pois eu lembro quando... posso né? Eu lembro quando eu... meu deus já pensei em ser tanta coisa nessa vida... já fiz vestibular pra tanta coisa, pra direito... eu comecei com administração, depois pra direito, direito, direito, parei... depois serviço social, parei... depois no serviço social eu já jogava a Biblioteconomia pra segunda opção, aí depois um dia eu disse sabe o que mesmo eu vou fazer, vou fazer biblioteconomia, por que eu já estou na área da biblioteca, trabalho na biblioteca então vou lá, vou me identificar, vou tentar entender... e isso até hoje é relatado pelos colegas, que as pessoas até hoje não sabem o que é a biblioteconomia, o que é o bibliotecário... então... podes repetir a pergunta pra mim, pois eu me perdi... falo muito... e eu vejo assim também que ... das próprias oficinas, que a gente pode gerar... pensando na hora do conto, a leitura terapeuta... eu vejo muito... hoje eu vi uma coisa que achei assim de um valor (retrata uma reportagem de Blumenau - crianças que visitam um asilo, cantaram dançaram, fizeram leitura), fez associação com a biblioterapia.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Quando fiz a disciplina de Biblioterapia na 5ª fase, que virou um estudo de caso e lá ele foi uma aplicabilidade... Assim ó eu acredito que por ter sido um ambiente hospitalar, por que no hospital você tem que levar o plano 1, 2 e 3, por que você vai lidar com a situação do momento, nós ficamos com 6 crianças e 7 adultos, poderia ter menos ou ter mais... e nós levamos o plano 1, 2 e 3, mas não foi possível por causa da emergência...houve então eu vejo assim que dependendo da onde vai ser aplicado e assim tu podes trabalhar com muita coisa na biblioterapia. Eu vou falar da minha experiência lá no HU, foi bom, foi válido, nem tudo que nós preparamos a gente conseguiu, mas a professora nos acompanhou, tava lá de bombeiro pra nos socorrer, qualquer

momento ... o número nosso era um número de 7 ou 6, foi fotografado, e o tempo foi curto, por todo o desempenho que é preparar o cenário, estudar uma história...na verdade isso eu até comentei com a professora que não deu pra observar os efeitos... a questão da catarse a gente conseguiu observar o quanto o grupo interagiu,o quanto houve também tanto das crianças como dos acompanhantes, um retorno e a gente conseguiu dentro do possível do tempo e da situação, por que usamos o vestiário dos profissionais, eles estavam com uma emergência e nós não conseguimos aplicar nas crianças que estavam impossibilitadas de chegar até a sala de recreação, mas foi muito válido e a gente aplicou isso e assim foi uma experiência, eu sou bem sincera pra ti, eu tenho isso gravado mas se tu me perguntar assim quem foi... eu até eu disse pra professora, a gente não tem como dizer que efeito foi causado... a satisfação estava ali presente, as crianças, a gente preparou levou lembrança, as crianças ficaram, uns se envolveram com as personagem, outro pediu... a gente deu e a gente viu que a própria comunidade da saúde... desde a terceirização, os que tinham oportunidade iam espiar, pra ver, por que eles também gostam... e isso estende a todos que ali estão... uma experiência única e gratificante e assim ó o que senti no nosso grupo, o tempo era curto pra todos, mas a gente se organizou de uma forma que todos contribuíram, estávamos pontualmente, a professora também foi de uma delicadeza e assim todos saíram satisfeitos e cada um relatou a experiência que teve.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Ah, pelo que pude observar é de extrema importância esse feedback com aquele corpo administrativo. Parte de um contato com o hospital com a enfermeira chefe, aproveitar uma sala se houver a necessidade de um espaço... eu vejo assim... que não funciona sozinho, a necessidade realmente... ai eu volto na tecla da questão da profissão... como bibliotecário se a gente for pensar na biblioterapia a gente tem que pensar nessa questão de multidisciplinar, de troca de conhecimentos de cada um saber, não eu tenho que entender um pouco da enfermagem pra ela entender da minha biblioterapia, por que a gente sabe que cada um tem seu momento... um enfoque.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Eu... olha... eu até comentei... vou falar novamente... não sei vai caber aí, mas eu vou colocar... aplicar dentro de uma disciplina, com uma professora, dentro de uma disciplina em uma instituição é uma coisa [relata a situação pessoal]... eu acho que eu fugi um pouquinho da tua pergunta... [repito a pergunta] ele ajuda, tanto te dá... eu acho que o retorno é tão bom de imediato, que ele te motiva, tu passa a ter uma visão diferente até dentro da própria biblioteconomia, eu acredito que quem se identifica com a área da Informação deve ser isso mesmo e não deve ser outra coisa, tu dominar um projeto e aquilo dar certo e tu ir buscar, claro que tu não vai ter 100%, mas tu focado numa coisa, acho isso importante...

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Então eu já pensei nisso duas, três vezes pra citar mas fugiu... e como eu falo demais.... Assim teve a oportunidade da semana acadêmica, e daí a gente teve a oportunidade eu não vou lembrar o nome... ela é desse grupo da Barca da Lagoa... Barca dos Livros... até comprei um livro dela: Cada um conta do seu jeito... então assim também relatei que eu gostaria de saber da parte dela... assim que com a professora tem as oficinas mas ela não está focada [biblioterapia], as oficinas existem dos contos, tem lá a programação na página... mas eu fico pensando assim a professora nos orientou, e ah deu uma visão muito boa assim da aplicabilidade, se tu fosse aplicar, as histórias pra escolher, como seria né?... e eu perguntei pra ela, se ela tinha alguma coisa direcionada pensando né... [biblioterapia] porque ela tem que ser pequena, por causa do tempo, e a gente têm que trabalhar com o "plano 1, 2 e 3"... então terias que ter... e ela disse pois é... até comentei da questão da biblioterapia sendo identificada como profissão e coisa e tal... ela disse: olha interessante, tá aí uma coisa que eu diria ser uma experiência boa, mas assim uma leitura, não sei se estou certa também... focada pra essa aplicabilidade... [proposta de uma oficina de biblioterapia na Barca dos livros]... e ela disse que nunca pensou sobre isso... eu nem digo uma oficina... de repente um grupo onde pudéssemos conversar sobre biblioterapia, pelo menos no meu grupo todos

que saíram da disciplina tinham vontade de continuar falando sobre aquilo [biblioterapia]... por que tu sabes que sai dali e começa a se envolver com outras coisas e acaba se dispersando... Eu fico pensando que virando uma profissão... [entrevistadora pergunta qual foi o retorno da Palestrante a respeito de biblioterapia?] Não, ela já tinha... mas ela não entrou em detalhes... por já estar no final da palestra dela, nós não detalhamos muito mas ela achou muito interessante a biblioterapia aplicada. E... a gente vê assim na biblioterapia, agora eu entendo, passei a observar as coisas, que ela não aplicada em todos os semestres, ela passa um ou dois semestres pra juntar um grupo, eu acredito que seja isso, e assim quando a gente aplica um trabalho desse a gente fica todo empolgado... e depois nós vamos voltar... [não há continuidade... o que é apreendido na disciplina se esvai]...

Entrevistado (a) D

1 – O que você entende por biblioterapia?

Olha biblioterapia, eu fiz a matéria eu adorei achei bem interessante assim ó adorei, todos os colegas que fizeram comigo também gostaram e o pessoal... como a gente visitou o HU, as crianças eles também adoraram, os pais das crianças nossa ficaram super felizes... Biblioterapia pra mim assim o que foi..., foi uma matéria com a gente onde também a tu pode ajudar as pessoas a passar, e passar pra... vamos supor eles estavam num momento difícil, tinha criança pequena sem o pai e sem a mãe com o bracinho no soro, então nossa eles ficaram super felizes, então a gente passando lá foi uma alegria pra eles e pra gente também, nossa a professora tadinha saiu de lá chorando... emocionada. risos...

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Olha eu acho assim como na... faculdade é uma matéria optativa até por uma parte eu acho que por uma parte ela deveria ser obrigatória, por que assim a gente pode tanto trazer palavras ou pode tentar ajudar na sociedade em colégios, como a gente ajudou no hospital podemos ajudar na sociedade em colégios, no bairro... contar histórias para as crianças visitar as pessoas que tão as vezes num momento um pouco difícil, e até mesmo pra

gente né? Tu fazendo aquilo ali, né pra gente também é uma ajuda...

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Eu acho bem importante, até achei engraçado que no domingo eu fui no Shopping Iguatemi e tem uma livraria acho que a Saraiva e tinha um cantinho assim das crianças e acho que tinha umas duas bibliotecárias contando historinha e cantando musiquinha, nossa eu até parei e fiquei olhando, achei bem interessante provavelmente elas eram bibliotecárias, as crianças em volta elas contando historinhas e cantando musiquinha e as crianças bem animadas... eu acho um papel e também tanto tu pode trabalhar nas áreas de bibliotecas como também muitos estão na área de arquivo e documentos, eu também particularmente vou querer seguir assim nessa área assim de documentos... [entrevistadora retoma a pergunta: mas no caso nessa questão das ações que promovam a leitura e o bem-estar você acha... você tem essa vivência também de olhar...]... sim eu acho super interessante e super relevante, se eu assim... no outro semestre eu participei desse, se surgir outra oportunidade eu participo também, eu tô dentro.... risos.

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Sim, a gente foi lá no HU a gente fez um teatrinho para as crianças, foi bem legal, a gente fez um teatrinho de animais cada um colocou uma fantasia a gente fez um teatrinho e depois no final a gente deu um balão, de um lápis com uns bonequinhos, a gente deu uns brinquedinhos, por que não pode levar doce lá no hospital, então a gente deu uns brinquedinhos e alguma coisa pra agradar as crianças e um... e também uma forma de ficar gravado... ah o pessoal da faculdade passou aqui e contou uma historinha e tal... foi bem interessante. [entrevistadora: O que você conseguiu perceber nas pessoas pra quem a biblioterapia foi aplicada?] ah eles ficaram super contentes, tanto as crianças como os pais, nossa os pais adoraram todos ficaram sentadinhos olhando, as crianças levaram os balãozinhos, tadinhos assim aquela ala eram as crianças bem doentinha, tinham até umas crianças que estavam chorando mas na hora se comportaram

certinho. [entrevistadora: Teve algum comentário deles assim a respeito?] os pais agradeceram, foram bem educados obrigada por terem vindo, as enfermeiras, como estavam na correria uma ou duas que pararam pra dar uma passadinha, pois estavam com vários trabalhos e não podiam pra parar pra ficar olhando, mas assim o pessoal ficou super contente. [entrevistadora: e os pacientes também de terem se percebido naquela história? Sim, a gente percebeu assim que as crianças ficaram encantadas, nossa eles estão lá naquele mundo lá né, as vezes até solitariozinhos, e de repente vem uma animação assim pra eles... nossa eles ficaram super contentes.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Ah eu acho assim... acho assim bem relevante, eu acho assim.... eles trataram a gente super bem e a gente tratou eles super bem. A gente fez o teatrinho, organizou tudo, quando a gente saiu não a gente não deixou nada desorganizado, a gente tentou ajudar o máximo, a gente saiu pé por pé, porque eles não querem que faça barulho não entre me quarto de UTI algumas coisas... até teve uma criancinha que estava na cama eles pediram pra não ir, porque em alas de UTI eles acharam melhor a gente não ir, e nós não passamos do nosso limite. Mas assim foram bem comunicativos eles também foram bem... [entrevistadora: em algum momento vocês trocaram ideia com eles do que seria feito, do texto que seria utilizado?] Sim, sim antes mesmo de entrar lá, a professora fez o contato e explicou o que seria feito, podem vir só não tragam doces e comidas pra eles, podem vir... e nem cheguem com algazarra, barulho e coisara... e no mais estava tudo tranquilo...

6 – De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Ah, pode ajudar bastante e muitos bibliotecários podem seguir esta profissão, né por que agora como até mesmo a professora falou e a gente viu na matéria agora que tá se iniciando muito isso, é bem provável que os bibliotecários que fazem isso fazem voluntariado... Mas mais adiante podem surgir profissões pelo estado pelo governo e serem pagas pra fazer esse serviço, porque a sociedade em si sente falta disso né, tanto as crianças

pra contar uma historinha ou até mesmo os adultos né, uma palavra de carinho... e até mesmo em bibliotecas, e também na livraria... eu não sei se elas foram voluntárias ou se a livraria contratou. [entrevistadora: elas eram bibliotecárias?] não sei, porque estavam com um violãozinho eu não cheguei a perguntar pra não interromper... Pois elas estavam envolvidas com as crianças todas bem animadas. [entrevistadora: Talvez fossem contadoras de história?] também tem essas que a professora falou e não sei se são formadas em biblioteconomia... [entrevistadora: às vezes sim, mas tem aqueles que têm o dom, mas pode ser pedagogo].

7 – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Essa semana eu estava lendo uma revista de saúde, acho que até é do mês passado... eu tenho até que ver direitinho em qual revista na casa da minha amiga e tinha um documentário de biblioterapia da Prof. Clarice... e ela fala da importância da Biblioterapia que é como uma psicologia um psicólogo a biblioterapia pode tratar isso, as vezes a pessoa está com um problema e a biblioterapia vai trabalhar em cima dessa pessoa vai tentar ajudar, eu achei bem interessante mesmo aquela matéria e como a gente já viu, eu adorei essa matéria e como eu já te falei é uma pena que é uma matéria optativa porque vários colegas da nossa sala queriam fazer e não tinha vaga suficiente, eu acho que deveria ser uma matéria obrigatória no curso de biblioteconomia, porque é muito interessante e muito bom mesmo para o bibliotecário.

Entrevistado (a) E

1- O que você entende por biblioterapia?

Bom eu nunca procurei saber bem o que seria né, entendo que seria uma forma de terapia utilizando a leitura né, para poder tratar de algum problema não sei psicológico ou de saúde... mas na questão psicológica.

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Certo, acho que ela poderia ajudar na questão de comunicação das pessoas de ter mais conteúdo de saber conversar como abordar assuntos, enfim ah de ter uma visão mais ampla do

mundo da forma de pensar das pessoas né... pra sociedade ser mais culta.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

O bibliotecário tem tanto que auxiliar ao leitor na procura da informação quanto disseminar e de repente incentivar através de leituras que sejam interessantes para os usuários né. Então mostrar áreas que são de interesse e ao mesmo tempo trabalhar para atrair leitores né, com leituras mais agradáveis... [fomos interrompidos pelo outro entrevistado]. Seria nesse sentido aí, a leitura é uma atividade que no meu caso no meu ver é uma atividade prazerosa né, sempre é bom ler um pouquinho pra distrair pra pensar né sobre as situações... pode acrescentar assim pra pessoa assim, pra como reagir em determinadas situações né...

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Bom, assim... que eu me lembro... como já disse anteriormente a biblioterapia é uma coisa que ainda não tive muito contato e não sei bem o que que seria, mas se aproxima mais com a leitura assim por parte do outro alguém lê pra você ou você lê pra uma pessoa né... é bem interessante, é bem legal da forma como expressar a leitura né... Então, eu acho que a leitura é uma atividade que exige muita concentração da pessoa pra poder mentalizar a situação que você está lendo né, as vezes você vai lendo, mas não consegue realmente captar o que está escrito... tem que ser uma leitura com concentração pra poder mentalizar a situação, a reação das personagens né que você lê assim, de realmente como que é de tentar perceber o que o autor quis passar né, através do que ele escreveu.

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Ele está envolvido com psicólogos e psiquiatras... só viria a acrescentar né, que seria interessante por toda a bagagem que o psicólogo tem, mas seria interessante as técnicas da própria biblioteconomia né pra auxiliar.

6 – De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Acho que é um instrumento a mais que fica na mão do bibliotecário pra ele trabalhar, mais uma ferramenta que ele pode utilizar nas bibliotecas é.... pra ir além do que é habitual de só atender o usuário de também trabalhar com a leitura como forma de ajudar a sociedade através da Biblioterapia.

7 – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos algum comentário?

Certo, olha só... ainda não conheço muito mas fiquei interessado e vou tentar procurar saber um pouco mais...

Entrevistado (a) F

1 – O que você entende por biblioterapia?

Bom, é... é fazer algum tipo de terapia usando os recursos que a biblioteconomia te oferece, sejam eles livros, ou até mesmo uma contação de histórias ou enfim todos os recursos que tu podes usar como fonte de informação eles podem ser usados na biblioterapia.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Tem grande relevância, o que eu vejo é que ela precisa ser mais aplicada né, porque a gente vê poucas ações de ainda de biblioterapia, e dentro dessas a mais comum que eu pelo menos vejo é a contação de histórias, inclusive lá em Santo Amaro (SC) onde eu moro, a bibliotecária muito... é uma pessoa de bastante atitude volta e meia ela tá fazendo atividades de contação de histórias envolvendo a gurizada toda do ensino público do município e isso traz, eu acho que traz grandes resultados na formação principalmente das crianças...

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Como eu falei, é preciso que sejam criadas mais ações, porque os resultados são benéficos, mas como eu falei não existe muito engajamento dos bibliotecários em desenvolver esses tipos de ações... sempre falo que o que mais precisa do bibliotecário é atitude, então porque não é só ir pra dentro de uma biblioteca e

se acomodar, tem que desenvolver ações que valorizem o espaço que ele está trabalhando e todo o material que ele tem pra desenvolver e assim ó, dentre outras a biblioterapia ela é... pode ser desenvolvida de forma bastante criativa, não exige a princípios tantos recursos né, até pode usar de tecnologia pra fazer como eu até vi recentemente uma experiência na Biblioteca que foi uma feira que o pessoal do mestrado da UDESC fez na semana retrasada, não sei se tu tivesse oportunidade de ir, eles fizeram uma demonstração com um é... me fugiu agora... mas já vou lembrar... eles fizeram uma demonstração com um holograma que por exemplo... nossa eu imaginei aquilo pra contação de história o quanto ia fascinar as crianças porque une tecnologia, éee... eu já participei e fiz Biblioterapia com a Prof. Clarice, então assim nós fizemos um teatro no HU que foi muito gratificante e a partir dali que eu passei a ter uma outra percepção da importância que a Biblioterapia tem dentro da biblioteconomia. Tem muita coisa... acho que a criatividade e a atitude é que vai realmente fazer a diferença.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Essa experiência que a gente teve, foi... nós fizemos uma representação teatral, fizemos é... confeccionamos coisas com cartolina, coisas que eram fáceis de transportar e também não exigia muito investimento, ah fizemos umas, umas... fantasias pra representar os personagens também tudo muito simples, assim ó com criatividade... cativou demais as crianças, na verdade foi um público bem eclético até, porque tinha as crianças, tinha bebê, tinha adolescentes, tinha os acompanhantes, no caso foi na Ala infantil do HU os acompanhantes das crianças que estavam internadas então foi um público bem diversificado e a gente pode sentir que foi uma coisa bem bacana, que todo mundo se empolgou e todo mundo participou então foi uma experiência muito gratificante.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Certo, na verdade nosso contato maior foi intermediado pela professora Clarice. Mas o que a gente pode sentir foi a total colaboração das enfermeiras que estavam ali naquele momento

que a gente foi fazer a apresentação, muito solicita né... disponibilizaram espaço pra gente fazer, espaço pra gente se arrumar. Na verdade elas até nos colocaram que em função do trabalho delas naquele momento, então estavam com vários problemas pra resolver, não puderam participar como gostariam da nossa apresentação não puderam assistir assim, por que realmente tinham outras tarefas que não podiam estar deixando de lado, então mas fora isso o apoio foi bem bacana, a gente sente que houve uma interação e não foi maior por que a oportunidade... elas estavam ali cumprindo o papel delas, o trabalho né... mas foi bem receptivo. Justamente, volto a frisar num assunto, eu sempre gosto de bater na tecla é a atitude. então O bibliotecário precisa ter atitude, tomar a frente, precisa saber o que vai fazer precisa ir e conversar se apresentar tem que dar a cara a tapa senão a coisa não vai acontecer, o ponto principal é esse, tem que ter atitude... vou fazer, vou lá, vou fazer, vou apresentar a proposta e fazer a coisa acontecer... tem que acreditar.

6 – De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Nossa, também acho que é... fugiu a palavra pra qualificar melhor... acho que é inesgotável a contribuição que a biblioterapia pode dar para o bibliotecário. Ao mesmo tempo tá proporcionando novas sensações, novas descobertas para o público que ele está é disponibilizando aquela atividade ele também vai ter um crescimento pessoal, tanto profissional realizando aquela atividade. Então eu acho que é bem recíproco o ganho.

7 – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Só reafirmando eu acho que precisa é... de mais ações que envolvam a biblioterapia, acho que é uma coisa que já está bem divulgada né assim ... tanto que como te falei moro num município que apesar de estar na grande Florianópolis mas se tu fores olhar no contexto das escolas por exemplo não existe essa diversidade de aprendizado, lógico que como eu existe a atitude da Bibliotecária tomou conhecimento da biblioterapia e da contação de histórias e desenvolve um trabalho em cima disso.

Eu acho que campo existe bastante pra ser explorado, como falei de teatro e contação de histórias, mas existem muitas outras possibilidades de se explorar uma terapia usando os elementos da Biblioteconomia, eu acho que é inesgotável a fonte aí, a criatividade é que vai mandar.

Entrevistado (a) G

1 – O que você entende por biblioterapia?

Bom, biblioterapia eu entendo a utilização de livro pra... na terapia de alguma doença, ou de algum distúrbio psicológico, algo desse gênero. É a utilização na... em unidade onde tenha esse tipo de tratamento, que nem hospitais, clinicas psiquiátricas... é isso que eu entendo por biblioterapia.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Bom, é... pelos estudos que já se tem feito assim, quanto a utilização de alternativas... como que eu posso te dizer, as alternativas, as diferentes alternativas de tratamento né?... a utilização de cachorros em tratamentos, a utilização de vários meios... eu acho que é viável e que há digamos um meio viável usar os livros pra esses tipos de tratamento, toda ajuda é viável, né, é viável buscar um tipo de auxílio pra cura de doenças, pra tratamento, pra melhorar a qualidade de vida, o papel social do livro, o bibliotecário como agente, tudo isso é importante.

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

É eu penso assim que... poucas pessoas vêem o bibliotecário como um agente de livros, agente que cuide livros na parte do lazer, eu acho que a maioria das pessoas tá ligando o bibliotecário na parte de estudos a parte de livros especializados, poucos vêem com a leitura por ler, por prazer, então eu acho que ainda não tem muita visão da sociedade sobre o papel do bibliotecário na parte dos livros, não sei se é isso que tu tava me perguntando? [entrevistador] é na verdade assim é sobre o trabalho dele nessas ações que promovam a leitura e o bem-estar, você falou do ponto de vista do entendimento da sociedade, mas assim e o bibliotecário em si, como você vê ele, que movimentos ele faz pra se mostrar desta forma? [entrevistado] Sim..., bom na faculdade, pelo menos na que eu

estou fazendo, temos bastante disciplinas voltadas pra área de ação cultural e de incentivo ao bibliotecário a promover ações deste tipo de promover a leitura, a contação de história, tem até alguns cursos de extensão, mais voltados pra pedagogia, porque a faculdade tem o curso de pedagogia e biblioteconomia né, e alguns eventos também, palestra sobre contação de história ou a própria contação de histórias. E... eu acho importante, mesmo porque eu faço estágio na Biblioteca pública do Estado de SC, e a gente trabalha bastante esta parte de ação cultural, de usar a biblioteca mesmo como um meio de encontro e de formação cultural, disponibilizar o auditório pra contação de histórias com crianças ou cursos... eu acho bem interessante.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Não... nunca vivi uma ação desse tipo... [entrevistador] e não conhece ninguém que viveu?... [entrevistado] eu não sei se encaixaria..., eu conheço uma estudante de biblioteconomia que ela faz contação de histórias em hospitais, no hospital infantil... sabe ela lê em voz alta para as crianças e incentiva as crianças também a participarem e pelo que ela já me relatou isso faz muito bem para as crianças, porque elas acabam vendo o hospital como uma parte de lazer, de diversão né? Sendo que uma vez ela me relatou que um menino ia ganhar alta e ele disse: “que pena que eu vou embora, porque só aqui eu me divirto”, então é bem gratificante, e o meus tios que fazem aqueles como se fossem os doutores da alegria sabe, “trapa médicos”, mas eu não tenho conhecimento se eles utilizam livros, tanto que é meu tio e minha tia e ela é bibliotecária da Rede municipal de ensino, só que eu não tenho conhecimento se eles usam os livros... mas essa minha amiga ela utiliza.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Eu acho que é uma ação em conjunto né, porque se o bibliotecário quer fazer uma contação de histórias e se o os profissionais da saúde, se for o caso de um hospital, não derem essa abertura para o bibliotecário, não reconhecerem a importância do que isso pode fazer, é... ele não teria espaço... e também o bibliotecário tem que saber o que ele pode fazer pra

ajudar, por que as vezes o que a gente quer fazer não é o certo, né... tem que ver direitinho quais as, por exemplo se for fazer uma contação de histórias, qual contação de historia seria interessante fazer, qual não seria. Então os dois têm que juntar forças pra fazer o melhor possível.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Eu acho que dá uma visão diferente dos usuários, para o bibliotecário sair um pouco da parte técnica, as vezes os bibliotecários está muito ligado a parte técnica e tentar viver essa outra parte do trabalho que é a parte estar em contato com os usuários, com a comunidade, isso é importante. Pra ele saber também qual a necessidade, acho que isso também é mais na formação como profissional trabalhando com pessoas. [entrevistador] O bibliotecário quando faz a biblioterapia você fala? [entrevistado] isso o bibliotecário vai ter mais contato com pessoas, ele vai tá aplicando os conhecimentos dele de leitura... e no caso se for contação de histórias com outras pessoas... e assim ele vai estar tendo contato com a comunidade, com usuários, com doentes, crianças... pra sair da parte técnica, não ficar pensando que ser bibliotecário é só catalogar, classificar e ter uma visão da parte social.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Eu queria falar que o único contato que eu tive com biblioterapia foi... de que eu tenho conhecimento mesmo, foi... é um livro que eu não me recordo o nome e a autora, que uma vez eu vi assim lá na universidade. Eu nunca tive contato na formação, professores estarem comentado. [entrevistador] então é uma coisa que passa um pouco despercebida assim?... [entrevistado] isso e é meio... eu não sei direito o que seria, eu não tenho um conceito formado com base na literatura.

Entrevistado (a) H

1- O que você entende por biblioterapia?

Sobre o que eu entendo... Biblioterapia ah, o que eu entendo, eu acho bem legal uma prática que....vai exatamente... deixa eu me lembrar né, que vale a leitura não é... no caso, no caso do bibliotecário trabalhando com isso, ele vai trabalhar a leitura, a leitura enquanto terapia mesmo, com paciente né com a pessoa, então ela trabalha essas questões internas da pessoa, e isso que eu acho legal da biblioterapia, é da leitura por que ela trabalha enquanto a pessoa tá lendo, quando tu tá lendo para as pessoas, ela tem esta identificação com o personagem, e isso é legal, por que tu coloca... quando tu faz a identificação com o personagem, ali tu tem a... o que a Clarice fala do apaziguamento das emoções, da catarse.. e isso é muito legal, eu faço isso com as crianças no hospital.

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Pra sociedade... eu acho que a sociedade não conhece, as pessoas ainda não conhecem a importância da biblioterapia, eu acho que falta isso mesmo mostrar o conhecimento, as pessoas que fazem e às vezes até fazem o uso da leitura... e não conhecem, e acho que falta o conhecimento disso mesmo... tu faz sem saber talvez instintivamente tu vá buscar uma leitura mas não conhece que aquilo te faz bem, que faz aquela identificação. Eu mesma quando estou lendo um livro eu até preciso de um tempo pra começar uma nova leitura, dependendo do que eu to lendo eu me identifico muito com as coisas que eu leio, e sem dúvida isso afeta muito a sua vida. Nossa tem personagens (suspira) que inclusive quando eu tô lendo no ônibus eu tenho que fechar o livro, por que senão eu vou chorar... eu me identifico demais com as personagens eu viajo demais... Ela é muito importante, ela é muito importante... e se tu pode aliar isso com outro profissional eu acho bárbaro, por exemplo se tu vai trabalhar isso acho bem legal... por exemplo o bibliotecário trabalhar com o psicólogo, com o pedagogo os dois trabalhando isso é perfeito. (comento que tem uma pergunta sobre isso).

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Ah, o bibliotecário... eu acho isso... nossa... tu vai tocar no meu chão, por que eu acredito no bibliotecário como mediador da leitura, e pra fazer isso primeira coisa que eu digo ele precisa gostar, não adianta ir lá e falar, falar e ele não gostar... então ele próprio tem que gostar de ler, ele tem que... e isso tudo é uma coisa que ... leitura é treinamento, tu tem que ter aquele tempo de, aquele teu tempo pra ler... é um prazer. E passar isso, acho que é fantástico, e o quanto antes melhor, mas é possível tu tornar adultos leitores, eu conheci adultos leitores que começaram... pessoas que começara depois de uma certa idade.

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Nossa, tem muitas... ah a que eu fiz no hospital, chega me arrepiar porque trabalhar com as crianças é sempre fantástico... por que tu vai pra fazer e elas acho que te dão um show, porque assim quando tu conta... não só contar né, tu conta e ler histórias tu empresta tua voz pra aquele texto se levantar... e ler... e criar toda aquela imaginação toda aquela historia que vai suscitar a imaginação na criança é muito bacana, e por um momento ela vai esquecer onde ela tá, no hospital isso é fundamental porque tu vai levar um momento de alegria num ambiente onde é uma lugar de dor ... E legal assim é que quando tu volta a criança ela quer mais, e outra coisa assim que eu vejo importante... não é fácil, e por que são crianças que não são acostumadas com leitura e tu tens que driblar coisas como a televisão, e isso não é fácil. Então tu ter que tirar a atenção da TV com livros pra crianças que não estão acostumadas... por que uma coisa é tu contar na barca dos livros, pra escola que já ta acostumada que já vem e tem outra visão, que senta e está pronta pra ouvir a história. E tu, vamos dizer assim convencer crianças que não estão acostumadas. é muito legal, e aí tu volta e elas estão lá assim, sabe... tem uma história??? E isso é ótimo. [entrevistadora: essa experiência que você fala você viveu no hospital?] sim, por que eu sou voluntaria no hospital e agora não estou indo, este ano eu não fui... assim de muitos anos, assim foi uma coisa que começou na verdade, é como é que vou te dizer,

foi meio autodidata depois eu conciliei com meu curso e depois ai foi crescendo, foi crescendo...

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Eu acho que é muito importante, eu penso assim que é fundamental pro teu trabalho, por que tu precisa assim de um norte, o bibliotecário precisa de um norte, eu digo isso por que eu já fiz isso de tu ir buscar essa ajuda com o profissional, com o pedagogo com os dois profissionais que me ajudaram tanto o pedagogo e o pessoal da psicologia... então assim, como é que eu quero trabalhar, que livros... ah e o pessoal também da letras, que livro posso trabalhar com tal faixa etária? Assim... que tal esse livro? E o pessoal fica assim será que esse livro não é muito pesado... "O pato, a morte e a tulipa", eu acho linda esta história acho fantástica... mas será que eu devo ler esse livro pra que idade? Então assim isso é legal por que eles te dão um norte...olha acho que esse livro é legal pra trabalhar tal questão, ou com essa idade é isso aqui, e ai tu conhece outros livros pra alguma idade... e tem livro que na verdade não tem idade... mas é sempre bom tu ter essa orientação, pra tu não dar um... não dar uma pisada fora, não sair fora do tema... ou fazer alguma coisa que não é legal ou que não será agradável.

6-De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Eu acho que assim, que a biblioterapia ela só contribui pra tudo pro bibliotecário. Eu penso assim que a leitura... é eu... o que eu to me lembrando, quando eu fiz a disciplina com a Prof. Clarice cada vez que ela começa a contar uma história, imagina todo mundo adulto... todo mundo começava conta mais... conta mais... a gente adora ouvir história. Eu tenho uma professora na UDESC, antes da gente começar a aula, ela lia alguma poesia, alguma coisa pra gente. E tem uma outra professora de sociologia... foi de sociologia? Acho que foi.. e ela lia alguma coisa pra gente. Pô, tu tá na universidade, por que tu não vai ler alguma coisa né? Então assim, é importante essa leitura, e a gente precisa esse tempo, esse time de fazer a sua leitura... e a gente nunca tem esse tempo, a gente nunca tem... mas ele é legal e a biblioterapia ela só contribui pra esse conhecimento, pra

essa coisa que gente não pára se pra dar essa olhada, essa sentida que é só tua é aquela coisa que fica tu não tem que explicar, ficou, ficou...né é teu esse momento, não interessa. Aquela coisa que a prof. faz: ah o que tu entendeu fulaninho da historia? A gente sabe que a biblioterapia não tem isso, é uma coisa que é tua essa percepção, então eu só vejo como uma... eu só vejo como uma coisa ótima... é o remédio da alma.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Ah, eu sinto a biblioterapia não ter na UDESC, mas tudo bem não impede que o pessoal que tenha tempo, pode fazer na UFSC. E realmente assim, pra mim foi fundamental eu amei ter feito esta disciplina, adorei ter feito com a professora Clarice foi ótima a experiência que a gente teve, foi ótimo também ter feito com ela, por que a gente fez uma maravilhosa no Lar Recanto do Carinho, e... só tenho boas lembranças da biblioterapia, uma coisa que me acrescentou um monte.

Entrevistado (a) I

1 – O que você entende por biblioterapia?

Bom como eu não tive biblioterapia na faculdade e tive bem pouco contato tanto em palestra, acho... eu não me lembro de ter ido em nenhuma... o que eu me lembro é bem o básico... que seria o tratamento, o envolvimento das pessoas e elas se beneficiarem de uma literatura de ter acesso a livros e usarem disso como um tratamento, digamos em hospitais até em escolas para as crianças, é o que o eu tenho assim de conhecimento pelo nome, mas eu não tenho nada que eu saiba a respeito disso, sabe... de forma mais precisa... eu acho que é pouco divulgado na verdade, eu não sei se na UFSC tem uma disciplina, tem no currículo... na UDESC não tem, a gente não trabalhou em nenhum momento do curso e nem dentro de outra disciplina...

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Ah, eu acho que tem uma relevância bem grande, eu acho que é bem interessante porque todas as pessoas que tem envolvimento com a literatura no geral, acho que elas acabam se beneficiando no sentido de conhecer um mundo novo, entende

de... muitas pessoas até usam como refúgio né... eu acho assim de esquecer os problemas e viver o que está passando ali na história no contexto do livro por exemplo. Esses dias teve até o caso do Epopéia Literária, não sei se tu recebeu e-mail ou ficou sabendo... Que um Sr. pegou um livro, e era que falava sobre drogas e tal, e ele era usuário e através do livro ele mudou a forma de ver as coisas a vida dele, e passou para outras pessoas. Acho que é uma forma de se curar mesmo de algum mal que está te afligindo, entende, então eu acho que é muito importante e devia ser melhor trabalhado, principalmente dentro do curso.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Então, eu acho que ... até o que eu conheço ainda é bem restrito... mas tem vários ah... por exemplo como esta ação que nós temos aqui (Epopéia Literária) e várias outras ações que o bibliotecário poderia implantar e assim ter frutos entende, mais significativos para a sociedade até pra visibilidade do próprio bibliotecário entende..., por que acho que ainda tem muito aquela visão de que tá na Biblioteca e agora a visão muito tecnológica da profissão e as vezes perde um pouco o caráter mais humano, de influenciar as pessoas de trazer uma outra realidade pra um contexto social diferenciado, numa favela por exemplo.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Daí não sei se encaixa o que eu te contei ali, da questão do... [Epopéia Literária] por que na verdade não é biblioterapia né, é só uma ação que a gente tem... A leitura influenciar na vida de alguém né, e mudar o contexto que ela tá vivendo, assim bem profundo por que pra gente que tá de fora pode não fazer uma grande diferença tu colocar um livro lá e a pessoa levar pra casa, ler e as vezes não lê... mas pra uma pessoa se fizer diferença já é alguma coisa por que se fizer diferença na vida daquela pessoa vai fazer da família, dos amigos, de muita gente, então acho que se tivesse mais ações assim ia atingir um maior número de pessoas e acho que falta um pouco...

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Acho bem importante! Eu não sei se no hospital... alguém tinha me falado que eles tinham esta prática no Hospital Infantil, eu acho que aliar a saúde principalmente tratando de crianças com a leitura com você contar uma história acho que beneficia muito sabe. Eu acho que agrega muito o bibliotecário estar interagindo com outros profissionais, porque agrega a profissão de uma forma ou de outra a gente vai ter mais aparato pra poder lidar com situações diversas que acontecem no dia a dia, que acontecem aqui na biblioteca como me qualquer outro lugar. E eu acho que o hospital é um dos lugares onde eu mais vejo a biblioterapia. Eu não sei se o campo é muito maior e deve ser bem grande, mas é o lugar onde mais vejo... No espaço de biblioteca eu consigo ver só que eu acho que fica que... depende a biblioteca... depende de muita coisa... e acho que hoje depende muito dos bibliotecários...

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Bom das atividades do bibliotecário foi mais o menos o que eu tinha comentado antes, eu acho que amplia o modo da gente ver as coisas... e ... deixa de ser tão mecânico o trabalho tão técnico, que é o que a gente, pelo menos é o que eu mais aprendi na faculdade, pra ser mais pessoal, pra ser mais como eu posso te dizer... uma relação mais social com as pessoas eu acho que a partir que você consegue ter uma ação que promova o bem-estar de outras pessoas e que você possa interagir com isso, acho que tu fica mais humano assim, tu começa a ver o mundo diferente. Eu acho que muda muito a forma de ver a forma que você trata as pessoas, a forma que tu trata até as pessoas próximas as vezes tu é meio frio né, e quando você começa... quando tu é inserido nesse contexto que tu tem que trabalhar com fatos... como por exemplo no hospital que é o que eu mais falo, que é com saúde que você pessoas doentes, pessoas abaladas em estado terminal... tu começa a dar mais valor. Tu começa a dar mais valor as pessoas que estão a tua volta, e na profissão se você não trabalha com a biblioterapia, trabalha numa biblioteca num centro de informação, acho que começa a ver as pessoas de forma diferente... Eu acho que a

biblioterapia transforma as duas pessoas no mesmo nível, por que quem está precisando bastante e acaba se beneficiando disso e quem faz, começa a ver as coisas de uma forma diferente e começa a mudar, por que se você vê que a tua vida naquele momento é uma coisa normal e tu vê que uma pessoa ta levando a vida de uma forma diferente e você beneficia ela tu começa a se sentir bem melhor, e tu começa a fazer mais e mais e melhorar... então eu acho que para os dois lados é muito bom. Eu acho que devia ser muito incentivado esta prática desde os primeiros anos da faculdade, os primeiros semestres, por que de uma forma ou de outra o bibliotecário deixou um pouco de ser... de ser... assim um ser social pra ser muito técnico... muito... olha vou te emprestar um livro... ponto... vou te fazer isso... ponto. E não é, eu acho que é uma forma de interação, eu acho que a biblioteconomia de um tempo atrás era mais assim contação de histórias... o bibliotecário interagindo com as pessoas... hoje acho que perdeu um pouco esse caráter, tanto que os usuários são trabalhados pra ser independentes entende, pra não depender de você pra achar um livro, perdeu um pouco o contato. A minha forma de ver a estrutura do currículo na faculdade mudou, e mudou um pouco assim o jeito que o bibliotecário age com as pessoas, ficou mais informal... devido a sua formação.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Na verdade eu acho que deveria ser mais incentivado na faculdade, que devia ser mais bem divulgado até na literatura, eu nunca cheguei a pesquisar, mas pelo que eu vejo sempre vi na biblioteca tem bem pouca literatura, pouca pessoa envolvida talvez nisso... acho que tu pode me esclarecer melhor... risos. Por que como eu te disse bem no inicio na faculdade eu tive a disciplina de ação cultural, mas a gente não trabalhou nada de biblioterapia, eu fui conhecer a biblioterapia depois quando eu vi um livrinho que é Biblioterapia que até é publicado pela UFSC... Foi o único que já tive contato, eu até tenho ele mas só olhei basicamente, por que não é um assunto assim que me interessou muito, tanto porque acho que não foi trabalhado na faculdade e tal e acho que tem poucos bibliotecários que se dedicam a isso, e eu acho que os que se dedicam que nem tem uma moça que trabalha no hospital acho que é eu não tenho

certeza, mas é alguém da UDESC que trabalha no hospital que faz esse trabalho com crianças ... eu acho que é bem gratificante eu acho que são pessoas assim que não se doam por completo por que não tem como, porque a maioria das pessoas que fazem isso é trabalho voluntário e tal, então tu tem que sobreviver de alguma forma e tal, e se doam parcialmente mas é o pouquinho que elas fazem que já ajuda bastante gente e até mesmo elas se sentem, não as pessoas melhores, mas se sentem bem consigo mesma de estar podendo fazer alguma coisa e de ver que a nossa vida é tão boa, que tu pode ajudar outras pessoas, que tu podes fazer outra pessoa se sentir bem com um gesto pequeno, tu não precisa investir dinheiro, tu não precisa gastar, tu pode levar um livrinho ler pra crianças e passar o dia com idosos... que já vai mudar bastante o contexto daquela pessoa, a vida deles. Eu não sei se te ajudou... por que na verdade eu conheço bem pouco sobre o assunto.

Entrevistado (a) J

1 – O que você entende por biblioterapia?

É... os professores já comentaram, mas a gente não entrou a fundo nesse assunto. É o que é usado na área da biblioteconomia, com as pessoas que estão internadas, principalmente as crianças... é utilizado esta forma de contar histórias... pra... como uma forma de terapia né, pra ajudar nesse aspecto, que elas estão lá doentinhas... ajudar... alguma coisa assim, eu não sei bem.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Eu acho que ela pode ajudar né, tipo projetos sociais, eu conheço uma moça que estudou com a gente, ela faz a parte de contação de história no Hospital Infantil daí a gente, porque pode ser que através desses... pode ser que a pessoa passe por um momento de prazer com a leitura, tipo com uma dor... formar novos leitores ou pessoas mais velhas...

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Com certeza né, porque o bibliotecário é como um mediador de leitura, de formação de novos leitores, eu acho que é importante ele estar participando desse processo... por exemplo o

bibliotecário escolar né, que faz parte da escola e vem todas aquelas crianças com faixa de etária diferente e ele pode mediar o tipo de leitura... segurar as crianças por meio da leitura.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Não, nunca vi na real... só me contaram o trabalho que ela fez... não sei falar...

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Eu acho que é sempre importante o profissional bibliotecário estar sempre ligado a diversas outras pessoas que possam fazer parte da equipe multidisciplinar. Ela no caso do Hospital Infantil, tem enfermeiro... pelo que eu lembro ela faz parte do Projeto tipo aqueles doutores da Alegria, então ela faz parte desse projeto também e então ela está ligada a médicos e enfermeiros e isso é importante por que ela tbem pode perceber alguns tipo de ... é ...como ela pode.... intervir nesse meio... tipo de doença, pois cada um é um tipo.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Hummm... ah eu não sei... [intervenção da entrevistada... exemplificando] eu acho que ele tem que saber lidar com cada tipo de usuário... por exemplo uma criança com necessidade especial... ele vai ter que saber lidar, porque criança é diferente uma da outra, pessoas com necessidade especial também são diferentes umas das outras no caso, então ele vai ter que fazer uma ligação, esse aqui eu vou ter que fazer alguma atividade diferente, um jogo por exemplo, eu acho que é isso. [intervenção da entrevistadora: por exemplo, uma criança com necessidade especial, tem todo um trabalho de inclusão e interação daquela criança com outras crianças dentro da própria biblioteca, a biblioterapia]

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Como te falei lá onde eu estudo não tem muita coisa a respeito, eu sei assim por cima, eu não sei aprofundar... pelo que já ouvi falar é um assunto bem importante, pode ajudar uma vida... Por que eu acho que não é uma área muito pesquisada ainda...

Entrevistado (a) L

1 – O que você entende por biblioterapia?

Eu entendo que é algo relacionado a terapia através da leitura. Eu entendo que... eu sei que fazem esse serviço de biblioterapia no Hospital HU e eu já ouvi falar né. Então eu entendo que são pessoas que vão até as pessoas que estão doentes, lêem e através disso passam uma coisa boa, passa um bem-estar pra aquela pessoa que está num momento difícil.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Eu, eu acho que pras pessoas que estão num momento difícil, como pessoas que estão doentes, que estão internadas que ficam muito tempo num local fechado sendo privada de tudo né, eu acho que pra essas pessoas tudo que é diferente é válido. Eu acho que pra aquela pessoa que estão num hospital, alguém que se preocupa que vai lá ler, vai lá discutir com ela alguma coisa referente a um conto, uma história esse lado mais lúdico da leitura, eu acho que isso daí é importante, eu acho que pra essas pessoas... pra toda a comunidade a leitura é importante né, mas eu acho que é algo diferente pra aquelas pessoas que estão ali privada de muita coisa, que tá num hospital. Eu relaciono muito a biblioterapia ao hospital, eu não sei talvez pessoas façam terapia com livros sem estar no hospital, estando em outro local, mas aí eu não tenho conhecimento. [você consegue imaginar como seria em outro espaço que não fosse o hospital?] eu consigo imaginar que uma pessoa que usa do livro, das informações, da história pra se auto ajudar, de repente não está num hospital, mas é uma pessoa que tem um problema... uma depressão vamos supor, eu imagino que um livro direcionado pode ajudar, ela faria uma terapia lendo algo que auto ajudasse né ... é isso.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

É eu acho que isso tem que ser nato do bibliotecário né, uma das funções dele é incentivar a leitura e as ações culturais que

desenvolvam o gosto pela leitura. Eu acho que isso teria que ... acho que já vem de pessoas né, geralmente quem gosta de ler passa pra outras o quanto é bom ler e o bibliotecário ele teria que mesmo se não... por que assim ó ali como eu estudo a maioria gosta de ler mas tem pessoas que não, então eu fico pensando: será que ele vai ser um profissional que vai incentivar? Tem como função o bibliotecário ter que incentivar, mas a pessoa que gosta vai fazer isso não só porque é o dever do bibliotecário ele vai fazer isso porque ele também gosta e ele quer passar o que ele gosta para os outros, né?

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

É eu não presenciei nenhuma, mas como eu te falei já ouvi falar que acontece no HU, a minha irmã é bibliotecária e ela falou que já presenciou, então ela me contou que eles faziam grupos era para as crianças eles levavam e iam fantasiados iam com livros infantis e faziam aquela roda e conversavam com as crianças . Esse é um relato que ela me fez, eu não estava junto, mas é o que eu tenho de contato com a biblioterapia.

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Sim, os enfermeiros, médicos né. Eu acho importante, porque o bibliotecário ele tem, na minha visão ele tem que ter contato com outros profissionais, tanto os profissionais das ciências sociais como no caso da biblioterapia com os profissionais da saúde os médicos, os enfermeiros eu acho que a interação o incentivo também é bem importante. O profissional bibliotecário não pode ficar isolado se ele está trabalhando numa unidade de saúde ele tem que interagir com os enfermeiros, os médicos, o pessoal do setor administrativo e ele tem que criar uma situação que seja bom pra todos e o incentivo parta também de todos, porque as vezes você está numa unidade que o médico não iria gostar de ter um bibliotecário ali, as vezes não é naquela hora que ele quer né, eu acho que tinha que ter todo o entrosamento entre as áreas pra poder ser mais tranquilo né?

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário.

Olha pra experiência, pra conhecimento porque a partir do momento que ele tá... ele está também trocando né ele tá trocando informações ele tá passando conhecimento pra aquelas pessoas e ele também tá recebendo depoimento delas ou opiniões delas, então ele tá trocando e isso tudo vai enriquecer o profissional...

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

É... em relação a biblioterapia pra mim ainda não é bem claro porque como eu não tenho essa disciplina e eu só sei sobre o assunto porque a minha irmã já comentou, mas eu não sei até que ponto a biblioterapia não se aplica em hospitais apenas. Faz-se biblioterapia fora do... sem ser com pessoas em hospitais? Faz-se? Eu não sei... Faz-se em biblioteca também? Com qualquer tipo de público? [questões direcionadas a entrevistadora: expliquei]

Entrevistado (a) M

1 – O que você entende por biblioterapia?

Bem, é... quando eu entrei no curso eu cheguei a dar uma olhada em todas as disciplinas que o curso ofertava, e pelo que eu entendi no sumário de biblioterapia era a prática da biblioteconomia como um espaço de reabilitação tanto em hospitais ou até na própria escola, eu achei assim mais virado pro ambiente escolar, pra ter aquele momento mais calmo dentro da biblioteca, até pra ... por exemplo se for uma escola pública em num bairro né, que tem um índice de criminalidade, talvez a biblioterapia possa servir como uma forma de integração ali né, dos alunos que vivem naquela relação direta com o crime ou com o tráfico e tudo mais... foi essa a relação que eu fiz, mas daí depois eu fui dar uma olhada assim melhor até por interesse de outros alunos de outros alunos dali do 1º período e eles falaram não, tem também dentro de hospitais, de asilos também, aí eu ah, então tá, também dá pra se encaixar ali....

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Bem, é... a gente tem um déficit assim terrível de psicólogos, é... que realmente atuem num espaço comunitário, pelo menos a vivência que eu tive na cidade onde eu morava antes, tu formava psicólogo pra... ele acabava sendo assistente social entendeu, então já era direcionado pra esse âmbito de comunidade de trabalhar com um bairro específico ou em lugares onde pedia que o psicólogo estivesse com o grupo e não só com uma pessoa dentro de um consultório. Então eu acho que a biblioterapia ela meio que atua como esse mediador também, como é que o profissional da informação ou o bibliotecário pode mediar isso daí, através disso daí... através dessa é... através dessa forma de integrar a sociedade mas de certa forma também fazendo esse viés pra assistência social, pra psicologia né, eu não sei como é que é ... toda a hierarquia pra biblioterapia com certeza deve ter algum profissional de psicologia também envolvido, mas eu acho que essa integração com a sociedade é ... é... é até estimulante pra quem tá inserido ali que não pode ter um... vamos dizer pessoas que realmente não podem ter esse tipo de aparato psicológico ou até aquele momento de calma... de... sentar junto e conversar né, as vezes o problema da vida e tudo mais. Então esse seria o espaço da disciplina na sociedade... acabei me estendendo.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Hummm... eu como fiz Letras eu tive esta certa vivência né, por que não tem como você é... sair de uma... ou ser muito técnico ou ser muito pessoal, né não tem jeito. Enquanto você está lá dentro da sala de aula ou dentro da biblioteca você vai ter que ter este aspecto humano de ouvir, ser ouvinte de escutar o que seu usuário quer as vezes ele não só quer um livro pra pesquisar, as vezes ele tá sentado ali pra pelo menos falar alguma coisa com alguém, qualquer pessoa sabe?... E foi bom que na convivência nos corredores eu escuto bastante histórias sobre isso do bibliotecário acabar sendo o psicólogo da galera né ... porque o cara chega lá e tal, senta e começa a falar os problemas dele todo, e daí fica naquela: será que eu só ouço, será que eu me expresso, tento ajudar ele. E tem muito desse dilema aqui, o que é legal sabe, por que a visão que a gente sempre teve é aquela pessoa "sisuda" né, rabugenta que fica lá no cantinho e só, fica

só te observando, mas nunca tem essa troca né? Deixa só eu ver a pergunta de novo... falei do bem-estar primeiro, já sobre a leitura a gente é responsável principalmente pelo poder da palavra né, porque a gente tá lidando diretamente com ela e tudo que rege ali, desde cultura, desde dogmas e políticas o que tiver envolvido com a palavra a gente é... media isso e também dissemina. E uma coisa que eu gosto também de muito de pontuar ali dentro (refere-se a sala de aula/turma) sempre quando tem um trabalho é da gente ser responsável pelo que fala e pelo que está passando né, que... até numa das aulas da Prof. Ana Claudia é surgiu essa discussão o que é ser bibliotecário a gente acaba sendo tudo né, o psicólogo, o cara que escuta, o conselheiro, o... as vezes o político, o articulador, o professor principalmente, não diria professor mas mais educador social aquele que está ali inserido naquele contexto mas que sempre recebe algumas demandas assim que talvez não esteja no alcance dele, e ele tenta mediar pra poder ajudar a pessoa, eu acho que a leitura e a escrita seria a principal via de da gente trabalhar com essas pessoas de diversos contextos. Mais é essa responsabilidade que a gente tem, eu vejo que o pessoal fica assim: hum, o que? A gente tem essa responsabilidade? Claro que tem, mais que os outros, tu não faz ideia... (risos).

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

É eu trabalhei numa ONG na minha antiga cidade... é cidade pequena né, mais industrial e então o pessoal não tinha tanto ensino superior e tudo mais, e a prefeitura promovia numa dessas ONGs não a que eu trabalha mas em outras que era uma Associação de maternidade e infância que sempre pegava esses dois nichos, e tinha uma brinquedoteca enorme instalada num... é uma brinquedoteca instalada num ônibus aqueles Volvo enormes sabe, tudo estava ali dentro inclusive um mini rack assim com uns livrinhos infantis pro pessoal e eu sempre via eles rodando pela cidade porque era um ônibus enorme todo caracterizado e tudo mais, mas não sabia do trabalho deles e depois é que eu fui entender, quando eu comecei a trabalhar nessa ONG e conheci o pessoal lá dentro e o que eles realmente faziam né, era ir nas comunidades mais precária, mais pobres levar esse trabalho de teatro, de música, de dança e contação de

histórias que era o mais importante, mas sempre com o livro ali como aparato entendeu? . Então tinha uma encenação de teatro já tinha um livrinho pronto feito por eles mesmos pra entregar a população um folder dizendo ó o próximo teatrinho é sobre isso... etc... então tinha sempre esse... essa busca de incentivar eles a gostar, ou pelo menos ter a lembrancinha do folheto pra depois querer... e eu acho que essa seria a experiência mais aproximada, eles faziam esse trabalho de né... de... incentivo a leitura em lugares aonde a leitura não conseguiria chegar a não ser por escola mas mesmo assim não tão... e também tinha essa parte lúdica né, que eu também acho que a biblioterapia é deve tratar, principalmente com criança né, a parte lúdica né de mexer com a imaginação e... é... eu acho que é isso mesmo, acho que foi a única mesmo.

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

É assim... o educador... eu trabalhei na ONG que eu trabalhei com educadores sociais, eles eram justamente psicólogos que acabavam servindo como assistentes sociais. É... eu acho que é importante até pelo fato do aparato teórico né, é... por exemplo se for uma biblioteca que trabalha com biblioterapia, mas não tem... por onde começamos né, qual o aparato teórico que a gente se pauta nesse projeto, como a gente faz, pra quem a gente pergunta? Tem que ter a figura do bibliotecário ali pra pelo menos é viabilizar né, esse começo do projeto e também depois participar ativamente né , não é só o assistente social, o educador social o psicólogo ou qualquer outro profissional que esteja ali, o bibliotecário tem sempre que estar de olho porque é um projeto... é um plano né... pode ser de curta duração, mas sempre tem que ter alguém ali pra administrar pelo menos a parte teórica...e também como te falei a parte ativa de ir lá, a contação de histórias que é muito legal, ou pelo menos incentivar o leitor, as pessoas falar da importância do livro, a importância da leitura o que ela significa na nossa sociedade, eu acho que isso é bem atrelado... como te falei... não tem como dissociar.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Hum... é o conhecimento de si mesmo, é ele saber que ele está ali inserido naquele contexto, naquele grupo de pessoas e que ele pode contribuir muito só com a função que ele exerce né, ele não precisa se desdobrar, aliás ele já se desdobra pelo próprio fato de ser bibliotecário, mas dele saber que...é... ele tem essa importância, a importância não só da guarda da informação, mas de disseminar de mostrar as pessoas ó você pode ter autonomia se você tiver informação e não precisa ser informação certa ou informação errada, porque você acaba vendo que isso não existe, mas tendo a informação apropriada né, [...] É aí a biblioterapia entraria justamente nisso, porque é uma coisa que a gente desconhece né, pelo menos nos corredores aqui (CED) eu vejo que a maioria... Biblioterapia deve ser sentado no divã... alguma coisa que a gente acaba ligando com esses ícones né da psiquiatria, da psicologia do terapeuta e tal e as vezes não é, as vezes é uma forma mais humanitária de se chegar nas pessoas né... e o que contribuiria pra figura do bibliotecário seria exatamente isso, ele conhecer a si mesmo, conhecer qual a importância dele nessa sociedade que ele tá e também de dá isso para as pessoas, de disseminar as informações de forma democrática que é o que a gente mais... tá sempre batendo na tecla aqui (Curso UFSC), desculpe estou me estendo.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Humm... é... eu acho que vai ser sempre o problema de sempre né? Políticas públicas, seriedade de quem pegar isso e quiser levar pra frente porque não é um projeto de curto prazo, eu vivenciei o pessoal da brinquedoteca não é em 4 anos que dá pra fazer uma coisa séria, uma coisa sólida né, um plano que de pra atingir as pessoas que estão ali e também é educação continuada né, a gente saindo daqui da graduação não pode parar. Eu pelo menos no meu viés estou querendo entrar nessa parte da biblioteca comunitária com a biblioteca escolar, então eu já sei que meu foco não vai ser mestrado nem doutorado, vai ter que ser educação continuada em coisinhas assim... num curso de contação de história, na biblioterapia em outros cursos que tenha a ver com a área mas que são voltados mais para o social né e é... o negócio é ter essa oportunidade que é meio difícil eu não sei quanto aqui em SC, mas eu não vi isso tanto quando eu tava na Letras lá em Minas Gerais, que dizem que o colégio de

biblioteconomia lá é o melhor que tem, e nunca ouvi falar [sobre] biblioteconomia enquanto eu estava em Minas Gerais a gente não ouvia falar ... [biblioteconomia ou biblioterapia?] não ... os dois, eu não sabia que era lá e é e todo mundo né... caramba. Então tem que ter essa... mesmo esse reconhecimento da gente aqui dentro enquanto tá graduado, sabe tipo eu posso mudar, eu sei que vou mudar, como eu vou mudar? Eu quero mesmo mudar? Eu acho que essa é a pergunta principal que entra na responsabilidade... bem eu acho que era só isso. E eu gostaria muito, muito, muito que a Biblioterapia entrasse na obrigatória porque toda vez que entra na optativa a gente nunca consegue vaga, já sai pesquisando a galera e tem mais gente ali do primeiro período que quer muito fazer e já sai entrevistando o pessoal das outras disciplinas, ah... esquece porque sempre tá cheio e não tem vaga pra vocês. Mas como não... bota como obrigatória e pronto. E se tem uma procura grande pela biblioterapia, porque deixar sempre na optativa né? Não faz sentido, vai até contra a o mercado de trabalho, a oferta e a demanda... nessa hora a gente tem que pensar bem capitalista né, mas pô se estão procurando demais porque estão deixando de menos... também a divulgação né... a gente ouve pouco sobre isso são... tem bastante gente ali no primeiro período que: sim a gente quer fazer e tal, mas a gente não faz muito ideia do que seja né, a não ser quando você pega a relação das disciplinas, a gente fica meio perdido mesmo... tanto que eu te falei lá no começo que a minha associação era mais com biblioteca escolar , mas não vai que estende pra outra... seria bom divulgar não só aqui dentro da universidade mas também em outros âmbitos.

Entrevistado (a) N

1 – O que você entende por biblioterapia?

Assim eu fiz o trabalho como eu te disse com a minha irmã uma vez a gente foi no HU a gente fez um teatro de fantoche, então a biblioterapia ela é a biblioteconomia misturada com terapia né, pra ajudar... eu não sei... por exemplo ler algum livro, ler histórias pra crianças, num asilo pra idosos, não sei o que. Mas eu acho que é isso que geralmente que é a matéria né, biblioterapia o nome já diz biblioteconomia mais terapia.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Eu acho que primeiro que... no meu caso eu vou continuar no curso de biblioteconomia mas eu vou fazer outro curso. Então biblioterapia pra mim vai me ajudar no... eu vou fazer enfermagem então a biblioterapia vai me ajudar exatamente nisso, nesse negócio de terapia com as pessoas e tal, esse negócio de ler livros é fazer atividades entre as pessoas acho que isso ajuda bastante.

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

É pra comentar sobre o trabalho do bibliotecário?... Então eu acho que o bibliotecário ele é a parte mais importante da biblioteca, não querendo me achar... risos. Porque por exemplo eu fui esses dias ali na BU e eu fazendo biblioteconomia eu não sabia achar nenhum livro, aí um bibliotecário foi ali e me ensinou, e tipo hoje eu não levo um minuto pra achar um livro naquela biblioteca enorme. Então eu acho que o bibliotecário é insubstituível nos lugares que ele trabalha, eu acho que é muito importante.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

É assim ó, era quando eu estava no terceiro ano ainda eu não fazia faculdade aí a minha irmã me convidou pra ajudar ela num trabalho aí eu soube que era da disciplina de biblioterapia e tal que ela falou. Aí a gente foi no HU e a gente fez teatro de fantoches na ala pediátrica do HU, né onde estava as crianças internadas lá e tal. E depois foi o teatro da Chapeuzinho Vermelho se não me engano e depois da gente fazer isso a gente distribuiu desenhos impressos e lápis pra eles colorirem, foi bem legal, foi uns 40 minutos e foi bem legal. E foi acompanhada da professora de Biblioterapia era uma Sra. assim eu não lembro o nome dela.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

No caso da biblioterapia? Eu acho que assim ó, no meu caso eu já faço biblioteconomia e já estou por dentro, mas, por exemplo, em outros... acho que seria mais fácil o auxílio que o bibliotecário

daria pra um outro profissional nesse sentido da biblioterapia assim, eu acho que ele orientaria melhor, como fazer melhor, como né fazer certo...

6 – De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Bom, ler é uma coisa que é indispensável pra todo mundo e para o bibliotecário muito mais, então eu acho que essa é uma das ações... mas tem outras assim que tu vai se aprofundar ainda mais na tua profissão assim né, ela... e tu vai participar de uma outra coisa ali que é a terapia que não tem nada a ver com a biblioteconomia assim foi uma mistura, mas é uma coisa que quando tu cursa né a biblioteconomia tu vê que não tem nada a ver com terapia e tal, então essa matéria assim ela juntou os dois assim e acho que é uma coisa que dá muito certo porque né, é uma coisa assim que tu não precisa ficar presa numa biblioteca ou dentro de um escritório e tal, tu pode fazer outros serviços, como por exemplo trabalhar num hospital, trabalhar num asilo, num orfanato em alguma coisa que necessite desse trabalho assim e eu acho que isso é bastante coisa... risos.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos algum comentário?

Olha é assim, eu acho que é matéria que eu mais tô ansiosa pra fazer porque eu entrei em biblioteconomia e tal, eu até gosto do curso mas a enfermagem que eu é meu sonho, então assim biblioterapia pra mim vai ser muito legal assim pras coisas que eu estou planejando fazer entendeu? Então... é isso. [Que coisas assim, você pode citar?] Esses trabalhos voluntários assim e tal, por que vamos em asilos ajudando... fazendo aqueles teatros, se vestindo de palhaço, levar um pouco de alegria assim pras crianças, pras pessoas no hospital e tal, eu acho isso muito lindo... Então eu acho que a Biblioterapia é por ali...

Entrevistado (a) O

1 – O que você entende por biblioterapia?

Na verdade o que eu entendo assim, é que eu tive curiosidade de ler, por que eu vi um livro que tinha sobre biblioterapia, comecei a ler, mas só que só li um capítulo, por causa das coisas

da faculdade. Mas pelo que eu vi é tipo uma técnica, não seria chamado um tratamento, mas uma técnica que seria utilizar a leitura e os livros pra ajudar as pessoas que estavam com problemas de saúde e tal, pra conseqüentemente elas se sentirem bem e melhorar o tratamento delas assim, pelo pouco que eu li foi mais ou menos isso a visão que eu tive.

2 – Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Eu acredito que seja algo muito importante, até porque quando tu trabalha com uma pessoa que ela precisa meio que de um impulso, qualquer maneira é muito viável né, e a leitura, um projeto desse tipo além de dar conhecimento vai fazer ela despertar novos horizontes, eu acho que vai ser muito importante.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Bom eu acho assim que o bibliotecário, ele é fundamental, ah tive a disciplina de Ação de cultural e eu achei muito importante os trabalhos de Oficina de leitura e principalmente de Formação de leitores e eu acredito que é um campo que vai crescer bastante e o país como um todo necessita muito, eu acho que é uma profissão que tem um "fardo" muito grande pra carregar e uma responsabilidade muito grande, mas eu acredito que é uma profissão bem válida e o trabalho feito nessa área é um trabalho que enriquece muito a sociedade.

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Bom... é assim que eu ouvi falar foi assim por causa do livro, e eu não consegui terminar a prática quando estava relatando, mas eu acredito que a leitura desperta muito o pensamento da pessoa e ela vai fazer com que a pessoa enriqueça muito a ideia que ela tem das coisas e incentive muito ela não só em termos de leitura mas em termos de vida mesmo de auto estima, porque eu acredito que a experiência que já aconteceu deve ter sido muito bem feita e deve ter tido muitos resultados também. (como ela falou de forma geral e com base nas experiências que leu no livro, pedi relatasse alguma vivência ou leitura que tenha feito e que fez a diferença em sua vida ou de alguém que ela conheça)

– Já, teve um livro sim que me ajudou bastante, e que foi assim na época que eu tinha uns 12 anos que foi uma literatura que foi *As Crônicas de Narnia* que eu estava assim muito mal, eu tinha sofrido vários problemas emocionais, e foi algo que me ajudou a alavancar por causa que o tema ajudou assim o que eu estava vivendo e foi algo que me ajudou muito a me recuperar da crise que eu passei. - Pergunto como ela chegou até o livro? Foi o meu padrinho ele me mostrou o filme, e daí do filme eu já comecei a me sentir bem com o filme e daí eu resolvi procurar o livro, por que o livro é sempre mais completo e tal e daí eu li o primeiro livro e depois eu comprei a série toda, daí foi assim. - Pergunto se teve alguma discussão ou intervenção de outra pessoa em relação à leitura? Eu li e daí depois, uns dois anos teve um evento aqui na UFSC sobre o livro e daí eu participei e teve mais pessoas que usou o livro como terapia também, por que o livro, o escritor era teólogo e teve gente que usou o livro pra religião então foi um pouco discutido no evento.

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Eu acho que é fundamental, porque o bibliotecário vai fazer o papel de disseminar a leitura, disseminar aquela informação, mas vai ter alguém junto pra precisar inserir ele no meio da pessoa que vai no caso entre aspas "sofrer a prática da biblioterapia" então eu acho que não teria como o projeto se encaminhar se não tiver outros profissionais juntos, e vejo como uma prática positiva.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

Acho que vai despertar o lado mais humanista da profissão também e vai ajudar a quebrar com aquelas barreira do bibliotecário é aquela pessoa fechada, que só manda as pessoas ficarem em silêncio, então eu acho que um contato maior a pessoa vai ajudar ele a ter esse contato maior com o cliente da biblioteca também, e o pessoal que é usuário vai ver também essa interação do bibliotecário como uma pessoa mais humanista. - Pergunto como ela entende essa questão mais humanista? - Não, é porque eu acho assim que às vezes falta muito aquela coisa do bibliotecário ir até a pessoa e conversar

com a pessoa sobre um livro, uma pesquisa que ela esteja fazendo, acho que está muito automático só pegar o livro ou a tese e entregar fazendo o registro. Eu acho que precisa mais uma conversa, as vezes indicar um livro, indicar um tema né, ter essa coisa de saber que o bibliotecário também pode te ajudar nesse sentido não só entregando a informação e pronto.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

É, eu acho que... bom quando eu vi o termo eu já me interessei, estou louca pra conseguir continuar a leitura do meu livro, mas assim eu acho que é uma pratica que deve ser mais conhecida e mais debatida nas Universidades, aqui na UDESC nunca foi falado do termo então eu acho que deveria ser mais debatido pro pessoal conhecer melhor.

Entrevistado (a) P

1 – O que você entende por biblioterapia?

Então eu vejo biblioterapia como uma terapia de leitura, onde as pessoas fazem uma espécie de tratamento através da leitura, né? Eu não tenho muito entendimento dessa área de biblioterapia, não leio e não me aprofundo muito, eu tenho até um livro que eu ganhei a pouco, mas ainda não tive tempo de ler.

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Relevância... hummm... eu acho bem importante esta parte que ela... porque eu vejo ela como um auxilio pra essas pessoas que estão em tratamento psicológico, ou tratamento até em hospitais nesse termo, então as vezes ficam lá sem uma ocupação, já dependendo do caso até já meio desanimado, né, então isso traz um certo ânimo, é uma forma como ele lê uma leitura ou na forma como alguém lê essa leitura pra ele. Muitas leituras até trazem incentivo, apoio até em relação a determinadas doenças, então eu vejo nesse âmbito assim.

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Então, por exemplo, nessa relação de ação com a biblioterapia eu tenho o caso até de uma amiga minha, ela faz esse tipo de ação voltada em hospitais, mas ela faz mais pra crianças. Então

eu vejo essa profissão, como... como eu já falei né... é como se fosse uma alegria pra eles, é um... eles estão ali impossibilitados de qualquer coisa, então aquilo ali traz pra eles uma certa distração, divertimento, da maneira que conta, se já bota uma caracterização em cima do que vai contar. Então eu vejo que nós como bibliotecários também podemos fazer esse trabalho de levar para as pessoas a leitura mesmo elas estando impossibilitados e que as vezes o livro não chega até ela, de estar levando essa leitura de uma forma divertida, há pessoas que as vezes estão lá entristecidos, que não tem.... por que hospital hoje em dia não é uma coisa muito boa... estou com um amigo lá. Pergunto se a amiga a que ela se refere é bibliotecária - ela se forma agora, no próximo ano, é estudante de biblioteconomia e faz esse projeto voluntário no Joana de Gusmão a mais de 2 anos, em parceria com outros profissionais além de bibliotecário.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Não... nunca vivenciei assim essa parte da Biblioterapia.

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Eu acho que é válido, porque nós somos bibliotecários a gente entende da leitura e não da parte psicológica da pessoa do estado emocional, então eu acho que é válido, eu acho que se é uma coisa que vai trazer benefício, que tu não sabe tudo sozinho, tu precisa de outros profissionais pra te auxiliar. Eu acho por exemplo, tu vai chegar dentro de um hospital e tu precisa estar preparado psicologicamente, porque tu não vai encontrar só felicidade, tu vai encontrar tristeza também, e tu não pode chegar lá querendo passar tristeza pra quem já está triste. Então eu acho que é válido essa parceria com outros profissionais sim, até pelo fato de tu se preparar emocionalmente de tu saber passar pra essa pessoa o que tu pretende passar de uma forma que não prejudique mais o estado emocional dela, acho que é válido ter esta parceria, que seja com médicos, com psicólogos e com enfermeiros. Eu vejo a biblioterapia, como eu não sou entendida do assunto eu vejo que ela é mais tratada pra essas áreas mesmo, eu só conheço ela dentro de hospitais, não

conheço ela em outras áreas, que seja um projeto que atua em outra área que não seja em hospital, por isso que eu falo um pouco mais dentro dessa área de hospital.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

De um bibliotecário... eu vejo que o bibliotecário ele tem essa função de incentivar, de levar a leitura de... nessa parte mais de informação. Mas eu vejo também que nosso mundo também não é só dentro da biblioteca, pode expandir, pode levar essa leitura pra fora da biblioteca né, não ficar então... essa perspectiva de que bibliotecário só trabalha dentro de uma biblioteca usa óculos e cabelo amarrado acabou né, (risos), então acho que tem essa... que eu acho que pra convivência do bibliotecário hoje o mundo é muito amplo, a gente não pode mais ficar preso só a alguma coisa, acho que essa parte da biblioterapia é novo ainda pra nossa área, ela é muito nova, eu acho que de uma ano pra é que eu ouvi falar de biblioterapia, pra eu te dizer hoje de que forma nós bibliotecários vamos estar utilizando a biblioterapia. Pergunto se ela vê valor e alguma contribuição para as atividades do bibliotecário - há uma contribuição bem forte, porque é a parte... é uma leitura que trata o psicológico o emocional, a parte do emocional da pessoa, então eu acho que nós bibliotecários temos muito o que contribuir, mas eu acho também que temos muita coisa a estudar sobre a área.

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

É eu acho a biblioterapia..., é eu vejo ela como essa perspectiva..., mas acho que..... como já falei pra ti na nossa área ela é muito pouco conhecida ainda, na área de biblioteconomia. Acho que tem que expandir um pouquinho mais, um pouquinho mais de informação e conhecimento a respeito para o bibliotecário.

Entrevistado (a) Q

1 – O que você entende por biblioterapia?

Bem, eu conheço bem pouco... o pouco que eu entendo é o mais óbvio, a terapia através da leitura, do livro, de histórias , direcionadas para alguma questão pra ser tratada.

2- Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

Ela é importante, porque auxiliar num processo de cura. De um... uma forma... é... me parece bastante adequada em um ambiente que você pode escolher, não precisa ser um tratamento num lugar específico, pode ser feito em casa no âmbito familiar, no próprio... Eu já vou falando mais pensando em criança. Então é um condicionamento já né, eu fico pensando nesse ambiente que é já próprio da criança pode ser do adulto também, com todo aconchego do lar, com conforto e ... de uma forma muito prazerosa também que une esse prazer de ler ou de ouvir uma boa história que te ajuda num processo individual... né?

3- Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

Então mais uma vez eu vou nesse condicionamento com a criança... é... pra falar alguma atuação do bibliotecário em relação ...como contação de histórias?... [Entrevistadora: Como que você percebe esta atuação profissional?]Bom eu tenho pouco contato né a principio com isso, mas eu acho... eu acho bastante adequado, não sei é..., principalmente em Biblioteca pública ou escolar... que tenha esse horário um horário que seja aberto ao público com atividades direcionadas a ele,então nada mais óbvio em uma biblioteca como que ler os livros ou contar as histórias que estão contidas nesses livros, como outras ações culturais também. Eu acho muito importante assim, por que a gente tem uma carência cultural muito grande, principalmente as pessoas com uma renda um pouco mais baixa. Então as bibliotecas públicas tem essa... eu vejo como uma oportunidade de chegar mais perto do público, de chegar mais perto da criança, de poder ver nos olhos a reação de interagir de ter já uma resposta imediata, além de ser um atrativo, um diferencial para a biblioteca. Eu acho a contação de história importante em qualquer ambiente na verdade, no ambiente da sala de aula, de jardim de infância, de criança pequena... em casa. Na minha

família eu contei história para as minhas filhas até elas terem 9 e 10 anos, agora que a mais nova tem 12 anos ela vai e conta pra mim, lê o que ela está lendo... e geralmente eu durmo antes dela acabar... acho muito proveitoso. Só vejo pontos positivos. Proporciona um sono mais tranquilo, a criança ou mesmo o adulto leva pro sono essas imagens que a gente criou durante o dia que a gente viu... então é bem na hora que adormece é muito bom e daí tem que ver a qualidade da leitura que estamos fazendo.

4 – Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

Quando você fala dessa experiência, eu fico pensando, por exemplo, em crianças de 10 e 11 anos que estão vivendo assim aquela fase crítica, de achar tudo ruim de apontar pro outro, de achar que a sua vida é a pior de todas, que droga... como eu sou infeliz, aí eu já vi caso de professores indicarem para uma classe inteira uma leitura coletiva da história da Poliana, não sei se você conhece a história? Daí eles se vêem o inverso ali na história e geralmente causa um impacto é perceptível a mudança né... depois de fazer uma leitura dessa que a criança se vê e ela própria já se coloca em outra posição... se reconhece ao contrário... e nesse sentido várias outras. E essas experiências foram aqui na escola, foi com minha filha e as vezes a gente vê uma criança passando por uma situação e daí eu penso nossa... como ele deveria ler aquela história. Ou as vezes a gente vê uma criança que é muito diferente, que é outra situação, uma criança bem diferente na forma de estruturar o raciocínio, de se expressar, no gestual... é o caso de uma criança que estava passando muito tempo lendo a imagem de três quadrinhos sem texto, e ria muito e ficava muito tempo ali com aquilo e daí eu fiquei pensando qual seria um livro bom pra ele, pra tirar dessa situação pra ir pra outra. Aí eu coloquei na frente dele um livro do Gabriel o Pensador chamado Rorberto que é o pai dele é analfabeto e quando foi registrá-lo, ele escreveu errado e botou R no lugar errado e o menino era muito diferente, ele tinha 6 dedos nas mãos, e também teve uma identificação e daí a criança leu esse livro e desse já foi pra outro, já saiu daquela situação que estava ali meio estagnada. Então as vezes você vê e de tá aquele clic... o que que é bom? O que está

precisando? Eles demonstram, a gente demonstra o que precisa porque é muito bom quando alguém fala, olha isso aqui veio naquela hora certa aquilo que você precisa, ou você abre um livro desse e vê aquela história que você precisa contar pro teu filho que vai ajudá-lo a sair de uma situação que não é a mais adequada né

5 – O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

Ah, eu acho que o bibliotecário já no seu fazer é... esta intrínseco essa interação com o outro, então aonde este profissional está inserido ele tem que interagir... eu vejo quase que obrigatoriamente assim, ou espontaneamente com a comunidade ou instituição que ele está inserido ele está ali para divulgar a informação pra facilitar o conhecimento, então onde ele está já existe a oportunidade de... eu não sei nem se é a oportunidade eu acho que é natural isso né... uma biblioteca especializada eu imagino, você tem que interagir com os clientes que vem, inclusive pra poder cumprir ou alterar uma política de aquisição, de estar sempre suprimindo essa necessidade que é sempre muito efêmera, principalmente hoje. Se você não interage com a comunidade que você está atuando, você não sabe o que ela precisa. Exemplifico trazendo pro exemplo da biblioterapia... eu acho que é fundamental... eu não sei se é obrigatoriedade, é uma coisa que é natural, é essencial você conhecer teu público. E como você chega ao aluno? É muitas vezes através do professor.

6- De que maneira você acha que as ações de biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

É um pouco parecido com a outra questão... de você... promove uma contação de histórias, ou uma leitura dirigida com um livro comum pra vários, é... eu não sei se é isso. Intervenção do entrevistador (explico novamente a pergunta). Ela enriquece a relação do bibliotecário com outro profissional e até mesmo com o usuário.... Inclusive se você tem um retorno, se você cria uma possibilidade de retorno da atividade que foi feita, se você está no caminho certo, por exemplo... e amplia a abrangência da biblioteca...

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

Despertou uma curiosidade agora, fiquei interessada em ler um pouco mais, em ver como isso pode ser, como isso pode vir pra prática ou pra uma discussão em sala de aula. Ou como a gente pode... ou até na possibilidade de inclusão dessa disciplina num currículo o que pode ser feito a respeito disso, eu acho que ela é bastante relacionada, não sei se eu tô me... com a biblioteca escolar, além da pública... eu não consigo ver outra. Eu acho assim que é quase indispensável que se tenha. Eu não entendo porque não está no currículo das universidades de biblioteconomia...

APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD

1 – O que você entende por biblioterapia?

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
E 1 – Leitura como função terapêutica, Contação de histórias.	DSC: <u>Entendo biblioterapia como [...] algo relacionado à leitura de livros com alguma função terapêutica [...]. É fazer algum tipo de terapia usando os recursos que a biblioteconomia te oferece, sejam eles livros, ou até mesmo uma contação de histórias, enfim todos os recursos que tu podes usar como fonte de informação [...]. Ação de pessoas que vão até outras pessoas que estão doentes e lêem [...] é uma espécie de tratamento [...] que proporciona algumas coisas boas [...] podendo ser utilizada na cura de doenças [...], promovendo um bem-estar pra aquela pessoa que está num momento difícil, [...] uma nova visão das coisas ou uma alternativa mais feliz [...]. Trabalha [...] questões internas [...] é quando tu tá lendo para as pessoas, e elas têm esta identificação com a personagem, [...] o apaziguamento das emoções, a catarse [...] eu vejo como um efeito benéfico [...] que pode</u>
E 2 – Solução de problemas, Promoção de bem-estar, Proporciona novo olhar para vida, Livro e leitura como transformação social.	
E 3 – Aplicação da leitura, Liberação das emoções, Efeito benéfico.	
E 4 – Ajuda em momentos difíceis	
E 5 – Terapia por meio da leitura, Auxílio em problemas psicológicos.	
E 6 – Terapia por meio de livros e histórias, Utilização das fontes de informação para fazer terapia.	
E 7 – Terapia por meio do livro	
E 8 – Utilização da leitura em terapia, Leitura como apaziguamento das emoções.	
E 9 – Livro e leitura como tratamento	
E 10 – Técnica da	

<p>Biblioteconomia, Terapia por meio de histórias.</p> <p>E11 – Terapia por meio da leitura Proporciona bem-estar em momentos difíceis.</p> <p>E 12 – Prática da Biblioteconomia, Função de reabilitação em hospitais e escolas, Ação de transformação/integração.</p> <p>E 13 – União de Biblioteconomia e terapia, Ajuda as pessoas (crianças, idosos).</p> <p>E 14 – Técnica, utilização de livros para ajudar pessoas com problemas, Bem-estar, Melhoria no tratamento de pessoas doentes.</p> <p>E 15 – Terapia por meio da leitura, Tratamento que utiliza a leitura.</p> <p>E 16 – Terapia por meio da leitura de livros e histórias, Tratamento.</p>	<p><i>ajudar as pessoas a passarem [...] por um momento difícil [...] tratar de algum problema [...] psicológico ou de saúde [...]. É usado na área da biblioteconomia, com as pessoas que estão internadas, principalmente as crianças [...]. Prática da biblioteconomia como um espaço de reabilitação tanto em hospitais ou até na própria escola [...], por exemplo, se for uma escola pública e num bairro que tem um índice de criminalidade [...] a biblioterapia pode servir como uma forma de integração, dos alunos que vivem naquela relação direta com o crime ou com o tráfico e tudo mais [...].</i></p>
--	--

2 Qual a relevância que a biblioterapia tem para a sociedade?

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
<p>E 1 – Relevante para a sociedade; Deve fazer parte da vida das pessoas; Importante como função terapêutica; Ajuda as pessoas a construírem uma nova perspectiva de vida, mudar os padrões.</p> <p>E 2 – Importante; Pouco conhecida; Disciplina optativa na Graduação de Biblioteconomia; Curso de Biblioteconomia é mais técnico; Importância para o profissional bibliotecário; Ressalta o lado humano do profissional; Promove bem-estar (informação).</p> <p>E 3 – Profissão que está sendo regulamentada; Retorno ao social; Aplicação em hospitais, escolas, creches; Importante para área social; Promove conforto e bem-estar; Alívio e liberação das emoções.</p> <p>E 4 – Promove ajuda.</p> <p>E 5 – Ajuda na comunicação; Desenvolve e mune a sociedade com informação; Amplia a visão do ser humano.</p> <p>E 6 – É relevante; Ser mais aplicada; Relação com a</p>	<p>DSC: <i>Eu acho que a <u>Biblioterapia</u> é muito relevante pra nossa sociedade, primeiro porque a leitura [...] já é importante [...] e devia ser uma coisa que faz parte da vida de todas as pessoas. O Brasil lê muito pouco, acho que [...] deveria ler mais. [...] O que eu vejo <u>também</u> é que ela precisa ser mais aplicada [...], porque a gente vê poucas ações [...] de biblioterapia, e dentro dessas a mais comum que eu pelo menos vejo é a contação de histórias. [...]. É bem interessante porque todas as pessoas que tem envolvimento com a literatura no geral acho que [...] acabam se beneficiando no sentido de conhecer um mundo novo, [...] muitas pessoas até usam como refúgio, <u>para</u> esquecer os problemas e viver o que está passando ali na história no contexto do livro por exemplo. Acredito que seja algo muito importante, até porque quando tu trabalha com uma pessoa que ela precisa, meio que de um impulso, qualquer maneira é muito viável [...] e a leitura, num projeto desse tipo além de dar conhecimento vai fazer ela</i></p>

<p>contação de histórias.</p> <p>E 7 – É viável a utilização de livros como terapia; Melhoria na qualidade de vida; Papel social do livro; bibliotecário como agente de leitura; Importante.</p> <p>E 8 – A sociedade desconhece a importância da biblioterapia; Não reconhecimento e identificação; É importante; Integração profissional</p> <p>E 9 – É relevante e interessante; Possibilita ampliar os conhecimentos; Utilização como refúgio, fuga dos problemas; Cura de algum mal; Ser mais explorada e trabalhada nos cursos de Graduação em Biblioteconomia.</p> <p>E 10 – Ajuda a sociedade; Aliada a projetos sociais.</p> <p>E11 – É uma ação válida; Importância da leitura; Biblioterapia em hospitais; Informação como desenvolvimento/ autoajuda.</p> <p>E 12 – Biblioterapia com ferramenta mediadora; Função integradora (Profissional da informação e/ou bibliotecário); Integração da sociedade; Integração profissional (bibliotecário, assistente social, psicólogo); Promove bem-estar.</p>	<p><i>despertar novos horizontes [...]. Vejo como um auxílio pra [...] pessoas que estão em tratamento psicológico, ou [...] em hospitais, pois muitas leituras até trazem incentivo e apoio [...] em relação a determinadas doenças [...] e auxilia num processo de cura. Também parece bastante adequado em um ambiente que você pode escolher, e não precisa ser um tratamento num lugar específico, pode ser feito em casa no âmbito familiar [...] de uma forma muito prazerosa [...] que une esse prazer de ler ou de ouvir uma boa história que te ajuda num processo individual. Porém, [...] acho que a sociedade ainda não conhece [...] a importância da biblioterapia. Eu acho que falta isso mesmo, mostrar o conhecimento para as pessoas que fazem [...] e utilizam a leitura [...] sem o conhecimento disso, [...] faz sem saber talvez, instintivamente [...] busca uma leitura, mas não conhece que aquilo [...] faz bem. Assim, vejo que [...] ela tem [...] pouco espaço pela importância que [...] pode vir a ter na sociedade. [...]. No curso de Graduação em Biblioteconomia da UFSC, existe [...] uma disciplina optativa de biblioterapia, penso até que ela pode ser reconhecida como profissão</i></p>
--	--

<p>E 13 – Ajuda e apoia as pessoas.</p> <p>E 14 – É importante; Desenvolve; Desperta novos horizontes.</p> <p>E 15 – É bem importante; Auxílio para as pessoas em tratamento psicológico; Promove incentivo e apoio em determinadas doenças.</p> <p>E 16 – É importante; Auxilia num processo de cura; Flexibilidade (escolha do espaço de aplicação); Ler ou ouvir histórias proporciona prazer num processo individual.</p>	<p><i>[...] e devia ser mais bem trabalhada, principalmente dentro do curso (UFSC), pois acho que [...] ele <u>ainda</u> é muito focado no técnico e [...] esquece um pouco o lado humano. Então eu acho que a Biblioterapia é muito importante nesse sentido <u>também</u> que é o de mostrar ao profissional bibliotecário que além da gente ter que ficar levando informação, a gente tem o lado humano e que de certa forma a informação pode fazer bem sim para as pessoas, <u>para</u> além da questão de fazer uma pesquisa <u>ou</u> de procurar uma resposta [...] <u>reforçando a função do bibliotecário como agente de leitura</u>. Eu acho que a biblioterapia [...] meio que atua como mediadora também, auxiliando o profissional da informação ou o bibliotecário [...], <u>possibilitando um retorno ao social</u>, da forma como ela é aplicada, tanto num ambiente hospitalar, escola, como numa creche. Assim sua aplicação seria na área social, em [...] projetos sociais. Eu relaciono muito a biblioterapia ao hospital, eu não sei, mas, talvez pessoas façam terapia com livros sem estar no hospital, estando em outro local, mas aí eu não tenho conhecimento. Só consigo imaginar que uma pessoa que</i></p>
---	---

	<i>usa do livro, das informações, da história pra se autoajudar, de repente não está num hospital, mas é uma pessoa que tem um problema, uma depressão vamos supor, eu imagino que um livro direcionado pode ajudar e ela faria uma terapia lendo algo que ajudasse [...] e isso é importante.</i>
--	--

3 – Comente sobre o trabalho do bibliotecário e sua relação com ações que promovam a leitura e o bem-estar.

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
<p>E 1 – Desconhece a atuação do profissional bibliotecário com a biblioterapia; Profissional pró ativo; Promotor leitura; Promotor de cultura e de interações (sociedade).</p> <p>E 2 – Fomentador da leitura; Criar projetos/ações; Olhar atento ao usuário (transcender a necessidade básica de pesquisa); Leitura por prazer/lazer; Utilizar as ferramentas existentes (biblioterapia); Atrair pessoas para a Biblioteca.</p> <p>E 3 – Trabalhar com o social; Livre e criativo; Biblioterapia como aplicabilidade no social; Atualizado e integrado com as mudanças; Atento as necessidades do usuário; União da teoria com a prática; Desconhecimento da profissão bibliotecário (Sociedade); Oficinas: hora do conto, leitura terapeuta.</p> <p>E 4 – É importante; Interessante e relevante.</p> <p>E 5 – Disseminador e Incentivador da busca e uso da informação/leitura; Leitura como apoio.</p>	<p>DSC: [...] <i>Pra mim foi muito novo quando ouvi falar que poderia haver a <u>Biblioterapia</u> e que o bibliotecário poderia estar associado a uma terapia, ou a alguma coisa relacionada a esse gênero [...]. <u>Afinal</u> [...] as pessoas até hoje não sabem muito bem o que é a biblioteconomia, o que é o bibliotecário [...]. [...] <u>Eu fiz a disciplina de Biblioterapia com a Prof. Clarice, [...]</u> e a partir daí que eu passei a ter uma outra percepção da importância que a Biblioterapia tem dentro da biblioteconomia. [...] Penso assim que poucas pessoas vêem o bibliotecário como um agente de livros, agente que cuida dos livros na parte do lazer. [...] acho que a maioria das pessoas tá ligando o bibliotecário na parte de estudos a parte de livros especializados, poucos vêem com a leitura por ler, por prazer, então eu acho que ainda não tem muita visão da sociedade sobre o papel do bibliotecário na parte dos livros [...], <u>por isso o bibliotecário</u> [...] deve sempre estar promovendo [...] novas formas de levar a leitura às pessoas, de estimular [...], deve ser um</i></p>

<p>E 6 – Necessidade de mais ações de leitura; Falta engajamento do profissional bibliotecário; bibliotecário com atitude; Desenvolver ações que valorizem o espaço e o material no qual está inserido; Percepção da biblioterapia para a Biblioteconomia (Via disciplina); Biblioterapia como ação simples que não requer muitos recursos; Profissionais criativos e com atitude fazem a diferença.</p> <p>E 7 – Agente de livros; Verdadeiro papel do bibliotecário (sociedade); Disciplinas voltadas pra ações culturais, incentivo e promoção da leitura; Importante; Boa utilização dos espaços existentes (Bibliotecas públicas); Biblioteca como local de encontro, formação cultural, contação de histórias.</p> <p>E 8 – Mediador da leitura; Leitura é treinamento; Praticar leitura por prazer.</p> <p>E 9 – Poucas ações do bibliotecário; Exemplifica com ações já existentes; Necessidade de engajamento do bibliotecário nessas ações; Ausência do caráter humano da profissão; Ações que influenciem as pessoas (impacto social).</p>	<p><i>profissional pró-ativo [...] sempre preocupado em promover a cultura [...] através de projetos que agradem, como [...] por exemplo na biblioteca escolar, por meio da Hora do Conto [...] trabalhar com o social, [...] tem que estar atualizado, se desenvolvendo [...] e focando realmente dentro da necessidade [...] do usuário [...] Assim, é preciso que sejam criadas mais ações, porque os resultados são benéficos mas como eu já falei não existe muito engajamento dos bibliotecários em desenvolver esses tipos de ações, então [...] o que mais precisa do bibliotecário é atitude [...]. [...] Acredito no bibliotecário como mediador da leitura, e pra fazer isso, a primeira coisa que [...] ele precisa é gostar [...], pois leitura é treinamento [...]. Tem várias outras ações que o bibliotecário poderia implantar e assim ter frutos [...] mais significativos para a sociedade e até pra visibilidade do próprio bibliotecário. [...] Acho que isso tem que ser nato do bibliotecário [...], sendo uma das funções dele [...] incentivar a leitura e as ações culturais que desenvolvam o gosto pela leitura [...], pois é um trabalho que enriquece muito a sociedade [...]. Assim, acho</i></p>
---	--

<p>E 10 – Mediador de leitura; Formador de novos leitores; Importância em participar de ações desse tipo.</p> <p>E11 – Função nata do bibliotecário; Incentivar a leitura; Desenvolver ações culturais; Dever do profissional; Fazer com motivação e prazer.</p> <p>E 12 – Aspecto humano; Disponibilidade para ouvir; Dupla função; Profissional acessível, aberto, disponível; Formador de opinião; Mentor; Mediador; Disseminador; Ouvinte; Conselheiro; Articulador; Educador social; Leitura e escrita como ferramentas do bibliotecário.</p> <p>E 13 – Importância do bibliotecário; Profissional insubstituível.</p> <p>E 14 – Formação do bibliotecário (graduação); Importância de disciplinas e atividades na formação profissional; Contribuição para a sociedade.</p> <p>E 15 – bibliotecário atuando em outros espaços (extra biblioteca); Promoção da leitura.</p> <p>E 16 – Adequado; Biblioteca pública e escolar; Leitura;</p>	<p><i>que o bibliotecário poderia utilizar a biblioterapia pra atrair as pessoas por prazer a ir a biblioteca [...], pois é uma oportunidade de trabalhar com o social [...], de [...] unir a teoria a prática [...], promover [...] oficinas [...] pensando na hora do conto na leitura como terapia [...]. Vejo que o bibliotecário tem tanto que auxiliar [...] na procura da informação, quanto disseminar e [...] incentivar a leitura [...], pois a leitura pode acrescentar e apoiar a [...] pessoa, a saber, como reagir em determinadas situações [...] e [...] os resultados são benéficos. O bibliotecário precisa [...] desenvolver ações que valorizem o espaço que ele está trabalhando e todo o material que [...] tem. Então vejo que a biblioterapia [...] pode ser desenvolvida de forma bastante criativa e não exige a princípio tantos recursos, somente [...] criatividade e a atitude. Além disso, na faculdade [...] eu estou fazendo, temos bastante disciplinas voltadas pra área de ação cultural e de incentivo ao bibliotecário a promover ações de promover a leitura, a contação de história [...]. Ainda há uma [...] visão muito tecnológica da profissão e às vezes perde um pouco o caráter mais humano, de</i></p>
---	--

<p>Contação de histórias; Ações culturais; Papel do bibliotecário em Biblioteca pública; Papel social da Biblioteca pública; Interação; Retorno imediato (comunidade).</p>	<p><i>influenciar as pessoas de trazer [...] outra realidade pra um contexto social diferenciado, numa favela por exemplo. Entendo que enquanto você está lá [...] dentro da biblioteca você vai ter que ter este aspecto humano de ouvir, ser ouvinte do [...] usuário, porque [...] às vezes ele não [...] quer só um livro pra pesquisar, às vezes ele tá [...] ali somente pra [...] falar alguma coisa com alguém [...], e o bibliotecário acaba sendo meio que o psicólogo da “galera” [...], pois [...] somos responsáveis [...] pelo poder da palavra porque estamos lidando diretamente com ela e tudo que rege ali, naquele espaço, desde cultura, [...] dogmas, políticas e o que tiver envolvido com a palavra a gente media [...] e também dissemina. Assim, a gente acaba sendo tudo [...] o psicólogo, o cara que escuta o conselheiro, às vezes o político, o articulador, o professor principalmente, não diria professor, mas educador social, aquele que está ali inserido naquele contexto, mas que sempre recebe algumas demandas [...] que talvez não esteja no alcance dele, e ele tenta mediar pra poder ajudar a pessoa e eu acho que a leitura e a escrita seria a principal forma da gente</i></p>
--	---

trabalhar com essas pessoas de diversos contextos [...]. É importante [...] usar o espaço da biblioteca como um meio de encontro e de formação cultural, [...] mas eu vejo que nós como bibliotecários [...] podemos fazer também esse trabalho de levar para as pessoas a leitura, mesmo elas estando impossibilitadas, em locais [...] que às vezes o livro não chega [...]. [...] eu acho bastante adequado [...] principalmente em Biblioteca pública ou escolar que *tenha* [...] um horário que seja aberto ao público com atividades direcionadas a ele, [...] como ler os livros ou contar as histórias que estão contidas nesses livros, como outras ações culturais também. Acho muito importante porque a gente tem uma carência cultural muito grande, principalmente as pessoas com uma renda um pouco mais baixa. Então as bibliotecas públicas tem essa, que eu vejo como uma oportunidade de chegar mais perto do público, de chegar mais perto da criança, de poder ver nos olhos a reação de interagir de já ter uma resposta imediata, além de ser um atrativo e um diferencial para a biblioteca.

4- Fale a respeito das suas percepções e sensações sobre alguma prática de biblioterapia que tenha vivenciado ou presenciado.

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
<p>E 1 – Não vivenciou; Tem conhecimento por meio da leitura; Existe uma interação e identificação (leitura e leitor); Auxilia nos problemas da vida.</p> <p>E 2 – Atividade desenvolvida na disciplina de Biblioterapia do Curso de Graduação de Biblioteconomia UFSC; Local de aplicação – Creche pública; Gratificante; Enfoque humano; Dramatização e composição de cenário; Encantamento no Público (crianças e professores); Interação do público; Trabalho gratificante; Importância da disciplina de Biblioterapia.</p> <p>E 3 – Disciplina de biblioterapia na 5ª fase/ UFSC; Local de aplicação: Ambiente hospitalar/ Hospital Universitário – UFSC; Exige planejamento e organização; Experiência válida e gratificante; Apoio da professora da Disciplina; Pouco tempo pra aplicação; Afeta a percepção dos efeitos que a prática causou; Observou-se a interação do público (pacientes e acompanhantes); Imensurável os efeitos causados; Perceptível a</p>	<p>DSC: <u>Eu não vivenciei, mas já li alguma coisa uma vez [...]. Nossa, tem muitas, [...] a que eu fiz no hospital, chega me arrepiar, [...] sou voluntária em hospital e trabalhar com as crianças é sempre fantástico, porque quando [...] tu conta e lê histórias, tu empresta tua voz pra aquele texto se levantar [...]</u> e <u>cria toda aquela imaginação, e história que vai suscitar a imaginação na criança [...]. Eu já [...] ouvi falar e [...] teve um livro [...]</u> que me ajudou bastante [...] na época que eu tinha uns 12 anos, [...] foi uma literatura [...]: <u>As Crônicas de Narnia. É que eu estava [...] muito mal, [...] tinha sofrido vários problemas emocionais, e foi algo que me ajudou a alavancar porque o tema ajudou no [...] que eu estava vivendo e foi algo que me ajudou muito a me recuperar da crise que eu passava. E isso aconteceu depois que [...] o meu padrinho [...] me mostrou o filme: As Crônicas de Narnia, e [...] eu já comecei a me sentir bem com o filme. Então [...] eu resolvi procurar o livro, por que o livro é sempre mais completo. [...]</u></p>

<p>satisfação e alegria; Curiosidade e interação dos profissionais da saúde na medida do possível.</p> <p>E 4 – Experiência no Hospital Universitário / UFSC; Dramatização com fantasia e cenário; Presente e lembrancinhas para os pacientes; Contentamento e alegria de pacientes e acompanhantes; Gratidão por parte dos acompanhantes; Curiosidade e interação dos profissionais da saúde; Encantamento das crianças (pacientes); Ação motivadora.</p> <p>E 5 – Pouco conhecimento sobre o assunto; Entende como uma leitura compartilhada entre duas pessoas.</p> <p>E 6 – Dramatização, confecção de fantasias e cenário; Cativou os participantes; Local de aplicação: Ala Infantil do Hospital Universitário – UFSC; Empolgante; Participação de todos; Gratificante.</p> <p>E 7 – Não viveu; Tem conhecimento de alguém que pratica a Contação de História em hospital; Leitura em voz alta; Incentivo a leitura; Promoção de bem-estar; Doutores da Alegria, Trapa médicos – ação parecida da Biblioterapia; Utilização de</p>	<p><i>Eu li o primeiro livro e depois [...] comprei a série toda [...]. <u>E após</u> [...] uns dois anos teve um evento aqui na UFSC sobre o livro e [...] eu participei, lá <u>descobri</u> que teve mais pessoas que <u>usaram</u> o livro como terapia também. [...] O escritor é teólogo e teve gente que usou o livro pra religião, então foi um pouco discutido, o <u>uso desta obra em terapia</u> no evento. Eu não sei se encaixaria, mas [...] conheço uma estudante de biblioteconomia que faz contação de histórias em hospitais, no Hospital Infantil. Ela lê em voz alta para as crianças e <u>as incentiva</u> [...] também a participarem e pelo que ela já me relatou isso faz muito bem para as crianças [...]. Também sei de outras <u>ações de leitura</u>, que [...] não sei se encaixa por que na verdade não é biblioterapia, [...] é só uma ação relacionada a leitura o <u>Epopéia Literária</u>, mas acredito que pode <u>influenciar a vida de alguém</u> [...], e mudar o contexto que ela tá vivendo [...]. Na disciplina de Biblioterapia do Curso Graduação de Biblioteconomia da UFSC fiz <u>um trabalho em</u> [...] grupo [...] que apresentou um livro infantil numa comunidade carente, é numa creche pública, e assim dentro do curso foi o trabalho</i></p>
--	--

<p>livros.</p> <p>E 8 – Diversas vivências de biblioterapia; Voluntária de contação de história em hospitais em Florianópolis; Leitor empresta a voz ao texto, coloca a alma/vida; Desperta a imaginação; Proporciona momento de alegria; Motivação para leitura (ler e ouvir); Insere novos hábitos.</p> <p>E 9 – Não vivenciou; Ações que envolvem a leitura – Epopéia Literária; Poder da leitura que transforma, influencia e modifica a vida.</p> <p>E 10 – Não presenciou; Contação de histórias realizada por uma aluna da Graduação de Biblioteconomia da UDESC.</p> <p>E11 – Não presenciou; Ouviu falar do projeto de Biblioterapia que acontece no Hospital Universitário.</p> <p>E 12 – Brinquedoteca; Disponibilização de Livros infantis; Proporcionar contato com a arte, leitura, contação de histórias a comunidades carentes; Livro como aparato; Dramatização; Motivação; Despertar o interesse; Oportunidade/ Possibilidade de acesso; Lúdico; Despertar o imaginário.</p>	<p><i>mais gratificante que eu fiz, [...] foi o trabalho mais humano [...]. <u>A</u> minha experiência lá no HU, foi <u>boa</u>, foi <u>válida</u>, <u>apesar de</u> nem tudo que nós preparamos a gente conseguiu, mas a professora nos acompanhou tava lá de “bombeiro” pra nos socorrer, qualquer momento [...]. <u>Achei que</u> [...] o tempo foi curto, por todo o desempenho que é preparar o cenário, estudar uma história, <u>por fim</u> não deu pra observar [...] a questão da catarse. <u>Mas</u> não tem como <u>mensurar o efeito</u> [...] causado [...], pois a satisfação estava ali presente, <u>e</u> as crianças [...] se envolveram com as personagens. <u>Todos</u> [...] ficaram supercontentes, tanto as crianças como os pais <u>que</u> adoraram <u>e</u> [...] agradeceram. Percebi [...] que as crianças ficaram encantadas, <u>pois</u> eles estão lá naquele mundo [...], às vezes até solitário-zinhos, e de repente vem uma animação assim pra eles [...]. Eu já vi caso de professores indicarem para uma classe inteira uma leitura coletiva da história da Poliana [...] <u>e</u> daí eles se vêem o inverso ali na história e geralmente causa um impacto <u>e</u> é perceptível a mudança, <u>já que</u> depois de fazer uma leitura dessa que a criança se vê <u>e se identifica</u>, ela própria já se coloca em outra posição,</i></p>
--	---

<p>E 13 – Disciplina de biblioterapia – UFSC; Teatro de fantoches; Ala Pediátrica do Hospital Infantil; Apoio da Professora da Disciplina.</p> <p>E 14 – Ouviu falar; Leitura do livro sobre o assunto – Biblioterapia um Cuidado com o ser; Leitura desperta o interesse da pessoa; Incentiva (vida e autoestima); Experimentou Biblioterapia aos 12 anos; Leitura ajudou a alavancar e se recuperar dos problemas emocionais que estava vivendo; A utilização da mesma obra por outras pessoas como terapia.</p> <p>E 15 – Não vivenciou.</p> <p>E 16 – Indicação de leitura coletiva de uma mesma obra por professores; Tratamento de uma situação comum a todos; Identificação do leitor com o personagem da história; Olhar atento do profissional em seu público (usuários de uma biblioteca).</p>	<p><i>se reconhece ao contrário [...].</i></p>
--	--

5- O que você acha da interação profissional de bibliotecários com outros profissionais nas práticas de biblioterapia?

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
E 1 – Fundamental; bibliotecário com formação técnica; Envolvimento de psicólogos	DSC: <u>Eu acho fundamental</u> , porque o profissional bibliotecário, [...] tem seus conhecimentos técnicos de biblioteconomia, [...] mas também como envolve a terapia, [...] acredito que outros profissionais devem estar envolvidos [...] porque nós somos bibliotecários e a gente entende da leitura e não da parte psicológica da pessoa do estado emocional [...] quem sabe alguém da psicologia ou da medicina [...]. <u>É que [...] se a gente for pensar na biblioterapia, [...] tem que pensar nessa questão multidisciplinar, de troca de conhecimentos [...] precisa ter atitude, tomar a frente, precisa saber o que vai fazer e conversar [...] interagir [...] dar a “cara a tapa” [...]. No serviço voluntário que faço [...] já fiz isso de ir buscar [...] ajuda [...] com os [...] profissionais [...] o pedagogo, o pessoal da psicologia [...] e da letras, e juntos discutimos como trabalhar e que livros utilizar. Em minha opinião, o profissional bibliotecário não pode ficar isolado e se ele está trabalhando numa unidade de</u>
E 2 – Fundamental; bibliotecário com formação técnica; Iniciativa de contato com outros profissionais; Falta formação voltada pra parte pedagógica; Interação profissional importante pro sucesso do projeto (Biblioterapia, Leitura)	
E 3 – Importante; Questão multidisciplinar; Troca de conhecimentos.	
E 4 – Relevante	
E 5 – Interação com psicólogos e psiquiatras; A união das habilidades auxilia a prática; Interessa	
E 6 – Ter atitude	
E 7 – Ação de natureza integrada; Interação; Parceria; Apoio; Preparo prévio; União de forças.	
E 8 – É muito importante; Apoio para o desenvolvimento da	

<p>biblioterapia; Planejamento da atividade em conjunto; Cuidado na escolha das histórias.</p> <p>E 9 – Importante; Interação que agrega; Suporte para lidar com as situações; Hospital, lugar onde acontece a biblioterapia; Dependendo do tipo de biblioteca a biblioterapia acontece; Depende do profissional bibliotecário.</p> <p>E 10 – Importante; Interação multidisciplinar.</p> <p>E11 – Importante; Necessidade de contato com profissionais de outras áreas; Bibliotecário não pode trabalhar isolado; Interação constante; Interação e entrosamento entre os profissionais para uma convivência saudável.</p> <p>E 12 – Importante; Fundamentação teórica das áreas envolvidas; Figura do bibliotecário.</p> <p>E 13 – Tornaria mais fácil a prática de biblioterapia.</p> <p>E 14 – Fundamental; Interação como prática positiva.</p> <p>E 15 – Válido; bibliotecário não sabe tudo; bibliotecário não tem entendimento da parte psicológica e estado emocional; Profissional com</p>	<p><i>saúde [...] tem que interagir com os enfermeiros, os médicos, o pessoal do setor administrativo [...], pois não tem como o projeto de <u>Biblioterapia</u> se encaminhar se não tiver outros profissionais junto, já que [...] esta intrínseca essa interação com o outro no fazer do bibliotecário [...]. Por ser [...] uma ação em conjunto [...] acho que agrega muito o bibliotecário estar interagindo com outros profissionais, pois de uma forma ou de outra a gente vai ter mais aparato pra poder lidar com situações diversas que acontecem no dia a dia, que acontecem [...] na biblioteca como em qualquer outro espaço em que a <u>Biblioterapia</u> seja aplicada. Da mesma forma seria o auxílio que o bibliotecário daria pra [...] outro profissional nesse sentido da biblioterapia [...].</i></p>
---	--

<p>preparo emocional; Cuidado com o outro; Parceria é válida.</p> <p>E 16 – Interação é um processo natural do profissional bibliotecário; Seja interação com outros profissionais, ou com a própria comunidade na qual está inserida; Fundamental; Essencial; Formas de abordagem e aproximação via outro profissional.</p>	
--	--

6- De que maneira você acha que as ações de Biblioterapia podem contribuir no desenvolvimento das atividades do bibliotecário?

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
<p>E 1 – Favorece o profissional bibliotecário; Ampliar a visão de mundo; Promover leveza e bom humor; Ajuda de alguma forma.</p> <p>E 2 – Reconhecimento; Gratificação; Maior envolvimento com o usuário; Apropriação das práticas de biblioterapia; Participação em projetos sociais; Identificar novos espaços de atuação (extra biblioteca); Transcender a capacidade técnica; Desenvolver novas habilidades e competências.</p> <p>E 3 – Retorno compensador; Motivação; Novo olhar sobre a área (Biblioteconomia).</p> <p>E 4 – Novo campo de atuação</p> <p>E 5 – Especialidade da área da biblioteconomia; Leitura como apoio a sociedade; Envolvimento com questões sociais e humanistas.</p> <p>E 6 – Contribuição inesgotável; Interação; Crescimento pessoal e profissional.</p> <p>E 7 – Transcender a atuação técnica; Interação e cuidado</p>	<p>DSC: <i>A meu ver, assim como a biblioterapia pode trazer muitos benefícios para as pessoas [...] ela pode favorecer o profissional que a executa, [...] no caso o bibliotecário [...] torna-se [...] um dos grandes beneficiários dessa técnica [...] acho que a biblioterapia tem o poder de trazer gratificação para o profissional bibliotecário, [...] o retorno é tão bom de imediato, que [...] motiva e tu passa a ter uma visão diferente até dentro da própria biblioteconomia, pois ao mesmo tempo tá proporcionando novas sensações, novas descobertas para o público [...] ele também vai ter um crescimento pessoal e [...] profissional realizando aquela atividade, pois [...] a biblioterapia transforma as duas pessoas no mesmo nível, por que quem está precisando bastante e acaba se beneficiando disso e quem faz – o bibliotecário – começa a ver as coisas de uma forma diferente, começa a mudar, a ter conhecimento de si mesmo [...] sua [...] importância na sociedade [...]. Além disso,</i></p>

<p>com os usuários; Olhar atento as necessidades dos usuários e/ou comunidade na qual está inserido; Desenvolver novas habilidades e competências; Práticas e ações sociais</p> <p>E 8 –</p> <p>E 9 – Desenvolve novas habilidades e competências; Amplia o olhar e percepção do outro / Cuidado; Proximidade com usuário; Desenvolver habilidades mais humanas; Transformação mútua; Troca; Interação com o outro; Amplia os horizontes; Biblioterapia nas fases iniciais do curso de graduação; Formação com enfoque humano e social.</p> <p>E 10 –</p> <p>E11 – Experiência; Troca; Enriquecimento profissional.</p> <p>E 12 – Autoconhecimento; Reconhecimento do seu valor e atuação; Proporcionar autonomia ao usuário; Atuação mais humana; Autoconhecimento; Autovalorização; Democratização da informação e conhecimento; Discussão na formação bibliotecária (UFSC)</p> <p>E 13 – Biblioterapia como disciplina; Interação com outra área;</p>	<p><i>acho que desperta o lado mais humanista da profissão [...] e ajuda a quebrar com aquelas barreiras de o bibliotecário ser aquela pessoa fechada, que só manda as pessoas ficarem em silêncio [...], <u>enriquecendo a relação do bibliotecário com outro profissional e até mesmo com o usuário. Porque a biblioterapia tem esse envolvimento com o usuário, e eu acho que a questão de tu vê o resultado final, tu vê que o usuário ficou feliz [...], eu acho que é esse tipo de gratificação que faz a diferença no dia-a-dia do profissional bibliotecário. <u>Penso que</u> [...] seria fundamental que todo profissional bibliotecário procurasse se envolver de alguma maneira em alguma ação desse seguimento, de trazer alegria para as pessoas, de conquistar outros usuários, conquistar novos leitores, [...] ou auxiliar, por exemplo, o asilo e <u>ter</u> aquela alegria de ver uma pessoa de idade que nunca teve contato com a literatura [...], fugir um pouco dessa parte técnica, que é catalogar, emprestar o livro. <u>Vejo como</u> um instrumento a mais que fica na mão do bibliotecário pra ele trabalhar, mais uma ferramenta que ele pode utilizar nas bibliotecas, pra ir além do que é habitual</u></i></p>
--	---

<p>Amplia campo de atuação.</p> <p>E 14 – Enfoque humanista de atuação profissional; Desconstrução do estereótipo de bibliotecário; Interação com usuários; Iniciativa; Disponibilidade; Olhar atento ao usuário; Poder contar com o bibliotecário.</p> <p>E 15 – Ampliação dos espaços de atuação; Desconstrução de um estereótipo; Necessidade de mais entendimento sobre a biblioterapia; Novo campo de atuação; Necessidade de aprimoramento e apropriação da biblioterapia.</p> <p>E 16 – Fortalecimento e enriquecimento das relações (bibliotecários x outros profissionais e usuários); Ampliação da abrangência da biblioteca.</p>	<p><i>de só atender o usuário. De também trabalhar com a leitura como forma de ajudar a sociedade [...], pois [...] acho [...] que às vezes falta muito aquela coisa do bibliotecário ir até a pessoa e conversar [...] sobre um livro, uma pesquisa que ela esteja fazendo, acho que está muito automático só pegar o livro ou a tese e entregar fazendo o registro. Penso que precisa mais uma conversa, às vezes indicar um livro ou um tema, ter essa coisa de saber que o bibliotecário também pode ajudar nesse sentido, não é só entregando a informação e pronto. Quando [...] se cria uma possibilidade de retorno da atividade que foi feita se amplia a abrangência da biblioteca [...] e dos bibliotecários que podem seguir esta profissão. Porque como [...] a professora falou [...] e a gente viu na disciplina, agora que tá se iniciando muito isso, e é bem provável que os bibliotecários que fazem isso e [...] voluntariado, mais adiante podem surgir profissões pelo estado, pelo governo e serem pagas pra fazer esse serviço. É uma coisa assim que tu não precisa ficar presa numa biblioteca ou dentro de um escritório e tal, tu pode fazer outros serviços, como por exemplo, trabalhar</i></p>
---	---

	<p>num hospital, [...] asilo, [...] orfanato <u>ou</u> em alguma coisa que necessite desse trabalho [...]. Acho que essa parte da Biblioterapia é nova ainda pra nossa área, [...] de um ano pra cá é que eu ouvi falar de Biblioterapia [...] <u>mas acredito</u> que há uma contribuição bem forte, porque é a <u>parte da</u> leitura que trata o psicológico o emocional [...] da pessoa, então eu acho que nós bibliotecários temos muito que contribuir, mas eu acho também que temos muita coisa a estudar sobre a área. [...] acho que devia ser <u>mais</u> incentivado esta prática desde os primeiros anos da faculdade, nos primeiros semestres, por que de uma forma ou de outra o bibliotecário deixou um pouco de ser, de ser assim um ser social pra ser muito técnico [...] <u>então</u> perdeu um pouco o contato.</p>
--	--

7- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a respeito do que conversamos, algum comentário?

IDEIAS CENTRAIS – IC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC
<p>E 1 – Obter mais conhecimento; Desejo de cursar a disciplina oferecida na UFSC; Deveria ser disciplina obrigatória; Estímulo para os discentes; Desenvolvimento de novas habilidades e competências; Capacidade de expressão.</p> <p>E 2 – Biblioterapia presente na formação do bibliotecário; Disciplinas com enfoque humano na formação; Formação extremamente técnica; Estereótipo de carrancudo, fechado aliado a formação técnica; Incentivo a desenvolver habilidades humanas, de empatia com os usuários; Fortalecimento da prática de biblioterapia; Biblioterapia como fator de aproximação do bibliotecário com a sociedade; Biblioterapia na formação profissional.</p> <p>E 3 – Biblioterapia como prática profissional; Biblioterapia discutida em outras esferas; Biblioterapia relacionada a outras ações de leitura; Proposta de uma Oficina de Biblioterapia na</p>	<p>DSC: [...] <i>Eu gostaria bastante de conhecer essa nova técnica [...]. Também [...] acho que [...] deveria ser [...] batizado um espaço maior pra Biblioterapia [...] dentro da graduação de Biblioteconomia [...] na formação do bibliotecário [...], pois na UFSC [...] ela não é aplicada em todos os semestres [...] eu já tentei fazer a disciplina, mas nunca deu certo [...] porque sempre tá cheio e não tem vaga [...]. Se tem uma procura [...] porque deixar sempre na optativa? Acho que ela deveria ser obrigatória no curso [...]. Eu sinto a biblioterapia não ter na UDESC, [...] apesar de que não impede que o pessoal que tenha tempo, possa fazer na UFSC. Então eu gostaria muito, muito, muito que a Biblioterapia entrasse como obrigatória, e que tivesse [...] um grupo onde pudéssemos conversar sobre biblioterapia [...]. Assim como [...] precisa [...] de mais ações que envolvam a Biblioterapia, pois [...] acho que tem poucos bibliotecários que se dedicam a isso [...], bem como [...] divulgação, pois a gente ouve pouco sobre o assunto [...] dentro da universidade e também em outros âmbitos. Quem sabe [...] de repente um grupo onde pudéssemos conversar sobre</i></p>

<p>Barca dos Livros; Disciplina oferecida todos os semestres.</p> <p>E 4 – Ser oferecida como disciplina obrigatória; Importante para a formação do bibliotecário.</p> <p>E 5 – Interesse em saber mais sobre biblioterapia</p> <p>E 6 – Mais ações de biblioterapia; Iniciativa dos profissionais bibliotecários na promoção de ações como a biblioterapia e contação de história; Existe campo de atuação; Necessidade de criatividade.</p> <p>E 7 – Contato com um livro sobre biblioterapia; Nunca teve contato na formação de biblioteconomia.</p> <p>E 8 – Não tem a disciplina de Biblioterapia na UDESC; Cursou na UFSC e foi fundamental para formação; Vivência de biblioterapia no Lar Recanto do Carinho; Biblioterapia acrescentou na formação profissional.</p> <p>E 9 – Divulgação e incentivo na formação do bibliotecário; Produção bibliográfica; Profissionais envolvidos e atuantes;</p>	<p><i>biblioterapia, pelo menos no meu grupo todos que saíram da disciplina optativa na UFSC tinham vontade de continuar falando sobre [...] <u>biblioterapia</u> por que tu sabes que sai dali e começa a se envolver com outras coisas e acaba se dispersando [...].</i></p>
--	--

<p>Disciplinas de cunho humanístico; Abordagem de biblioterapia na formação biblioteconômica; Desconhecimento de biblioterapia gera desinteresse; Poucos bibliotecários envolvidos com biblioterapia; Conhecimento de atuação profissional voluntária utilizando biblioterapia</p> <p>E 10 – Entendimento superficial; Julga ser importante; Entende que a prática pode ajudar uma vida; Tema pouco explorado, pesquisado.</p> <p>E11 – Pouco entendimento e clareza sobre a biblioterapia; Dúvida em relação os locais onde a biblioterapia pode ser aplicada/ utilizada.</p> <p>E 12 – Necessidade políticas públicas; Seriedade e envolvimento dos profissionais; Educação continuada após fim da graduação; Envolvimento com biblioteca comunitária e escolar; Aprimoramento em ações de cunho social; Desconhecimento de biblioterapia e mesmo da biblioteconomia; Reconhecimento e fortalecimento de uma</p>	
--	--

<p>classe profissional; Qual é minha missão profissional?; Qual a parte que me cabe?; Desejo de que a disciplina de biblioterapia na UFSC seja obrigatória; Interesse dos discentes em cursar a disciplina; Divulgação da biblioterapia em outras esferas além da Universidade.</p> <p>E 13 – Interesse em cursar a disciplina; Apoio para os projetos de atuação profissional.</p> <p>E 14 – Interesse pelo tema; Necessidade mais conhecimento e debate sobre o tema na Universidade; Tema não abordado na UDESC.</p> <p>E 15 – Pouco conhecida pelos profissionais bibliotecários; Subsidiar bibliotecários com mais informações e conhecimento sobre o tema.</p> <p>E 16 – Curiosidade e interesse sobre a biblioterapia; Como levar para a sala de aula; Inclusão como disciplina na UDESC; Relacionada com biblioteca escolar e pública.</p>	
--	--